



HARLEQUIN

**Romances**  
*Históricos*

R\$7,50!

EDIÇÃO 41



MEDIEVAL

A Escolha Honrada

Denise  
Lynn



HARLEQUIN

BOOKS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





HARLEQUIN

**Romances™**  
*Históricos*

R\$ 7,50!

EDIÇÃO 41



MEDIEVAL

A Escolha Honrada

Denise  
Lynn



HARLEQUIN  
BOOKS

# FALCON'S HONOR

Would duty make him  
blind to passion?



DENISE LYNN

# **A escolha honrada**

## **Série Falcon - 02**

**Denise Lynn**

Rhian de Gervaise deveria desprezar o cavaleiro que a escoltava rumo a seu tenebroso futuro. Porém, quanto mais perigosa ficava a jornada seu desejo por Gareth de Faucon, cujo compromisso assumido o obrigava a entregá-la a seu algoz. Mas os sentimentos o impeliam a desejá-la como a noiva escolhida por seu coração!

Poderes sombrios tramavam para que Lady de Gervaise fosse eliminada. E os motivos eram tão misteriosos quanto sua beleza enigmática e o amuleto que trazia junto ao peito.

Gareth estava disposto a enfrentar os maiores desafios para protegê-la, pois a paixão não lhe daria outra escolha!

## Prólogo

### ***Primavera, 1142 Norte da Inglaterra***

SIR Edgar, capitão da guarda de Faucon, observava a fumaça da fogueira se elevar e desaparecer na escuridão da noite.

Edgar e os outros homens ao redor do fogo davam pouca atenção aos sons noturnos. Continuavam atentos às vozes exaltadas na tenda de seu senhor.

Embora todos já tivessem sido repreendidos por Faucon uma vez ou outra, nenhum deles jamais o ouvira erguer a voz para uma mulher. Os homens faziam apostas. Será que o lorde se controlaria, ou sua protegida o faria perder a cabeça? Edgar apostava em Faucon.

— Meu Deus, salve-me!

Os insistentes pedidos de ajuda não recebiam resposta. Embora todos estivessem nervosos, Edgar sabia que ninguém ajudaria a mulher. Se ela estava naquela situação, era por querer seguir a própria vontade em detrimento das ordens do rei Stephen.

Ela relutava em ser entregue à família materna. E há dois dias tornava a vida de todos um inferno.

Edgar não sabia se admirava ou sentia pena da paciência de seu senhor. Se estivesse no lugar dele, a moça já teria sentido o peso de sua mão. Ninguém censuraria Faucon caso isso acontecesse.

— Solte-me!

O som de uma bofetada fez com que vários soldados se encolhessem, como se a tivessem recebido também.

— Seu porco imundo!

Com um suspiro, Edgar se ergueu e dirigiu-se à tenda de seu mestre.

Antes que pudesse cruzar a clareira, lorde Gareth de Faucon surgiu, examinando o braço sob a luz que emanava da tenda.

— Nunca faça isso novamente.

A ameaça estava subentendida na voz de Faucon. Olhando de soslaio, Edgar percebeu que os outros estavam petrificados. Todos sabiam que aquele tom era um sinal de que Faucon chegara ao limite. Edgar temia pelo ouro que apostara; já podia visualizar suas economias encolhendo consideravelmente.

Gareth olhava para o braço, que ela arranhara na tentativa de provar o quanto estava descontente.

— Céus, estou sangrando!

Enfurecido, ele decidiu cuidar do arranhão e colidiu com Edgar.

— Milorde. — Edgar manteve o equilíbrio e impediu Gareth de cair. — Não seria melhor explicar toda a situação novamente?

— *Novamente?* Acha que não tentei? — O espanto dele era óbvio ao capitão. — Essa discussão só serviu para que eu conseguisse uma dor de cabeça, uma bofetada e um braço arranhado.

Ele rumou para a fogueira e aceitou um odre de vinho. A bebida excessivamente fermentada desceu com dificuldade por sua garganta. Gareth engoliu, mas conteve a careta ao devolver o odre que lhe fora oferecido.

Bebida amarga e mulheres desagradáveis tinham algo em comum — ambos conseguiam arruinar seu bom humor.

— Lorde Faucon!

Gareth instintivamente se virou ao ouvir o grito, e viu sua protegida sair correndo da tenda para desaparecer na escuridão da floresta.

— Por todos os santos! — ele praguejou bem alto. Se aquela garota achava que ia escapar, estava muito enganada.

Gareth e seus homens chegaram à orla da clareira ao mesmo tempo. O longo tempo de convivência fazia com que ordens fossem desnecessárias. Quando Gareth fez um rápido aceno com a mão, seus homens se alinharam ao seu lado para começar a vasculhar a floresta.

Um destacamento de quinze homens certamente serviria para encontrar aquela mulher teimosa.

Ele havia jurado entregar a moça aos parentes e voltar ao serviço do rei dentro de um mês. Cumprir aquela missão agora se transformara numa questão de honra.

*Honra.* Sua reputação, bem como a de sua família, já fora manchada em Lincoln.

Mesmo tendo obedecido às ordens de seu superior, a culpa pesava na alma de Gareth. Haviam se retirado da batalha, deixando o rei desprotegido, permitindo que o inimigo capturasse e aprisionasse Stephen por meses.

Sim, ele encontraria a mulher. Não que tivesse escolha. Se falhasse com seu rei desta vez, sua cabeça serviria de adorno nas ameias de Windsor.

*Um pequeno grupo de homens observava a tudo em silêncio. Quando a mulher fugiu, todos olharam para seu líder. Ele os conteve com um gesto. Sua hora chegaria. No fim, ela cairia em suas mãos.*

*Era melhor permanecerem escondidos por enquanto. Que Faucon cuidasse da mulher. Seria muito mais satisfatório tomá-la dele.*

*O tempo e a sorte estavam a seu favor.*

# Capítulo Um

Rhian deu um pulo. A ordem parecia vir do próprio ar. Ela quase derramou os jarros que levava para o salão principal.

*Escolher o quê?*

Estava em Browan Keep há poucos dias e não tinha a intenção de permanecer ali para descobrir o motivo de sua inquietação.

O lugar era um refúgio temporário — refúgio que se tornava mais desagradável a cada dia.

E agora uma voz invisível insistia para que fizesse uma escolha.

*Mas escolher o quê?*

— Mulher! — O grito veio de um dos homens no salão. — Mais rápido com essa cerveja. — Uma ordem repetida inúmeras vezes naquela noite.

Servir aquele grupo de bêbados a irritava um pouco, pois os grosseirões sempre tentavam lhe apalpar. Browan não tinha um mestre. Ouvira dizer que o senhor daquela fortaleza havia morrido em uma caçada e que o rei Stephen ainda não enviara um substituto.

O homem que estava temporariamente no comando não tinha controle sobre os outros; por isso, a licenciosidade reinava. Quanto mais bebiam, mais tentavam acariciá-la quando passava.

Embora outras garotas apreciassem essa atitude, ela não queria se comprometer dessa maneira. Já tinha sido bastante comprometedor aparecer ali sozinha; não queria piorar as coisas. ,

Ela colocou o jarro com estrondo sobre a mesa, esquivando-se de um par de mãos.

Um sorriso satisfeito surgia em seus lábios quando se deparou com outro daqueles fedorentos.

— Ah, benzinho, você tem bom gosto. — O homem cingia sua cintura, prendendo-a com força.

Rhian murmurou uma imprecisão:

Quando ele quis um beijo, o mau hálito fez com que a necessidade de escapar aumentasse e ela acertasse um dos jarros

de cerveja na cabeça dele.

O jarro se partiu, apenas a alça ficou em sua mão. Mas ele nem se moveu do lugar. Ou a cabeça era feita de rocha, ou estava bêbado demais para notar o ataque.

Então ele sacudiu a cabeça, sorriu e caiu no chão. A reação do homem parecia ser mais demorada que o normal.

Sem parar para verificar se ele ainda respirava, Rhian correu para a entrada. Estrondosas gargalhadas irromperam no salão.

Rezava para que a pequena passarela que ligava a fortaleza à muralha interna, ainda inacabada, estivesse no lugar. Sua prece foi atendida, e ela atravessou as tábuas.

O vento frio açoitava seu rosto enquanto corria às cegas pelo passadiço iluminado por tochas, procurando uma maneira de alcançar o pátio. Já era noite e a muralha não era lugar para uma criada.

Ouviu um tropel de cavalos mais abaixo.

— Você, garota!

O grito não soava ameaçador. Ela respirou fundo antes de olhar para o homem no pátio.

Rhian protegeu os olhos por causa da claridade da tocha que ele carregava. A voz não entregava sua idade. O *homem* era pouco mais que um garoto. Seria um escudeiro? Era óbvio que não era um dos homens de Browan.

— Ah, ela é obediente!

Quando os homens que o acompanhavam riram, Rhian se afastou da beirada. Ele não parecia ameaçador, mas os homens ao redor dele tinham bem mais idade e aspecto detestável.

— Não pretendo lhe fazer mal. Só quero fazer uma pergunta.

O tom de súplica a incitou a responder.

— Não tenho tempo para conversas, seja rápido.

— Seu mestre está em casa?

— Não, Browan não tem mestre.

— Mas deve haver algum responsável.

— Sir Hector está cuidando da fortaleza enquanto o novo mestre não chega. — Por que ele conversava com ela? Poderia ter feito perguntas nos portões.

— Meu mestre ficará feliz em ouvir isso. — Ele puxou as rédeas do cavalo como se pretendesse partir, mas se dirigiu a ela novamente. — Diga, os portões de Browan ficam sempre desprotegidos?

Rhian ficou pasma. Era por isso que o rapaz interrogava uma mera criada. Que tipo de imbecil estava cuidando daquele lugar? Isso explicava por que ninguém a notara na muralha, mas não explicava por que deixar a fortaleza à mercê de qualquer invasor. Se ela prezava pela própria segurança, deveria partir de Browan ao amanhecer.

— Eu... eu não sei. Talvez os guardas estejam ocupados com outra coisa.

O rapaz assentiu.

— Talvez você tenha razão. Obrigado por sua ajuda. Sem esperar que ele e seus companheiros partissem.

Rhian andou de um lado para outro, procurando uma escada que a levasse ao pátio.

O homem limpou a garganta. Quando ela ergueu o rosto, ele apontou para a esquerda com sua tocha.

— Se procura por uma escada, há uma logo adiante. Sem dizer mais nada, ele partiu. Os outros o seguiram, as risadas ecoando na noite.

Para seu alívio, ela conseguiu descer a escada sem cair. A relativa quietude do pátio lhe oferecia um pouco de paz. Os dois guardas que encontrou não lhe deram muita atenção, apenas perguntaram o que ela fazia em Browan. Ela ficou surpresa quando permitiram que seguisse caminho ao dizer que era uma das criadas. Não lamentaria nem um pouco partir dali.

Rhian se recostou na parede de uma choupana para descansar um pouco antes de voltar para a cozinha. Enquanto o cansaço abandonava seu corpo, sua mente fervilhava. Como viera parar ali? Teria perdido o juízo? Por que não ficara com...?

— Você! Garota!

Por que todos a chamavam de *garota*.

Ela olhou para o homem no cavalo. Na escuridão da noite, não via muito mais que sua silhueta. Como estava montado e

acompanhado por muitos outros, presumiu que era alguém de certa importância.

— Sim, milorde?

— Onde estão os cavaleiros? Por que ninguém veio nos receber?

Desorientada, Rhian olhou na direção do estábulo.

— Uma grande celebração está acontecendo esta noite. Talvez estejam festejando no salão.

— Isso não é desculpa.

Mesmo não podendo discernir seu semblante, algo na voz soava vagamente familiar. *Não, ocultara bem seus rastros. Ele não seria capaz de encontrá-la tão rápido.*

Confiante nas habilidades aprendidas com o pai, Rhian não se preocupou mais. Todos os homens importantes falavam naquele tom arrogante.

— Por que está sozinha aqui fora numa noite escura como essa?

Uma pergunta que ela deveria ter feito a si mesma antes de buscar refúgio no pátio praticamente deserto. Mesmo assim, a segurança dela não dizia respeito a ele.

— Só queria respirar um pouco. O salão está muito cheio e abafado.

— Se já respirou o bastante, volte para a segurança da fortaleza.

Ele se aproximou com o cavalo, fazendo com que ela sentisse o hálito quente do animal em seu rosto. Rhian se encolheu.

— Pretende desobedecer a uma ordem?

Ela respirou fundo para conter a irritação e parecer o mais subserviente possível.

— Não, milorde, eu jamais faria isso.

— Então vá!

— *Escolha.*

— Escolher o quê? — Rhian estava cansada de receber ordens. Olhou ao redor da cozinha impregnada de fumaça.

Hawise, uma velha criada, meneou a cabeça.

— Garota, você poderia escolher qualquer homem do salão...

A risada zombeteira de Rhian interrompeu o comentário absurdo.

— E o que eu faria com ele? — Era ridículo sequer considerar escolher algum daqueles beberrões.

Hawise se aproximou, sussurrando:

— Qualquer coisa que quisesse! Isso o ajudaria muito na vida.

Só um milagre a ajudaria a esta altura.

— Não preciso desse tipo de ajuda, mas agradeço por sua preocupação.

— Isso não foi um conselho, sua tonta. — Uma das criadas mais jovens retrucou enquanto saía da cozinha.

Outra criada, uma loura, comentou:

— Está fazendo jogo sujo às nossas custas. Rhian ficou atônita.

— O que quer dizer?

— Exibe-se para nossos homens, mas não se deita com ninguém. Eles agora ignoram as que sempre dispuseram seus favores.

Todos naquela fortaleza eram insanos.

— Eu nunca me ofereceria assim.

— Não? — A loura ergueu uma sobrancelha. — Você é melhor que as outras?

— Não, só não quero me comprometer desta forma. A garota se aproximou das outras.

— Ouviram isso? A *dama* não quer se comprometer com um homem entre as pernas. — Ela pegou um jarro e passou por Rhian.

— Não sabe o que está perdendo.

Quando Rhian conseguiu recuperar a voz, não havia mais ninguém na cozinha exceto Hawise, que ria escandalosamente.

— Ora, ora... — Hawise conseguiu parar de rir. — O que foi, pequena dama? O gato comeu sua língua?

Rhian tentava imaginar um modo de mostrar àquela mulher o absurdo da situação. Mas não havia como explicar qualquer coisa sem revelar sua identidade.

Hawise a olhava de maneira especulativa, como se pudesse ver sua própria alma. Por fim, ela meneou a cabeça antes de entregar a Rhian uma tigela de doces.

— Leve isto para o salão, *milady*, e volte depressa. Será que ela descobrirá?

— Hawise... — Rhian implorou.

— Vá e não demore. Nada de se exhibir para os homens. Deixe-os para as outras.

*Exibir-se, pois sim.* Rhian olhou para os homens reunidos no salão e encrespou os lábios. Não havia um sequer que lhe chamasse a atenção.

Ela se aproximou da mesa erguida sobre o estrado no fim do salão para deixar os doces.

Antes que pudesse voltar para a cozinha, alguém a segurou pelo pulso.

— Ah, aí está você, amorzinho. Ela encarou o homem.

— Deixe-me ir. Tenho trabalho a fazer.

Ele se levantou, puxando-a para que sentisse a evidência de sua masculinidade.

— Senhor, não faça algo que lhe causará arrependimentos depois.

— As pernas dela tremiam, mas ela se recusava a demonstrar medo.

— Arrependimentos? — Ele se inclinou, os olhos azuis turvados pela bebida e pela luxúria.

Rhian piscou duas vezes para ter certeza do que via: Hawise arrastava a criada loura para perto do homem.

— Por que quer uma garota esquelética como essa? — A mulher indicou Rhian antes de atrair a atenção do bêbado para a loura de corpo mais favorecido. — Esta aqui está mais do que disposta a atender suas necessidades.

Felizmente, o homem desdentado se interessou pela outra garota, dando a Rhian a chance de voltar para a cozinha.

Hawise logo a seguiu.

— Eu disse para voltar imediatamente. Não sabe ouvir?

— Eu tentei voltar, mas fui impedida.

— Você não se esforçou muito para se soltar.

— O que eu deveria fazer?

— Dê um chute. Use seu joelho. Como consegue sobreviver sozinha?

Rhian ergueu a cabeça.

— Sobrevivi muito bem até agora.

— Sim, provavelmente sob os cuidados de seu pai. — Hawise se sentou em um banquinho. — Não minta para mim, já estou velha e cansada demais para isso. Você não é uma criada, não é?

— Não pode ter certeza disso. — Rhian fez uma pausa, considerando as próprias palavras. — Isso não importa, logo irei embora.

Hawise riu.

— Para onde vai, criança? Uma mulher viajando sozinha é presa fácil para todo tipo de assassinos e predadores.

— Saberei me cuidar. — Ela conseguira sobreviver muito bem até o momento. Mas para ser honesta, chegara a Browan Keep por acaso.

— Cerveja! — Gritos ecoavam do salão.

Para fugir daquela conversa, Rhian pegou alguns jarros e rumou para lá.

— Ainda não terminamos! — a mulher avisou.

Como muitos homens já tinham dormido pelo chão, Rhian não se preocupou muito com o assédio ao colocar os jarros nas mesas. Terminando sua tarefa, olhou para a entrada do salão.

Esta era uma escolha que poderia fazer: ouvir o sermão de Hawise ou abandonar Browan. Os portões estavam desprotegidos, nada a deteria.

Distraidamente, Rhian tocou a fita em seu pescoço. O único item de valor que possuía estava pendurado naquele cordão improvisado.

O pendente de ametista lhe fora enviado após a morte da mãe meses atrás. Era arredondado, com o esboço de um dragão gravado no centro. Mal pôde respirar pela dor da lembrança, uma dor que ainda assombrava seus sonhos.

Seria fácil sair do salão. Ninguém notaria sua ausência. Se não houvesse nenhum cavaliço nos estábulos, talvez conseguisse atrair um dos cavalos até os portões.

Rhian apertou os lábios. Se o cavalo apenas a seguisse para fora, isso seria considerado roubo? Ela bem sabia a resposta: se fosse capturada, perderia a vida.

Um cavalo requisitaria comida que não possuía. Poderia ir caminhando. Se evitasse a estrada e seguisse pela floresta, como fizera antes, andaria mais rápido e em segurança.

Tendo tomado uma decisão, caminhou com determinação por entre as mesas em direção à saída.

Quando se aproximava, pôde ouvir certa movimentação do lado de fora. Rhian desacelerou os passos. Mais homens pareciam estar chegando. Se agisse rápido, talvez pudesse escapar sem ser notada.

As portas foram abertas com tanta força que bateram nas paredes e o estrondo ressoou por toda a fortaleza.

Rhian praguejou baixinho. Estava muito próxima para evitar o grupo. Ela curvou os ombros e baixou a cabeça, na esperança de parecer bem servil. Talvez, se continuasse andando, eles simplesmente a deixassem passar.

Certa de que sua idéia funcionaria, Rhian olhou por cima do ombro antes de se esgueirar para a entrada. Como ninguém a observava, continuou seu caminho e colidiu com uma dura cota de malha.

## Capítulo Dois

— Perdão, milorde. — O homem com o qual Rhian colidira não se moveu nem disse nada. Na verdade, parecia que todos ao redor estavam paralisados.

O medo invadiu seu corpo. Ela fechou os olhos por um instante antes de erguer a cabeça. Só um homem poderia ser tão alto.

A imprecação que ela deixou escapar não foi nada servil.

— Ora, ora, que recepção encantadora. Combina com roupas tão adoráveis. — Os olhos verdes a examinavam com atenção. — Agora percebo meu erro. Passei toda a semana procurando por uma *dama*.

Rhian sabia que ele se referia com sarcasmo ao vestido esfarrapado, aos cabelos desmazelados e à sujeira em seu rosto. Não, ela não se parecia em nada com uma dama.

Mas não recuaria por causa daquele comentário. Simplesmente ergueu o queixo, endireitou os ombros e o encarou de igual para igual.

Ele acenou para um de seus homens antes que ela pudesse fazer qualquer coisa.

— Lady Gervaise, David cuidará de você por enquanto. — Após uma breve pausa, ele disse ao escudeiro. — Mantenha-se alerta. Coloque-a numa cela, use sua espada se necessário, mas não a deixe escapar.

O rapaz com quem ela falara no pátio desembainhou a espada e lhe estendeu a mão ainda livre.

— Milady, se me dá a honra.

Rhian o ignorou. Continuava a sustentar o olhar de Gareth de Faucon.

— Ainda pretende me dar ordens? — Um sorriso surgiu em seus lábios. — Sabe que elas não surtiram muito resultado antes. — Olhando para as unhas quebradas e mal cuidadas, sabia que não poderia arranhá-lo desta vez. Mas isso não significava sua derrota.

— Poderá me atacar, depois. — Com um rápido movimento, ele a segurou pelo pulso. — Talvez acabe sendo divertido. Mas agora, faça o que eu mandei.

Antes que ela pudesse responder, ele acrescentou:

— Lady Rhian, ficarei satisfeito em brigar com você mais tarde. Talvez eu até lhe ofereça meios para que possa cortar minha garganta dessa vez. Mas no momento... — ele fez uma pausa e indicou o salão com a cabeça —, tenho assuntos a tratar. Poupe-nos de maiores aborrecimentos.

Ela ficou irritada ao constatar que ele tinha razão. Não suportaria se as pessoas da fortaleza descobrissem que ela era uma fugitiva do rei. Isso causaria muitas complicações.

Rhian encarou Faucon com um olhar furioso antes de rumar para a cozinha, com David seguindo seus passos.

Qualquerguerreiro de valor conhecia a vantagem do elemento surpresa. Gareth de Faucon não era diferente. Aprendera muitas lições com seu irmão mais velho, Rhys.

Mas sua vantagem teria sido inócua se os portões de Browan não estivessem desprotegidos. Um erro que beirava a traição.

Gareth olhou pelo salão principal. Duvidava que os homens caídos no chão notariam sua chegada. Mas, aparentemente, nem todos tinham caído em estupor por causa da bebida. Um homem fora atacado por um jarro de barro. Era óbvio que Lady Rhian não tinha gostado de seus modos.

A maioria dos homens ainda acordados procurava um corpo desejoso de compartilhar o leito naquela noite. Pela risadinha das criadas, Gareth imaginava que não teriam dificuldades.

Como ele e seus homens não tinham entrado no salão brandindo armas, ninguém os notara.

Fato que jamais aconteceria novamente.

Gareth acenou para que seus soldados o seguissem enquanto caminhava até o centro do salão.

— Onde está Sir Hector? — O grito despertou a atenção de todos. Gareth se surpreendeu. Tinha imaginado que o grupo estava completamente embriagado. Então todos os olhares se

concentraram em uma figura mal vestida na mesa principal, que cambaleou antes de se firmar de pé.

— Aqui estou. Quem pergunta?

Gareth não respondeu imediatamente. Primeiro queria ver o rosto de Hector de perto. Continuou a cruzar o salão, e parando apenas quando alcançou o estrado.

— Gareth de Faucon. — Ele entregou a carta do rei Stephen;— Seu novo mestre. — O homem não precisava saber que ele só seria o legítimo senhor de Browan Keep quando entregasse Rhian à família. Um detalhe que logo seria resolvido.

Vendo o selo, Hector contornou a mesa o mais rápido que suas pernas bambas permitiram e gesticulou para a cadeira ao centro.

— Milorde, por favor, junte-se a nós. — Ele acenou para uma criada. — Traga comida e bebida.

— Não, suspenda a ordem. — Gareth olhou para seu capitão e então caminhou lentamente até o outro lado da mesa. Antes que pudesse alcançar o lugar de honra, seus homens já haviam se posicionado estrategicamente ao redor do salão. Nenhuma porta, corredor ou escada tinha ficado desprotegido.

Gareth se sentou na cadeira de espaldar alto e se dirigiu a Sir Hector.

— Não julga que seu serviço tem sido imprestável? O homem parecia verdadeiramente confuso.

— Talvez possa me explicar certas coisas.

Hector se aproximou da mesa.

— Deseja conversar em um lugar com mais privacidade?

— Não. Como minhas perguntas dizem respeito a todos aqui, este lugar serve.

Aqueles que não estavam embriagados demais se aproximaram do estrado. Gareth observou cada um deles, imaginando se algum seria de valia para Browan Keep.

— Diga-me, Sir Hector, quantos homens guardam a muralha?

Hector franziu o cenho. Era difícil determinar se estava confuso ou se apenas pensava.

— Há dois homens em cada portão, o principal e o posterior, e mais seis espalhados pelos passadiços, milorde.

Escondendo seu espanto, Gareth perguntou:

— E estes homens são leais?

— Sim, milorde. Sem dúvida. Eles dariam a própria vida para proteger a fortaleza.

Gareth praguejou e ergueu-se irritado, a cadeira caindo ao chão.

— Edgar, proteja a fortaleza. Agora! Não deixe que ninguém entre ou saia.

Quando o capitão e metade de seus homens saíram, ele se dirigiu a Sir Hector:

— Parece que temos problemas.

Os olhos dos homens se arregalaram.

Com a espada presa em sua cintura, Gareth rumou para a saída.

— As muralhas e os portões estão desprotegidos, dez homens desapareceram. — Hector ficou aturdido, então o seguiu o mais rápido possível. Quase foi esmagado pelos outros homens de Faucon, que se apressaram em acompanhar seu mestre. !

Gareth parou na entrada e gritou:

— David! — Apesar do que poderia encontrar lá fora, queria que o rapaz e a pequena fera ficassem em um dos aposentos lá em cima.

Depois de certo tempo, David surgiu no salão segurando um pano manchado de sangue na cabeça e arrastando uma mulher consigo. Infelizmente, a mulher não era Lady Rhian.

Gareth sentiu uma dor surgir nas têmporas. Fechou os olhos, imaginando se era assim que alguém à beira da morte se sentia.

Abriu os olhos e esperou pela explicação de David, rezando para não ouvir o que mais temia.

— Lorde Faucon, ela me atacou. — O tom esganiçado revelava o quanto estava surpreso. — Com um caldeirão. — Então puxou a mulher. — E essa... essa mulher me fez tropeçar para que eu não apanhasse a dama.

— Dama? — A velha se soltou. — Ora, ela é só mais uma das criadas da cozinha. — A risada dela soou tão estridente que a cabeça de Gareth latejou ainda mais.

— O rapazinho será um ótimo soldado. — Todos perceberam o sarcasmo da criada. — Estava tão ocupado admirando as outras

moças que nem viu o caldeirão se aproximando.

David tentou esconder seu embaraço, olhando para os próprios pés.

Gareth poupou David de um sermão. Na verdade, a culpa era sua por mandar um rapazola cuidar do serviço de um homem. David podia ser experiente em batalhas, mas ainda não sabia lidar com mulheres obstinadas. Seu escudeiro aprendera a lição da maneira mais difícil.

Ele olhou de David para a velha.

— Aquela *criada* é Lady Rhian de Gervaise.

Como a mulher não demonstrasse surpresa, Gareth estreitou os olhos.

— Parece que você já sabia... ah, perdão, não lembro de ter ouvido seu nome.

— Hawise — Sir Hector disse. — Ela é responsável pela cozinha.

— Eu não tinha certeza de que fosse uma dama. — Hawise torcia os dedos na saia de seu vestido enquanto lamentava. — Era apenas uma suspeita.

Gareth apontou para Hawise.

— Se quer continuar vivendo nesta fortaleza, é melhor que você e David encontrem logo Lady Rhian.

David parecia hesitante.

— Lorde Faucon, como...

Gareth ergueu a mão, interrompendo a pergunta do escudeiro.

— Dois homens os ajudarão. — Não acreditava no que estava falando. Ninguém precisaria de quatro pessoas para capturar uma mulher — a não ser que a mulher em questão fosse Lady Rhian.

Uma criada recolhia os cacos de um jarro quebrado do chão. Ele resolveu reconsiderar.

— Melhor levarem quatro homens.

Dizendo isso, saiu. Precisava descobrir como os dez guardas haviam desaparecido.

O vento frio da noite fustigava seu rosto enquanto atravessava as tábuas que levavam ao passadiço. Observando o pátio mais abaixo, percebeu as formas daqueles que já procuravam pelos guardas. Nenhum canto daquela fortaleza deixaria de ser vasculhado.

Uma figura pequena demais para ser confundida com um de seus homens cruzou o pátio. Quando ela desapareceu sob a sombra dos estábulos, Gareth decidiu persegui-la. Ela não escaparia assim tão fácil.

Rhian puxou bem o capuz de seu manto e se esgueirou no espaço entre o estábulo e a muralha. Pelos gritos, sabia que os homens estavam procurando algo. Só não conseguia determinar o quê. Mas isso não importava. Ela tinha sua própria missão — escapar de Faucon.

E também do rei e de qualquer um que tentasse entregá-la para seus parentes. A *adorável família* de sua mãe nem mesmo reconhecera sua existência naqueles 19 anos.

Rhian sabia pouco sobre eles, apenas ouvira rumores. Diziam que eram pagãos, servidores do demônio. Agora que seu pai morrera, queriam-na para que casasse com um de seus semelhantes.

Ela preferia morrer.

O pai a criara sozinho, tinham vivido muito bem sem eles durante todos aqueles anos. Portanto, Rhian conseguiria uma maneira de viver sem a família materna agora também.

Respirando fundo, olhou pelo canto do estábulo e conteve uma imprecisão. Pressionando-se contra a parede, rezou para que Faucon não a tivesse visto. Com a sorte que estava tendo ultimamente, podia contar apenas com sua astúcia.

Se não podia cruzar o pátio para alcançar os portões, teria que achar um caminho por trás do estábulo. Avançou lentamente ao longo da parede, completamente envolta pela escuridão. Seu pé atingiu algo sólido que a impediu de continuar.

Não querendo perder a proteção do prédio, Rhian se abaixou para empurrar o objeto para fora do caminho. Seus dedos encontraram carne humana — um corpo sem vida. Como o pai apreciava batalhas, Rhian já estava familiarizada com mortos. Continuando sua exploração, imaginou que a substância pegajosa que cobria a cota era sangue.

Ela esfregou a mão no chão, tentando limpar o sangue antes de esfregar os dedos na ponta da capa.

Além de uma pequena prece, não havia nada que pudesse fazer pelo falecido. Então ela se levantou e passou por cima do corpo. Mas tropeçou em algo que descobriu ser outro homem morto.

O medo se infiltrou nela. Não tinha medo dos mortos, que não poderiam lhe fazer mal algum, mas do assassino. E se ele ainda estivesse por ali? O estômago de Rhian se revirou. A idéia de continuar caminhando pela escuridão não parecia mais tão atraente.

Ela tentou conter sua imaginação. Os corpos já estavam frios, provavelmente haviam sido mortos enquanto todos bebiam e festejavam no salão.

Rhian meneou a cabeça, desgostosa. Onde estavam os guardas que deveriam estar vigiando a fortaleza?

*Guardas.*

Aqueles homens usavam armaduras. Poderiam ser os guardas desaparecidos?

Ela refletiu por um instante, ouvindo os gritos dos homens de Faucon ecoando pelo pátio. Era óbvio que procuravam alguma coisa. Dando mais um passo, esbarrou em um terceiro corpo. Será que estavam procurando por aqueles homens?

Rhian decidiu se afastar dos mortos, voltando em direção ao pátio. O que faria agora?

Enquanto pensava, foi puxada pelo ombro. Antes que pudesse gritar, um homem perguntou: — Precisando respirar um pouco mais?

Ela não precisava se virar para descobrir quem a segurava.

— Eu estava tentando fugir quando me deparei com alguns homens mortos. — Não havia razão para mentir.

Faucon soltou seu ombro, mas logo a agarrou pelo braço. Depois de chamar por seus homens, que surgiram munidos de tochas, arrastou Rhian até o local que ela indicava.

Rhian não pôde conter o susto ao ver os corpos cobertos de sangue, assassinados como os homens que tinham levado o pendente de ametista até Gervaise Keep.

Seu estômago se revirou novamente. A única ligação que havia entre Gervaise e Browan era ela mesma. Rhian tentou controlar o

medo.

Faucon se dirigiu ao seu capitão:

— Edgar, conduza Lady Gervaise em segurança até o quarto.

Rhian quis reclamar daquele tratamento, mas suas palavras desapareceram ao ver novamente os mortos iluminados pela luz das tochas.

Gareth esperou que Edgar levasse Rhian antes de examinar os corpos. À primeira vista, suas gargantas pareciam ter sido cortadas. Contudo, a coifa de armas os protegia da cabeça aos ombros.

Enquanto tentava descobrir como eles haviam morrido, Hector chegou e ficou visivelmente horrorizado com a cena.

— Quem poderia ter feito isso?

— Algum estranho teve permissão para entrar na fortaleza recentemente?

— Não. — O homem pareceu reconsiderar a resposta. — Só a mulher que você chama de Lady Gervaise.

Gareth não duvidava que Lady Rhian desejava cortar sua garganta, mas não acreditava que ela fosse capaz de matar alguém.

— Quanto sangue! — Hector observava os corpos. — O que terá acontecido?

Gareth se ergueu.

— Só um exame poderá nos revelar algo.

A conversa foi interrompida por gritos que clamavam por justiça. Gareth e Hector correram para o pátio. Gareth puxou a espada ao se aproximar do grupo.

— O que está acontecendo aqui?

A gritaria parou e um dos homens de Browan se apresentou, as roupas rasgadas e sujas.

— Fomos atacados pelas costas antes que pudéssemos dar o alarme.

— Quantos eram? — Gareth perguntou.

O homem olhou para os companheiros antes de responder.

— Acredito que oito. — Os outros assentiram. Sir Hector perguntou:

— Quantos de vocês sobreviveram?

O homem arregalou os olhos.

— Nós somos seis. — Cada um parecia mais machucado que o outro, mas ao menos estavam vivos.

Gareth respondeu a pergunta silenciosa.

— Três foram mortos. Um ainda está desaparecido. Ele franziu a testa, pensativo. Então oito homens haviam atacado os guardas de Browan. Ou eram muito habilidosos ou alguém os ajudara a preparar aquela emboscada. Mas por qual motivo?

Ele voltou a dar atenção aos guardas.

— Seus atacantes disseram qualquer coisa? Um deles respondeu, hesitante:

— Sim, senhor. Eles perguntaram onde a princesa dor— [ mia.

— Princesa? — Gareth e Hector perguntaram em uníssono.

O guarda encolheu os ombros.

— Eu disse que não havia princesa alguma aqui, mas eles riram e me atingiram na cabeça.

Gareth examinou o pátio, a torre e as paredes iluminadas por tochas. A fraca luz realçava a pobreza do lugar, as más condições dos muros e aparência abandonada da fortaleza.

*Uma princesa?*

A luz na torre prendeu a atenção de Gareth. Sem desviar o olhar, deu ordens a Hector.

— Cuide para que os corpos sejam levados para o salão e providencie assistência para estes homens.

Então saiu à procura de respostas para suas próprias perguntas.

— *Você o quê? — O líder do pequeno bando atirou um de seus trêmulos subordinados contra uma árvore. Seu braço prendia a garganta do homem.*

— *Milorde, quando cuidamos de todos os guardas, Faucon apareceu e nos impossibilitou capturar a mulher.*

*Num rápido movimento, uma arma afiada cortou a garganta do subordinado. O líder encarou os outros.*

— *Que isso não aconteça novamente.*

## Capítulo Três

Rhian andava de um lado ao outro de sua cela improvisada.

Observava o pequeno cômodo, que na verdade era pouco mais que uma re-câmara com porta.

Mas o tamanho de sua prisão era a menor de suas preocupações.

A antiga senhora de Gervaise, tornara-se, no espaço de uma semana, protegida de Faucon, fugitiva, criada e, agora, prisioneira. Eram mudanças suficientes para uma vida inteira.

O que aconteceria em seguida? Seria a esposa de um adorador do demônio?

Não se pudesse evitar.

Mas como evitar que isso acontecesse?

Cada passo no cômodo frio aumentava sua sensação de derrota.

Não, não desistiria tão facilmente. Faria o que fosse necessário para recuperar sua liberdade.

Ela parou ao lado do braseiro, procurando se aquecer. A brisa noturna da primavera tornava o quarto mais frio e o braseiro teria que permanecer aceso por horas antes que seu calor preenchesse o cômodo.

Horas que Rhian não pretendia passar naquela cela, naquela fortaleza. Mal podia conter um grito de frustração.

Ficar confinada era insuportável. Mas fugir para a floresta não parecia tão atraente quanto antes.

Mesmo ignorando aqueles estranhos assassinatos, sentia-se acuada por todos os lados — o rei Stephen, a família materna, e Faucon. Por que não a deixavam em paz? Por que ao menos não a tratavam de modo mais digno?

Rhian topou com o catre colocado a um canto, jogou-se nele e suspirou profundamente.

Por quê? Porque agora era uma ninguém.

Com a morte de seu pai, ela simplesmente deixara de existir. O rei Stephen já havia entregado sua casa para outro. Suas posses

foram levadas com a promessa de que Ihe seriam entregues quando chegasse ao seu novo lar.

Rhian tocou distraidamente o pendente. O que o futuro Ihe reservava? Não conhecia a família de sua mãe. Será que eram mesmo discípulos do demônio, como os rumores diziam?

Tentou não imaginar essa possibilidade. Encontraria uma maneira de fugir daquele destino.

Assustou-se com o barulho provocado pela porta do quarto ao ser aberta. Vendo Faucon, imaginou como estaria seu humor.

Faucon olhava para a porta, agora pendurada em uma das dobradiças. Com uma imprecação, ele ordenou que o capitão procurasse alguém para consertá-la.

Todas as emoções dela — receio, medo, culpa — irromperam em uma risada nervosa. Rhian levou a mão à boca na tentativa de abafar o som.

Faucon se virou e fitou-a.

— Fico feliz por poder diverti-la.

Rhian ergueu uma das sobrancelhas, retribuindo o olhar.

Ele examinou o pequeno quarto, andou até o braseiro e estendeu as mãos sobre ele.

— Você precisará de mais carvão. E de uma cama decente.

Aliviada por Faucon não estar gritando com ela, Rhian apalpou o colchão recheado de ervas e palha.

— Isto servirá. Não ficarei em Browan por muito tempo.

Faucon não saiu do lugar, mas a olhou de modo indecifrável.

— Mesmo? E quando pretende partir?

— Em breve.

— E para onde irá?

Rhian deu de ombros.

— Não importa, desde que seja bem longe do lugar para onde pretende me levar.

Faucon cruzou os braços e meneou a cabeça.

— O que a faz pensar que tem qualquer escolha nessa questão?

— É com minha vida que está lidando, Faucon. *Minha* vida.

— Você fala feito uma menina mimada que não conhece seu lugar.

— E aí que está enganado. Não há mais lugar para mim neste mundo.

Faucon esfregou a ponta do nariz enquanto seguia para a estreita janela.

— Se um rei chega ao ponto de assegurar seu futuro, eu diria que você tem um lugar no esquema das coisas. — Ele a encarou. — Não concorda?

Rhian, ainda sentada no catre, se recostou na parede.

— Ele me envia para uma família que nunca se importou com minha existência. Uma família que desconheço, exceto pelos rumores.

— Não acredito que esteja permitindo que mexericos controlem seu bom senso.

— E se os mexericos dissessem que eles reverenciam Satã? Isso não faria qualquer pessoa sensata refletir sobre o assunto?

Faucon deu de ombros.

— Talvez fosse melhor descobrir por si mesma se isso é verdade.

Rhian riu brandamente.

— Oh, sim. É fácil um homem dizer isso. Se os rumores fossem verdadeiros, você poderia usar a espada e lutar para se defender. Mas como eu poderia me proteger?

— Você? — Ele parecia surpreso. — Você enfrentou uma floresta para fugir de mim, um feito que poderia ter resultado na sua própria morte.

Rhian sentiu o rosto arder de vergonha.

— Eu não raciocino muito bem quando estou com raiva.

— Verdade? — ele esfregou o braço, deixando-a ainda mais embaraçada. — Mal posso acreditar.

— Se seu sarcasmo fosse maior, você acabaria se afogando nele.

— Se suas unhas fossem maiores, eu teria sangrado até a morte.

— Um guerreiro forte como você? Duvido muito.

Ele se afastou da janela e levou a mão ao peito.

— Ah, ela me considera um forte guerreiro. Meu coração explode de alegria por causa de palavras tão gentis. Considerarei isso um elogio.

— Considere como quiser.

Meneando a cabeça, Faucon suspirou.

— Para onde irá, Lady Rhian? O que fará? Como viverá?

Rhian se sentou ereta.

— Irá me libertar?

— Não enquanto eu viver!

— Por que não, Faucon? Não represento nada para você.

Desta vez, ele riu antes de responder.

— Nada? *Milady*, você garantirá meu futuro.

— Como? Que relação eu tenho com seu futuro?

Ele ficou sério. Por um momento, Rhian vislumbrou certo pesar nos olhos dele. Mas foi algo tão rápido que ela não sabia se tinha apenas imaginado.

— Digamos que ao completar esta tarefa, estarei nas boas graças do rei novamente.

Ela franziu a testa.

— O quê...?

— Todos têm experiências que preferem esquecer — ele afirmou antes que ela pudesse fazer a pergunta. — Até você.

— Eu? — Rhian meneou a cabeça. — Pois não me lembro de nada no momento.

— Não? Diga-me, *princesa*, por que estão à sua procura?

O coração dela disparou. O pai sempre a chamava assim, carinhosamente. Soava estranho ouvir outra pessoa chamando-a de princesa.

— *Princesa*? Não sei do que você está falando.

— Alguns guardas de Browan foram atacados por homens que queriam saber o paradeiro da princesa.

Rhian ficou com a boca seca.

— Você descobriu como os outros homens morreram?

— À primeira vista, parece que as gargantas foram cortadas. Mas a cota de malha tornaria isso improvável. — Faucon franziu as sobrancelhas, como se estivesse considerando o fato. — Assim que os corpos forem limpos, poderemos descobrir como morreram.

Ela esfregou as têmporas.

— Que ligação isso tem comigo? — Ela precisava analisar a situação antes de contar o que sabia.

— O fato de os assassinos estarem procurando alguém. Você é a única pessoa estranha que apareceu em Browan Keep nos últimos dias.

— Acha que sou a mulher que eles procuram? — Ela teria chegado à mesma conclusão se estivesse no lugar de Faucon, mas não lhe diria isso.

Ele permaneceu em silêncio, sem desviar os olhos de Rhian. — Faucon, isso é uma coincidência. Eu cheguei a Browan por acaso depois de sair da floresta. Se eu estivesse sendo seguida, teria sido capturada antes de atravessar estes portões.

A expressão dele permanecia inalterada.

Uma vozinha dentro dela dizia para que contasse tudo a Faucon.

Confusa, Rhian suspirou. Contar ou não contar?

— Faucon... — *Não, melhor esperar.* — Nada, Faucon. Esqueça.

Ele atravessou o cômodo e se postou diante dela.

— Nada? Não é o que parecia.

Rhian teve que inclinar a cabeça para poder olhá-lo, mas não queria permanecer naquela posição.

— Ajude-me a levantar. — Ela estendeu o braço.

— Não. — Ele cruzou os braços, meneando a cabeça. — Gosto de nossas posições.

Quando ela agitou a mão no ar, ele cedeu e puxou-a. Sua mão era quente, afugentava o frio.

Rhian deu um passo para trás. Mesmo estando de pé, precisava erguer a cabeça para ver seu rosto. *Alto demais.* Ela não gostava de homens tão altos. Isso a colocava em desvantagem.

As chamas do braseiro iluminavam os fios prateados que entremeavam os cabelos escuros. *Parecido demais com um lobo.* Ela não gostava de animais selvagens. Eram imprevisíveis. Os olhos brilhavam feito duas esmeraldas, contrastando com a pele queimada de sol. *Penetrantes demais.* Como, alguém poderia esconder um segredo de olhos tão perspicazes? Ele acabaria descobrindo seus pensamentos.

Seu queixo quadrado se retesava constantemente. *Enérgico demais.* Homens teimosos a irritavam. Perdiam a calma com qualquer discussão.

Ainda segurando sua mão, Faucon a levou ao peito. *Musculoso demais.* Ela apoiou a cabeça em seu peito também, lutando para clarear a mente subitamente enevoada.

Faucon acariciou seu pescoço. Para se manter de pé, Rhian fechou os olhos e apoiou uma das mãos em seu ombro. *Largos demais.* Homens assim achavam que podiam carregar todos os problemas do mundo nas costas. Por um instante, desejou que ele carregasse os seus.

— Rhian.

A voz profunda sussurrava uma ardente carícia em seu ouvido. *Convidativa demais.* Uma voz assim poderia convencê-la a...

Ele roçou os lábios nos dela.

Rhian se aproximou mais. O pulso estava acelerado de ansiedade.

Gareth deslizou as mãos por suas costas, abraçando-a. O beijo foi insistente, explorador.

Quando Faucon correu a ponta da língua por seus lábios, Rhian se surpreendeu com a explosão de calor e frio em seu corpo. Ele era tudo o que mais detestava, mas estava disposta a...

*Por Deus, no que estava pensando?*

Rhian meneou a cabeça e tentou empurrá-lo.

Faucon a soltou imediatamente, parecendo arrependido.

— Não sei o que eu estava pensando.

Para a surpresa de Rhian, o rosto dele começava a ficar vermelho.

— Não precisa se desculpar. — Ele foi até a janela para admirar as estrelas. — É óbvio que eu estava pensando na mesma coisa.

Ouviu sua aproximação. Faucon fazia seu coração acelerar, sua respiração falhar, sua garganta secar e sua pele formigar. Não conseguia agir naturalmente nem pensar com clareza. Isso não devia ser bom sinal. Felizmente, quando ergueu a mão para impedi-lo de se aproximar mais, ele parou.

Faucon limpou a garganta.

— Honestidade. Que atitude singular.

— Seria difícil mentir, não acha?

— Talvez. Mas não seria o esperado? Ela se voltou para Gareth.

— Como assim?

— Está a sós com um homem neste quarto. Não faria mais sentido fingir-se de virgem ofendida?

*Arrogante demais.*

— Por que eu faria isso?

— Não seria a melhor maneira de evitar maledicências caso alguém nos visse?

— Mesmo que alguém tivesse nos visto, eu não precisaria fingir nada. Não me importo com o que os outros possam pensar. Sou uma *virgem*, mas isso só interessa ao meu futuro marido.

Rhian mordeu o lábio, aflita. Sua consciência a atormentava.

— Faucon, temos que nos preocupar com outras coisas no momento.

O tom da voz dela fez Gareth se recostar na parede, do outro lado da janela, esperando que estivesse longe o suficiente para que seu coração desacelerasse.

Aquela mulher de cabelos negros e brilhantes olhos azuis ainda seria sua perdição se não tomasse cuidado.

— Que preocupações seriam essas, Lady Rhian?

Ela respirou fundo e Gareth imaginou se realmente queria ouvir o que ela tinha a dizer.

— Os corpos no pátio, cobertos de sangue. Eu vi algo semelhante em Gervaise. Dois mensageiros da família de minha mãe foram assassinados da mesma maneira fora de nossos portões. Os assassinos nunca foram encontrados.

Ela cruzou os braços, mas continuou explicando.

— Primeiro, imaginou-se que suas gargantas tinham sido cortadas, mas um exame cuidadoso revelou que alguém havia furado a veia do pescoço com algo pontiagudo como um prego. Isso explicaria a grande quantidade de sangue...

Gareth ergueu a mão, tentando assimilar a informação.

— Não havia pistas? Testemunhas? Nada que pudesse indicar os assassinos?

—Não. — Ela balançou a cabeça. — Os homens de meu pai procuraram inutilmente por semanas.

— Agora só sabemos que estão a procura de uma mulher. — Ele a fitou antes de olhar para a janela. — Uma princesa, para ser preciso.

— Posso assegurar que não sou uma princesa. Muitas coisas passavam por sua cabeça, mas Gareth preferiu não responder ao comentário.

— Esses dois mensageiros. O que queriam?

Rhian levou a mão até a gola alta do vestido e puxou o pendente.

— Eles me trouxeram isso. Queriam noticiar o falecimento de minha mãe.

Gareth pediu licença para examinar a ametista. Olhou o dragão, então revirou a peça em sua mão. Era imaginação sua ou o objeto parecia vivo, pulsante.

— Por que está tão quente? É como se estivesse junto ao fogo.

Ela o tomou de volta e o escondeu sob o vestido novamente.

— Está quente porque fica junto à minha pele.

Gareth observou o pendente deslizar entre os seios, imaginando o quanto a pele dela devia ser cálida. Tentou pensar num assunto diferente.

— Então foram comunicar o falecimento de sua mãe?

— Sim. — A voz de Rhian era quase um sussurro. — Eu nem mesmo sabia que ela estava viva.

— Ela não morava com você e seu pai? — Outro mistério.

— Não, nunca a conheci.

— Não achava isso estranho?

Rhian encolheu os ombros.

— Sempre me disseram que ela estava morta, por que eu estranharia a ausência dela?

— Então seu pai mentiu.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Certamente.— Apalavra parecia pesar em seus lábios. Rhian se afastou da janela, parando diante do braseiro.

— Pediu explicações ao seu pai?

Rhian o fitou, erguendo as sobrancelhas.

— Claro que sim. Não faria o mesmo?

Ele ignorou o tom amargo.

— E?

— Ele disse que nada disso importava mais. Tive que aceitar o assunto como encerrado.

Tudo ficava cada vez mais misterioso. Por que aquela tarefa não era tão simples quanto imaginara?

— Seu pai morreu logo depois, não?

Rhian assentiu.

— Seria muita intromissão perguntar como?

— Foi jogado do cavalo e morreu imediatamente.

Ele podia sentir a dor e o lamento na voz dela.

— Sinto muito, Lady Rhian.

Ela sustentou o olhar dele por um breve instante e agradeceu.

— Agora devo levá-la para sua nova vida em Caernarvon.

— Não.

— Não? O que quer dizer? Não a deixarei fugir novamente.

A risada amarga ressoou em seus ouvidos.

— Depois dessas mortes, não pretendo fugir. Só quis dizer que a família de minha mãe não vive em Caernarvon. Este é meramente o lugar onde deve me deixar.

— Deixá-la? — Ele parecia confuso. — Eu não a deixarei até me certificar de que está segura com sua família.

— Então, Lorde Faucon, se os rumores são verdadeiros, terá que seguir para Ynys Môn, Anglesey.

Gareth mal podia respirar.

— Druid's Isle?

Ele se repreendeu em silêncio. Rumores, apenas rumores. Não havia nada de satânico na ilha. Mesmo que alguns druidas ainda vivessem por lá, eles não tinham qualquer ligação com Rhian.

— Agora entende por que não quero encontrar minha "adorada" família? — A voz dela vacilava.

Ele percebeu o medo nos olhos de Rhian e lutou contra a vontade de confortá-la. Uma luta que perdeu ao se aproximar dela.

Gareth pousou as mãos em seus ombros.

— Não se amedronte com rumores, *milady*.

Rhian encostou-se a ele, como se buscasse conforto.

— Não posso evitar. Prefiro enfrentar o demônio que já conheço.

— Demônio? Não sou um demônio.

Ela apoiou as mãos em Gareth, que a abraçou.

— Não falava de você. Refiro-me ao desejo que sinto quanto estamos juntos.

Surpreendente. Uma mulher que não desmaiava ao ver pessoas mortas, que fugia para não encontrar a família.

Uma mulher que enfrentava um guerreiro com o dobro de sua força. Uma mulher que correspondia ao seu desejo e não hesitava em admiti-lo.

Uma mulher digna de ser sua esposa.

Ele engoliu em seco. *De onde tinha vindo essa idéia?*

# Capítulo Quatro

Os ombros de Gareth ficaram tensos. Ele recebera uma tarefa do rei. Precisava se concentrar em suas responsabilidades, não em pensamentos que só lhe trariam complicações.

Damas só causavam problemas. Seu irmão, Dárius, era testemunha disso. Era melhor vadiar com prostitutas.

Rhian o fitava.

— Eu o deixei chocado com meu comentário?

Ela aguardava uma resposta. Aqueles olhos azuis só o deixavam ainda mais confuso.

— Isso não é o suficiente para me chocar.

Gareth olhou para as estrelas, saudoso dos dias em que seus atos não eram observados, em que suas palavras não eram analisadas por aqueles que desejavam denegrir o nome de sua família.

— O que me choca, Rhian, é sua falta de zelo por sua reputação.

O riso soou abafado contra seu peito.

— Sua preocupação é... comovente. Mas desnecessária.

— Enquanto estiver sob minha proteção, nenhuma preocupação será desnecessária.

— Então me liberte. — Como ele não respondesse, ela decidiu erguer a cabeça.

Gareth suspirou.

— Eu não poderia fazer isso, *milady*.

Ela se afastou, virando-se para a janela. Faucon apoiou as mãos de cada lado da estreita abertura, como se a aprisionasse em uma armadilha.

— Faucon, se tiver um pingão de misericórdia, deixe-me ir.

— Não, você ainda terá que desfrutar de minha companhia por mais alguns dias.

Ela virou a cabeça para o lado, a trança do cabelo acompanhando o movimento. A pele clara e macia da nuca contrastava vivamente com os cabelos negros.

Gareth tocou suavemente a curva do pescoço. Um tremor percorreu o corpo de Rhian antes que ela pudesse se afastar.

Fascinado com a reação da pele macia, Gareth roçou o pescoço com os lábios, fazendo-a estremecer novamente.

Era inconcebível que o simples toque daqueles lábios pudesse fazer seu corpo se incendiar. Mas o volume que sentia às suas costas evidenciava que o desejo o dominava também.

— Beije-me, Rhian — Gareth sussurrou em seu ouvido.

Será que este beijo seria tão inebriante quanto o último? Ela se virou, parando para admirar os olhos verdes antes de trazer o rosto dele para si.

Gareth a abraçava com força, quase esmagando seus seios com a armadura. Mas o desconforto foi esquecido quando sua boca foi capturada.

Sentindo os braços a envolvê-la, as línguas entrelaçadas, Rhian conclui que estava fazendo a coisa certa. Logo seria entregue a um homem que não conhecia, um estranho que sua família escolhera.

Como se percebesse que sua mente estava distante, Gareth resmungou baixinho, atraindo a atenção dela para o que poderia ser desfrutado nos próximos dias.

Rhian queria ser acariciada, ser levada a alturas desconhecidas. Queria que Faucon arruinasse sua reputação e então a deixasse partir. Ela se aproximou ainda mais, pressionando-se contra o volume em sua virilha.

Gareth interrompeu o beijo.

— Rhian, devemos parar.

Ela continuava esperançosa. Reunindo toda a coragem, fitou-o nos olhos.

— Faucon, deixe-me partir. Ninguém descobrirá.

Ele fechou os olhos, como se lamentasse enquanto meneava a cabeça.

— Não posso. Preciso cumprir minhas ordens. — Ao abrir os olhos, um pequeno sorriso brincava em seus lábios. — Meu futuro depende dessa missão.

*É agora ou nunca.*

Rhian começou a contornar os lábios de Gareth com um dos dedos.

— Quero fazer um acordo, Faucon.

Ele mordiscou levemente o dedo de Rhian antes de dizer:

— Estou com medo do teor deste acordo.

Ela buscou coragem mais uma vez.

— Não fugirei novamente se... — ela respirou fundo —, se você me tornar sua.

Ele franziu a testa.

— Torná-la minha? — Arregalou os olhos ao compreender. — Não pode estar dizendo que...

— Sim, possua-me com seu corpo, Faucon. — Ela desviou o olhar antes de continuar. — Ensine-me os segredos dos amantes.

Ele gemeu, o que deu esperanças a Rhian.

— Sabe o que está pedindo?

— Não pediria se não soubesse.

— Mas você está prestes a se...

Ela colocou um dedo sobre seus lábios, impedindo-o de continuar.

— Casar, eu sei. Logo estarei casada com um desconhecido, cujo beijo eu talvez não aprecie. — Ela recomeçou a traçar o contorno de seus lábios. — Será que não mereço umas poucas noites de paixão?

Rhian esperava que sua lamuriosa súplica escondesse sua verdadeira intenção — fugir de seu destino.

— Será que não mereço guardar lembranças felizes em meu coração? Algo que poderei relembrar nas longas noites frias?

Ela não conseguia decifrar o olhar dele. Faucon não parecia chocado, tampouco animado com a oferta.

Ouviram pessoas se aproximando. Era Edgar que trazia dois homens para consertar a porta.

Rhian se virou para a janela, encostando a cabeça na parede.

Finalmente controlando seu desejo, Gareth fez o capitão acompanhá-lo para fora do quarto.

— Acharam o último homem em uma das cabanas de armazenagem. Está muito ferido, mas vai se recuperar — relatou Edgar.

— Bom. Conseguiu mais alguma informação? Edgar balançou a cabeça.

— Não, mas não interrogamos os guardas ainda. Quer que eu os traga até aqui?

— Não. — Essa era a última coisa que Gareth queria no momento. — Deixe que descansem. Eu falarei com eles pela manhã.

— Sim, senhor. — Edgar mirou um ponto atrás de Gareth. — A porta está quase pronta. Não quer que eu fique aqui para que você possa descer e comer?

— Estou bem, Edgar. Cuide para que os outros recebam comida e um lugar para dormir.

Edgar franziu a testa.

— Você precisa dormir mais do que qualquer um. Eu posso...

— Não!

O capitão recuou com o grito de Gareth.

— Não precisa arrancar minha cabeça, milorde. — Ele examinou seu senhor antes de sorrir. — Oh, entendo. Já tem planos para esta noite.

— De certa forma, sim. Pretendo passar a noite vigiando minha protegida.

Edgar arregalou os olhos.

— Sozinho? No quarto dela? Milorde, não acha que...

Gareth ergueu a mão.

— Eu só quero completar minha missão com sucesso. Dormirei no chão, perto da porta, não na cama dela.

Edgar ergueu as sobrancelhas.

— Ótima idéia, milorde. Cuidarei dos homens e depois voltarei para vigiar a porta. Assim ninguém perturbará... vocês.

Gareth conteve a resposta que pretendia dar ao capitão.

— Ótimo, Edgar. Até amanhã.

Gareth ainda esperou que os homens terminassem de consertar a porta para entrar no quarto e trancá-lo.

Rhian continuava no mesmo lugar. Devia estar envergonhada, talvez arrependida de sua ousadia.

O que ela estava planejando com aquela oferta? Não havia dúvida de que estava tramando alguma coisa.

Ela admitira ser virgem, mas agia de maneira sedutora. Será que estava assim tão desesperada para arruinar seu futuro?

Envergonhado, ele teve que admitir que aquilo não importava no momento. A oferta era muito tentadora.

Por outro lado, estava muito intrigado com aquela tentativa de manipulação. Ela teria coragem de chegar até o fim?

Teria ele mesmo tamanha coragem? Era como se tudo não passasse de um teste para saber se ele ainda tinha alguma honra.

Ele se apoiou na porta e chamou por Rhian. Ela se virou, ainda tentando ocultar o rosto.

— Rhian, eu adoraria lhe oferecer uma noite de paixão. Isso se não tiver mudado de idéia.

Ela deu um passo e finalmente o fitou.

— Isso ficará apenas entre nós? Não contará a ninguém?

Ele começou a caminhar na direção dela, o coração descompassado.

— Não saio por aí contando vantagem.

— Não irá me desprezar depois?

— Pensei que a opinião dos outros não importava.

Ela franziu a testa.

— Neste caso, a sua importa.

Ele parou a pouca distância dela, esperando encontrar as palavras certas.

—Você me oferece o que mulher alguma jamais me ofereceu. Como poderia desprezá-la?

— Não mudará de idéia quando o dia amanhecer?

Gareth deu de ombros.

— Acho que não, mas não tenho certeza. Rhian revirou os olhos.

— Bem, você costuma desprezar as mulheres depois de, de... — Ela parecia não saber que palavra usar para definir o ato.

Seria divertido ver que termo ela empregaria, mas Gareth resolveu poupá-la.

— Não sei, Rhian. Prostitutas geralmente não esperam até o raiar do dia.

Ele a puxou para perto, fazendo-a apoiar a cabeça em seu peito.

— Se tiver mudado de idéia, eu entenderei.

Ela meneou a cabeça.

— Não, não quero que me deixe.

Ele ergueu o rosto dela, procurando qualquer sinal de incerteza, mas nada encontrou.

Ela estava arriscando muito por uma noite de paixão. Ainda duvidava que Rhian fosse levar isso até as últimas conseqüências.

Gareth a beijou gentilmente.

— Já que ninguém pode saber o que faremos — ele disse, tirando a túnica e soltando o cinto —, terá que me ajudar com a armadura.

Rhian sorriu.

— Já banquei o escudeiro antes.

Os dedos dela tremiam ao ajudá-lo. Era como se quisesse rasgar tudo aquilo para que pudessem ir logo para a cama.

*O que ela estava pensando?*

Poucas horas antes, a mera sugestão de se deitar com um homem parecia degradante. Só uma prostituta barata agiria assim.

Mas ao se oferecer para um homem na esperança de conquistar a liberdade, estava sendo muito diferente das mulheres que ofertavam o corpo por dinheiro?

Imaginava por quanto tempo queimaria nas chamas do inferno.

Agora apenas usando a calça e as botas, Gareth alongava os músculos dos braços. Rhian respirou fundo. Ela tinha imaginado que a armadura era responsável por sua avantajada forma física. Mas estava enganada.

Céus, ele era enorme!

Rhian sentia a boca seca quando se ajoelhou para ajudá-lo com as botas. Então Gareth tocou seus cabelos. Assustada, ela ergueu os olhos e se deparou com... Por todos os santos, ela não podia continuar com isso!

Mas não tinha escolha. Não conseguia pensar em outra maneira para desafiar seu destino. Rhian mordeu o lábio ao retomar a

tarefa, mas não conseguia lidar com os laços. Lágrimas de frustração ardiam em seus olhos. *Que bela prostituta seria.*

— Rhian, eu cuido disso.

Enquanto ele tirava as botas, ela ficou parada no mesmo lugar, sem conseguir pensar.

Gareth fechou os olhos e meneou a cabeça antes de chamá-la. Como se estivesse em um sonho, ela percebeu que caminhava lentamente até ele.

Faucon puxou Rhian para o colo e abraçou-a, afagando suas costas.

Depois de certo tempo em silêncio, Rhian suspirou e relaxou. "

— Não precisamos continuar. Se quiser desistir, podemos parar agora.

*Parar?* Isso não seria admitir medo? Desde quando o medo a impedia de qualquer coisa? Por outro lado, seria sensato continuar?

A indecisão iria enlouquecê-la.

— Só me diga se eu preciso ter medo.

— Duvido que teria pensado em algo tão ousado se realmente tivesse medo de mim.

Ruborizada, Rhian admitiu:

— Não é exatamente de *você* que eu tenho medo. A risada de Faucon aqueceu seu coração.

— Sua imaginação não tem limites. Não é como se eu fosse matá-la.

Rhian não teve escolha senão sorrir. Faucon ergueu o rosto dela, sorrindo de maneira marota antes de perguntar:

— Ficaria desapontada se soubesse que não tenho essa vasta experiência que imagina?

Rhian suspirou. Puxando as saias para cima, acomodou-se no colo dele e voltou a pousar a cabeça em seu peito.

— Desapontada? Não, Lorde Faucon. Estou aliviada.

# Capítulo Cinco

— Aliviada?

— Sim, aliviada. Você não poderá comparar minha falta de jeito com muitas outras mulheres.

Gareth quase riu daquela lógica absurda. Mas sentir os dedos de Rhian acariciando seu peito bastava para comprometer sua razão.

— O que faremos agora?

Ele sabia o que devia fazer: parar. Não poderia desonrá-la, mas a vontade de saber até onde Rhian levaria aquele jogo era maior.

Gareth afagou as costas dela e começou a desfazer os laços do vestido.

Mãos capazes de empunhar uma espada com destreza agora tremiam. Seria capaz de despi-la antes que ela desistisse?

Por fim, o vestido deslizou até a cintura de Rhian.

A pele dela era macia ao toque. Ele queria saboreá-la, contudo, ao fitá-la, Rhian virou o rosto.

Sabia que ela não estava fazendo aquilo por prazer. Seria fácil convencê-la a concluir o que ela mesma iniciara, mas não a possuiria influenciado por uma mentira.

Gareth beijou seu ombro e pescoço antes de sussurrar em seu ouvido:

— Parece que alguém não quer realmente fazer isso.

— Não, eu ainda...

Ele ergueu o rosto dela.

— Ainda o quê, Rhian? Ainda quer arruinar sua reputação? Para quê? Para conseguir liberdade?

Ela não respondeu.

— Acha que sou idiota? Que estou tão ansioso por me deitar com uma mulher que não percebo quando estou sendo manipulado?

Rhian não suportava sustentar aquele olhar, portanto fechou os olhos.

— Eu pensei que...

— Pensou que eu a deixaria fugir caso se entregasse a mim?

Rhian meneou a cabeça.

— Não. — Um suspiro escapou de seus lábios. — Talvez.

— Não precisa se oferecer por algo que não acontecerá.

Quando ela se afastou, Gareth ainda avisou:

— Não fugirá novamente.

Ela lhe dirigiu um olhar furioso. Contudo, Faucon não parecia zangado com ela. Sua atitude gentil a confundia.

— Então o que faremos agora?

Gareth indicou a porta.

— Edgar está de guarda. Minha saída despertaria comentários.

Ele recolocou o vestido dela no lugar, tirou Rhian do colo e foi para o canto do quarto.

— Não pode dormir no chão — ela disse.

— Não se preocupe, você estará segura.

O desejo ainda fluía na voz de Faucon, deixando-a mais rouca que o normal.

— Não temo por minha segurança.

Ele se acomodou no chão, de costas para a parede.

— Talvez devesse.

A luz das velas acentuava as marcas escuras ao redor dos olhos dele. Uma ponta de culpa a atormentava.

— Não ficará confortável assim.

— Passei a última semana sobre o lombo de um cavalo. O chão será mais do que confortável. Vá dormir, Rhian, não se preocupe comigo.

Ela se deitou no catre.

— Não quer o cobertor?

— Não.

— Não há nada que...?

— Fique quieta e durma.

Gareth acordou com o chamado de Edgar do outro lado da porta.

Contudo, não lembrava ter ido dormir ao lado de uma mulher. Estavam abraçados, as pernas entrelaçadas.

Gareth não queria acordá-la, por isso ignorou Edgar. Depois de se acomodar melhor contra a parede, puxou a coberta até os ombros de Rhian. .

Isso era agradável. Acariciava distraidamente os cabelos dela, imaginando que seria fácil se acostumar a acordar assim todos os dias.

Quando percebeu que Rhian estava acordando, Gareth a apertou nos braços.

— Seu catre estava confortável *demais*.

Rhian bocejou.

— Foi a única maneira que encontrei para que parasse de falar enquanto dormia.

O estômago dele se contraiu.

— O que eu disse?

Rhian meneou a cabeça.

— Nada realmente. Só palavras desconexas.

Ele não acreditava nisso, mas deixou o assunto de lado.

Rhian se sentou, espreguiçando-se, e tocou os cabelos.

— Eu devo estar pavorosa.

Pavorosa? Na verdade, o sono deixara as feições dela mais suaves. Quando se alongava, o torso se erguia, fazendo com que Gareth tivesse que desviar o olhar dos seios.

— Posso mandar que lhe preparem um banho.

Os olhos dela se iluminaram.

— Isso seria maravilhoso.

— Milorde. — Edgar chamou novamente. Ambos olharam para a porta.

— Como ele sabe que você está aqui? — Ela parecia preocupada.

— Estamos num lugar estranho, é bom que meu capitão saiba de meu paradeiro.

Ela se levantou furiosa.

— Pois explique ao seu capitão que nada do que ele deve estar pensando realmente aconteceu.

Sentindo-se faminto e cansado, Gareth começava a perder a paciência.

— Ele comanda meus soldados, não minha vida. Edgar conhece o próprio lugar.

Rhian lhe lançou um olhar irritado antes de abrir a porta para o capitão.

Edgar ficou um tanto embaraçado. Fez uma cortesia antes de entrar e se aproximou de Gareth.

— Bom dia para você também, Sir Edgar. — Rhian disse para o vazio antes de fechar a porta.

Obedecendo a um gesto de Gareth, Edgar se voltou.

— Perdão, Lady Gervaise. Como vai nesta bela manhã?

— Um pouco de comida, um banho e certa privacidade tornariam esta manhã quase perfeita.

Gareth se levantou com um gemido.

— Será que Sir Hector preparou um quarto para mim?

— Sim, senhor. É o quarto ao lado. Suas roupas já foram levadas para lá e tomei a liberdade de lhe pedir um banho.

Gareth recolheu o que podia de suas roupas e armadura e parou diante de Rhian antes de sair.

— Ordenarei que lhe preparem um banho. Não saia desse quarto até eu voltar.

Rhian não respondeu.

— Não tente nada. Farei o que for preciso para que seja entregue à sua família.

Edgar recolheu o resto das roupas de Gareth e saiu. Rhian se aproximou da janela.

— E eu farei o que for preciso para não chegar lá. — Ela o encarou novamente, erguendo o queixo. — Nada mudou, Faucon.

As palavras revelavam frieza e desafio. Gareth praguejou e, antes que ela pudesse escapar, segurou-a com força.

Jogando as roupas no chão, Gareth murmurou:

— Muita coisa mudou, Rhian.

Antes que o beijo acontecesse, Rhian suspirou e cingiu seu pescoço.

— Mostre-me o que mudou, Faucon.

Gareth ficou parado. A voz dela era sedutora demais para alguém que estava tão furiosa segundos antes. Ele meneou a cabeça e recolheu novamente as roupas.

— Isso não vai funcionar.

Antes de sair, ordenou novamente.

— Não saia desse quarto.

As imprecações o seguiram porta afora.

Gareth olhou para os corpos. Mesmo livres de grande parte do sangue, a visão era repugnante.

A parteira de Browan era a única pessoa disponível para examinar os três mortos. Meneando a cabeça, ela chamou Gareth e Hector.

Gareth sabia o que ela queria mostrar, mas permaneceu quieto.

Não conhecia o povo de Browan. Não sabia como eles reagiriam se soubessem que os assassinos provavelmente tinham seguido Rhian até ali.

A mulher apontou para os corpos estendidos sobre a mesa.

— O que lhe parece?

Gareth se aproximou.

— Parece que foram feridos na garganta por algo pontiagudo.

— E arredondado — acrescentou a mulher, colocou o dedo indicador no ferimento. — Talvez algum tipo de lança.

Gareth franziu a testa. Mesmo que alguém habilidoso atirasse uma lança, a arma teria transpassado o pescoço dos homens.

— Percebo a vantagem dessa arma estranha, mas por que não usaram uma espada?

Hector deu de ombros.

A parteira parecia pensativa, então balançou a cabeça e fez o sinal da cruz.

— Não pode ser — ela murmurou, buscando apoio na mesa.

— Fale, mulher! — Gareth exclamou.

— Ouvi histórias sobre um grupo renegado de druidas que só usava armas feitas de espinheiro para matar seus inimigos. — Ela olhou para os corpos. — Isso impediria que os homens pedissem ajuda antes de morrer e os faria sangrar bastante.

— Por que usar espinheiro?

Ele olhou para a parteira.

— Veja se acha farpas nos ferimentos.

Então se dirigiu a Sir Hector.

— Certifique-se de que a guarda seja redobrada. Deixe todos em alerta.

Quando ambos foram cuidar das ordens recebidas, Gareth puxou Edgar de, lado.

— Precisamos partir o mais rápido possível. É a única maneira de afastar esses assassinos de Browan. Envie uma mensagem para o conde de Faucon pedindo mais soldados urgentemente.

— O que devo dizer, milorde?

Gareth pensou por um momento. A última coisa que queria era que seu irmão aparecesse.

— Minta. Diga que alguns homens ficaram muito doentes e que não posso adiar a viagem.

— Acha que ele acreditará?

Gareth riu.

— Não, mas como ele se casou há pouco tempo, estará ocupado com outros assuntos para que perca muito tempo refletindo sobre meu pedido.

Edgar riu e saiu para cumprir as ordens. Gareth olhou para as escadas.

O que faria com Rhian? Ela tinha razão quanto aos guardas. Será que os temores dela quanto à família também tinham fundamento? Seu peito se apertou com uma súbita vontade de protegê-la.

Gareth meneou a cabeça. Uma coisa de cada vez.

Talvez um pouco de comida servisse para aplacar a irritação dela no momento. Pegando um jarro de água, um pedaço de pão e queijo, rumou para o quarto.

# Capítulo Seis

Rhian acordou repentinamente. Dormira apoiada na toalha pendurada na borda da tina enquanto desfrutava do banho, cuja água já estava bem fria. Ela afastou a cortina que lhe dava certa privacidade e esticou o braço para pegar outra toalha.

Alguém a colocou em sua mão.

Não imaginava que uma das criadas estivesse à espera, mas estava grata pela assistência.

— Obrigada.

Levantou-se e saiu da tina. O ar frio a fez estremecer.

Rhian se enrolou na toalha imensa e macia e parou diante do braseiro.

Usou a primeira toalha para secar os cabelos. Escutou o ruído do banquinho sendo arrastado até ela e sentou-se. Sem virar para ver quem a atendia, agradeceu novamente.

Depois de secar bem os cabelos, Rhian pediu:

— Poderia fazer a gentileza de me trazer um pente?

Um pente começou a desembaraçar suavemente as pontas de seus cabelos. Rhian inclinou um pouco a cabeça para trás.

— Sinto muito, sei o quanto estão embaraçados.

A criada cuidava pacientemente de seus cabelos, mecha por mecha.

Rhian fechou os olhos e suspirou. Não imaginava o quanto sentia falta de uma aia. Quando o pente correu livremente por sua cabeleira, percebeu que a criada começava a lhe fazer cachos.

— Não é necessário, farei uma trança.

Rhian esticou a mão para impedir que a moça continuasse e então ficou paralisada.

Não era a mão de uma garota. O coração dela disparou. Rhian respirou fundo antes de se virar para ver a "criada".

Gareth sorriu. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele a puxou para seus braços. Quando Rhian tentou protestar, ele tirou partido disso para beijá-la.

A toalha caiu no chão.

A pele macia o atigava. O perfume de rosas preenchia sua mente com uma paixão irreprimível.

Gareth interrompeu o beijo e soltou Rhian com relutância.

Ela pegou a toalha do chão. O rosto vermelho e os dedos trêmulos o preveniram do tamanho de sua fúria.

Depois de cobrir-se novamente, Rhian ergueu a mão.

Gareth a deteve facilmente.

— Já senti o peso de sua mão uma vez, não quero passar pela experiência novamente.

— Seu porco — ela sibilou. — Faucon, eu juro...

— Gareth.

Rhian franziu a testa, confusa.

— Meu nome é Gareth. — Ele a puxou novamente, prendendo o braço dela nas costas. — Diga meu nome. Gareth.

Ela tentou se libertar. Mantendo-a presa com facilidade, ele repetiu:

— Gareth. Diga meu nome.

O olhar dela parecia ser capaz de dilacerá-lo.

— Que diferença isso faz? Ele a beijou na testa.

— Como já saboreei seu beijo e senti seu desejo, acho que seria apropriado ser chamado pelo nome.

— Perdeu o juízo? Pensei que estivesse zangado por causa de minha tentativa de manipulação.

— Estou zangado; mas disposto a esquecer o que poderia ter acontecido.

Gareth percebeu que Rhian retomava imediatamente o antigo plano.

Tentou não rir quando ela esboçou um sorriso extremamente superficial e apoiou a mão em seu pescoço.

— Então não vamos mais tocar nesse assunto, Gareth. Ouvir seu nome sussurrado por aqueles lábios era quase uma carícia.

Bem no fundo de sua mente, sabia que aquela submissão era uma mera manobra. Mas contra toda a lógica, o coração dele disparou dentro do peito quando a beijou mais uma vez. Seria muito fácil esquecer que ela só queria a própria liberdade.

Com um suspiro de rendição, Rhian se pendurou nele. Precisava se lembrar que aquilo era apenas um jogo.

Os lábios dele exigiam que ela correspondesse com paixão, fazendo com que culpa e vergonha se fundissem em seu coração. Ele não merecia ser usado assim. Gareth queria apenas obedecer ao rei e recuperar a honra que julgava perdida.

Incapaz de conter o grito que se avolumava em sua garganta, Rhian interrompeu o beijo.

— Pare! Faucon, pare!

Ver aquele olhar repleto de contrariedade a deixou ainda mais envergonhada. Ofegante, Rhian tocou seu rosto.

— Gareth, sinto muito. Eu... — Não sabia o que dizer para aplacar a raiva dele.

— Não precisa se desculpar. Eu sabia o que você queria e entrei em seu jogo.

Ela recuou, meneando a cabeça.

— Basta, Faucon. — Quando ele acariciou seus cabelos, Rhian o fitou nos olhos. — Gareth, não posso negar que o desejo, mas prometo que não tentarei nada disso outra vez.

Ele a puxou para perto, fazendo-a repousar a cabeça em seu peito.

— Também não posso negar meu desejo por você, Rhian.

As batidas ritmadas do coração de Faucon a fizeram relaxar.

— Eu tenho ordens para escoltá-la, mas não há nada que diga o que devo fazer depois.

O sorriso dele a deixou esperançosa.

— Então...

— Rhian, não há como prever o futuro. Talvez você venha a gostar realmente de sua família e do homem que será seu marido.

Ela bufou, mas ele continuou:

— Cumprirei meu dever para com o rei, mas se você não desejar ficar com sua família, eu a levarei para onde quiser.

Ela estava surpresa.

— Faria isso por mim? Isso não lhe causará problemas no futuro?

— Um cavaleiro jamais deixaria uma dama num lugar onde não deseje ficar.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Porque nunca menti para você. E nunca o farei. — Gareth refletiu por um instante. — Contudo, deve fazer uma promessa.

Ela ficou alarmada.

— Promessa?

— Sim. — Ele ergueu uma sobrancelha, como se a desafiasse a recusar. — Não tentará fugir novamente e dará uma chance à sua família antes de decidir o que fazer no futuro.

— Mas eles...

— Uma chance, Rhian. É só isso o que peço. Não sabe quais foram as razões para nunca terem procurado por você antes.

Ela considerou a proposta, percebendo que teria uma chance de decidir seu próprio destino.

— Está bem, eu concordo.

— Ótimo — ele respondeu.

Para preencher o silêncio constrangedor, Rhian disse:

— Acho que não tenho roupas limpas.

Ele apontou para o catre.

— Estão bem ali.

Rhian foi até o catre, perguntando sobre o ombro:

— Vai me ajudar novamente?

O coração de Gareth pulou no peito.

— Não. — Ele rumou para a porta. — Eu lhe encontrarei uma aia.

— Não pensei que fosse covarde, Faucon. Ele se voltou com uma reverência.

— *Milady*, admito minha covardia. Este pobre mortal prefere enfrentar uma espada, mesmo desarmado, a vislumbrar novamente a pele perfeita de seu corpo adorável. Uma visão que muito me atormentaria.

— Ora, ora. Você é talentoso com as palavras, não é mesmo? — Rhian se virou para ele e começou a desenrolar a toalha.

— Eu tento — ele disse, saindo apressadamente do quarto.

Rhian ainda estava rindo quando a porta foi reaberta. Gareth trazia Hawise a seu lado. Rhian parou de rir imediatamente.

— Não pode estar falando sério. Ela? Minha aia?

Gareth deu de ombros.

— É a melhor opção no momento.

Hawise olhou de um para outro, então apontou para Gareth.

— Então decidiu se comprometer com este aqui?

Rhian conhecia a ousadia da mulher, por isso decidiu colocá-la no devido lugar desde o princípio. Endireitou os ombros e encarou a antiga cozinheira com um olhar que afugentava muitos homens.

— Isso não lhe diz respeito.

Hawise meneou a cabeça, nem um pouco perturbada.

— Eu sei, mas é sempre divertido perguntar.

Faucon gargalhou.

Quando Rhian lhe dirigiu o mesmo olhar, ele se despediu.

— Tenho certeza de que estará em boas mãos.

Hawise riu.

— Esse olhar só funciona com homens, *milady*. — Ela começou a recolher as roupas que Rhian espalhara pelo catre. — Precisa de uma cama.

Rhian revirou os olhos.

— Já sei. Ao invés de perder tempo dizendo o que eu devo fazer, por que não age feito uma aia?

Hawise largou as roupas e lhe apontou um dedo.

— Você pode ter atacado um escudeiro para fugir, mas não pense que fará o mesmo comigo.

— Acha que poderia me deter? — Não que isso importasse, já que fizera uma promessa a Faucon. — Você é minha aia, não minha carcereira.

— Talvez devesse reconsiderar esse fato. Rhian estreitou os olhos.

— O que isso quer dizer?

— Significa, *milady*, que sei que está sendo escoltada para ser entregue à sua família. E farei o possível para obedecer ao meu novo senhor. — Ela sorriu maliciosamente. — Acho que ele não quer que sua reputação seja... *comprometida*.

A risada da mulher feria os ouvidos de Rhian, que trincou os dentes para conter a irritação.

— Quer parar de usar essa palavra?

— Eu só queria usar um termo que entendesse. Uma jovem dama não deve ser submetida a indelicadezas.

Rhian cerrou os punhos, olhou para o teto e praguejou. Seria inútil discutir.

Uma vez vestida, alimentada e sozinha, Rhian olhou pela janela.

As coisas não estavam acontecendo como tinha planejado. Bastava pensar em Gareth para sentir reações estranhas em seu corpo.

Ela meneou a cabeça. Precisava evitar maiores contatos com aquele homem.

Mas o que deveria fazer?

A porta foi aberta outra vez. Como o guarda que Gareth deixara de prontidão não tinha anunciado ninguém, imaginou que fosse Hawise novamente. Rhian não saiu da janela até uma mão agarrar seu ombro com força.

Ela deu uma cotovela na pessoa e se virou para ver quem era.

Ficou assustada quando viu um homem vestindo um capuz negro que escondia seu rosto. Ele esfregava o local onde fora atingido.

Os olhos dele brilhavam de ódio. Um ódio tão profundo que ameaçava congelar sua alma.

— Quem é você? Como passou pelos guardas?

Ele não respondeu, apenas tentou agarrá-la novamente. Rhian se esquivou e correu para a porta, mas foi atirada contra o catre. Enquanto tentava recuperar o fôlego, o homem a segurou.

— Onde está?

— Onde está o quê?

— O dragão de ametista. — Ele apertava seu ombro com tanta força que certamente deixaria marcas. — Onde está? — A voz era quase um rosnado.

Rhian levou a mão ao pescoço. O pendente havia sumido!

O homem avançou sobre ela. Rhian tentou gritar, mas ele a calou com a mão.

— O guarda de seu quarto morreu bem rápido. — Ele puxava algo da túnica. — A escolha é sua.

Rhian engoliu em seco. A arma parecia uma pequena foice de madeira, não muito curvada, mas de ponta bem afiada. Aquela

arma provavelmente matara os mensageiros em Gervaise e os guardas em Browan. . — Onde está o dragão?

Ele baixou a foice até alcançar a gola de seu vestido. Com um rápido movimento, rasgou o tecido.

— Por que não está usando o presente de sua mãe? Rhian ficou surpresa. Como ele sabia disso?

Ele brincou com a arma, esfregando-a de um lado a outro sobre a pele exposta antes de levá-la ao rosto de Rhian.

— Eles ficarão desapontados. O dragão ganha mais poder quando fica aninhado entre seus seios. — Ele enfatizou as palavras arrastando a foice até o vale entre os seios.

Rhian conteve um soluço de medo. Seu corpo tremia. Tentou se livrar dele, mas esparnar não adiantava. O homem era pesado demais e o vestido atrapalhava seus movimentos.

Céus! Ela não queria morrer. Uma lágrima correu por sua face. Rhian fechou os olhos com força, na esperança de que outras não caíssem.

Ele a segurou pelo queixo, como se estivesse disposto a quebrar, sua mandíbula.

— Onde está o dragão? Não tenho o dia todo.

— Eu não sei.

Ele cortou seu ombro com a ponta da foice. Rhian gritou de dor. O sangue escorria por seu braço.

— Faremos da maneira mais difícil, já que insiste.

Ele cobriu a boca e o nariz de Rhian com a mão, impedindo-a de respirar. Olhando-a nos olhos, começou a murmurar palavras ininteligíveis.

— *Rhian! Fuja agora!*

Rhian ouviu a ordem da mulher, mas não tinha forças para obedecer.

— *Pelo amor de Deus, minha princesa, fuja!*

Outra voz se juntou à primeira. Soava estranhamente semelhante à de seu pai. Satã certamente invadira aquele quarto.

— *Agora!*

Instigada pelas ordens, Rhian empurrou seu atacante e engatinhou às cegas até a porta. Gritava aterrorizada com o

homem e as vozes.

O homem lançou-se sobre Rhian com a arma erguida. Os olhos prometiam um fim trágico para sua vida.

Rhian levou as mãos ao rosto e gritou novamente.

A porta se escancarou e Gareth lançou a espada contra o peito do homem encapuzado.

Edgar, Hector e mais dois guardas entraram correndo no quarto, empunhando armas.

Gareth ergueu Rhian nos braços e ordenou:

— Quero a parteira e Hawise no meu quarto imediatamente.

Sir Hector olhou para o homem morto no chão.

— Mas, milorde...

— Ele não vai a lugar algum. Vigie o quarto até minha volta — ele berrou.

Rhian estava agarrada a ele, aos soluços. Gareth a carregou para o quarto e, mantendo-a no colo, sentou-se na cama.

Afastou os cabelos de Rhian do rosto e então notou o sangue em seu braço. O coração dele ficou aos saltos.

— Jesus, o que ele fez? — Raiva e medo se misturavam. — Rhian, preciso ver seus ferimentos.

Ela enterrou ainda mais o rosto no peito dele. Gareth suspirou e a abraçou gentilmente.

— É minha culpa. Nunca devia ter confiado sua segurança a ninguém.

A preocupação transparecia em sua voz. Ela respirou fundo e finalmente perguntou:

— Espíritos são bons ou maus?

— Espíritos? Mas que bobagem era essa? — Acalme-se, ele não era um espírito.

— Eu sei. Mas eu ouvi meu pai dizendo para que eu fugisse. — Ela franziu a testa. — E uma mulher também.

— Rhian, ele a feriu na cabeça?

— Não. — Ela mordeu o lábio, franzindo a testa novamente. — Eu sei que era meu pai.

Gareth decidiu não discutir.

— Talvez tenha sido um truque de sua mente para que você agisse.

Enquanto ela refletia sobre o assunto, Gareth aproveitou para examiná-la. O corte no ombro não era profundo, mas marcas de dedos já começavam a se formar ao redor.

Rhian estremeceu.

— Era uma pequena foice. — Ela olhou o próprio ombro antes de fitar Gareth. — Provavelmente foi a arma usada para matar os outros.

Gareth respirou fundo.

— O que ele queria com você?

— Meu pendente. Ele sabia que era presente de minha mãe. — Ela parecia confusa.

Gareth queria fazer Rhian esquecer de todo o horror que sofrera, mas sabia que só o tempo poderia fazer isso.

— Há mais deles. Querem o pendente, mas não sei por quê.

Gareth olhou para o vestido rasgado.

— Ele o levou?

Rhian levou a mão ao peito.

— Não. Eu o perdi.

— Você estava com ele pela manhã, não? Ela assentiu.

— É provável que a corrente tenha se partido enquanto estava no banho. Deve estar na tina ou no chão do quarto.

— Estava numa fita, era nova. E eu havia dado um nó.

— Rhian...

Uma batida na porta os interrompeu.

Ele a beijou na testa antes de sentá-la na cama.

— Hawise e a parteira cuidarão de seu corte.

Quando Gareth se levantou, ela o segurou pela mão.

— Vai me deixar?

O medo ainda brilhava nos olhos de Rhian. Desejava tomá-la nos braços e protegê-la de qualquer mal enquanto vivesse.

Levou as mãos dela aos lábios.

— Estarei no quarto ao lado. As portas ficarão abertas. Basta gritar que estarei aqui em um segundo. — Com relutância, ele a deixou.

— Por que ele ainda não voltou? — Ele sabia a razão. O homem enviado a Browan certamente fora capturado — ou morto.

Só seu informante poderia lhe fornecer os detalhes. O homem socou uma árvore e praguejou.

— Terei que cuidar de tudo eu mesmo.

Então encarou cada um de seus homens com fúria.

— Juntem suas coisas. Logo estarão à nossa procura. Então se virou para a fortaleza.

— Até breve, princesa. Faucon trará você e o dragão até mim. Logo terei uma das chaves. O riso maligno ecoou na floresta.

# Capítulo Sete

Gareth observava o homem morto. Os guardas de Browan haviam removido o capuz que escondia seu rosto ao examinarem o corpo.

As feições do homem o surpreenderam momentaneamente. O homem se parecia com Rhian. Os mesmos cabelos negros, o mesmo nariz, a mesma boca.

Quando Edgar se aproximou silenciosamente, Gareth perguntou:

— Não notou nada de estranho nesse homem? Edgar olhou para o homem no chão.

— A dama tem um irmão?

— Não que eu saiba. O rei Stephen disse que era filha única.

— Um bastardo, talvez?

— É uma possibilidade. Mas por que tentaria matar Rhian? — Gareth foi até a tina. — Ele queria o pendente. Mas se era apenas isso, não haveria razão para matá-la.

Ele colocou a mão na água fria e encontrou a jóia perdida, ainda presa à fita.

Quando o capitão se aproximou, Gareth lhe entregou o pendente.

— Não vejo nada de especial nessa peça. E você?

Edgar ergueu o pendente contra a luz para melhor examiná-lo e meneou a cabeça. Gareth caminhou até o corpo.

— Este homem confirmou que há outros. Talvez estejam escondidos em algum lugar dentro da fortaleza.

— Não! — Hector empalideceu visivelmente. — Já vasculhamos tudo. Onde poderiam estar escondidos? Gareth cutucou o corpo com o pé.

— Não sei, mas é óbvio que um deles conseguiu escapar das buscas de ontem à noite.

— Ou alguém o manteve escondido — Edgar sugeriu. O rosto de Sir Hector ficou vermelho de ultraje.

— Ninguém em Browan ousaria isso. — Dirigiu um olhar especulativo a Edgar. — Talvez um de seus homens tenha se descuidado nas buscas.

Edgar jogou o pendente para Gareth antes de encarar o outro homem.

— Os guardas de Faucon jamais são descuidados.

— E o que me diz do rapazinho que deixou a dama fugir? — Sir Hector deu um bufo sarcástico. — Aquilo não foi descuido?

Antes que Hector pudesse continuar, Gareth o ergueu do chão pela túnica. Empurrou o homem contra a parede e o manteve suspenso.

— Você era o responsável por esta fortaleza, mas também se descuidou gravemente de seus deveres. Se eu tivesse cravado sua cabeça em uma estaca, ninguém me recriminaria. — Ele o largou no chão.

Gareth saiu do quarto, acompanhado por Edgar.

Já fora da fortaleza, Gareth avaliou rapidamente a segurança do lugar. Como sempre, o pátio interno fervilhava de pessoas cuidando de seus afazeres.

Ele observou as muralhas antes de perguntar:

— Mandou a mensagem para Rhys?

— Sim, os soldados devem chegar em um dia ou dois.

— Quando chegarem, coloque-os nas muralhas. Os homens daqui não seriam suficientes nem para deter um pequeno exército.

A entrada de uma carroça chamou a atenção de Gareth. Os guardas de Browan apenas acenaram quando o condutor ultrapassou os portões.

Gareth se dirigiu à carroça, gritando para que o condutor parasse.

Quando a carroça carregando oito barris de madeira parou, o condutor voltou os olhos vermelhos para Gareth.

— Algum problema, senhor?

— Isso depende. O que está levando?

— Apenas vinho, milorde — o homem gaguejou. Edgar sacou a espada.

— Vinho? Temos vinho armazenado para uma vida inteira aqui.

O homem riu nervosamente.

— Sir Hector gosta muito da bebida.

Gareth se sentou ao lado do condutor. Colocou o braço ao redor dos ombros do homem e sugeriu:

— Já que temos vinho sobrando, por que não abrimos alguns desses barris para examinar o produto?

— Desculpe, milorde, mas não bebo.

Gareth apertou o ombro do homem com mais força.

— Não? — O cheiro de vinho chegou às suas narinas. — Então usa o vinho para tomar banho?

— Milorde, eu...

Gareth ouviu o barulho da flecha pouco antes que esta se fincasse entre os olhos do condutor.

Ele largou o homem, pulou da carroça e parou ao lado de Edgar com a espada erguida.

O chamado do capitão quebrou o silêncio que agora reinava no pátio.

Dez soldados de Faucon surgiram correndo de todas as direções e rodearam a carroça com as espadas em punho.

Toda a atividade no pátio havia cessado, apenas uma pessoa ou outra espreitava pelas janelas.

Gareth olhou novamente para o condutor morto. Seu coração disparou. Pelo ângulo da flecha, só poderia deduzir uma coisa.

— A flecha veio da fortaleza. Edgar concordou.

— Preciso ver Lady Rhian. Quero um guarda de prontidão em cada entrada do pátio e da fortaleza.

Os homens se dispersaram para cumprir suas ordens.

— Edgar, livre-se dessa carroça e coloque o vinho em um lugar seguro para que seja examinado depois. E fique de olho em Hector. Não confio nele.

Edgar se postou diante de Gareth, empertigando o corpo.

— Milorde, não posso deixá-lo desprotegido. Gareth ergueu uma sobancelha.

— Não pode ou não quer? — Ele empurrou Edgar para o lado e rumou para a fortaleza.

— Milorde. — Edgar quase implorava. — Por favor, o conde Rhys me esquartejaria vivo, ou pior, se algo lhe acontecesse.

— Não sou um bebê, não preciso de uma ama. Mas se deseja tanto assumir esse cargo, tenho certeza de que minha irmã apreciará seus serviços.

— Perdoe-me, milorde.

Gareth olhou para o céu.

— Senhor, dê-me paciência! Desculpas aceitas. Agora faça o que eu ordenei.

Edgar não parecia muito satisfeito, mas o atendeu.

Rhian estava na janela do quarto de Gareth, observando ele e o capitão lidarem com o condutor da carroça, quando ouviu uma flecha sendo disparada acima dela.

Incapaz de sustentar-se nas pernas, Rhian escorregou até o chão. O que faria se Faucon estivesse morto?

O ruído de uma porta sendo fechada afastou seu torpor. Com Faucon fora do caminho, viriam à procura dela novamente? Ela não tinha forças para um novo ataque no mesmo dia.

Procurou freneticamente por um lugar onde pudesse se esconder. Mesmo uma fortaleza tão pobre quanto Browan teria um esconderijo nos aposentos principais.

Tateando a parede dos fundos, esta se moveu ligeiramente. Rhian atravessou o painel com dificuldade e o empurrou de volta ao lugar.

Ouvindo passos descendo as escadas, suspirou aliviada quando a parede se fechou sem ruído. Segura na escuridão da câmara secreta, Rhian se encolheu no chão.

A porta do quarto se abriu e duas pessoas começaram a vasculhar o cômodo, passando por seu esconderijo várias vezes.

Dois homens se falavam em uma língua estranha. As únicas palavras que conseguiu entender soavam como *ai-mitis dragan*.

Estariam procurando pelo dragão de ametista? O que havia de tão importante naquela jóia?

Depois do que pareceu ser uma eternidade, os homens deixaram o quarto. Sem saber se voltariam ou não, Rhian permaneceu onde estava.

Momentos depois, a porta do quarto foi aberta novamente. Ela conteve o fôlego ao ouvir o som de uma espada sendo retirada da bainha.

Então a pessoa parou em frente à câmara.

Ela ficou pasma quando o painel deslizou para o lado. Rhian sabia que não seria capaz de se defender. Ainda sentia dores por causa da luta com o homem encapuzado e por ter ficado tanto tempo encolhida naquele quartinho frio e úmido. Não sabia nem se conseguiria se levantar. Cobriu o rosto com as mãos, fechou os olhos e rezou para que seu fim fosse rápido.

Mas nada aconteceu.

Rhian olhou por entre os dedos.

Um par de olhos incrivelmente verdes a fitava.

— Pensei que estivesse morta — Gareth disse.

Rhian respirou fundo antes de admitir:

— Pensei o mesmo de você.

— Há quanto tempo está aqui? Ela estendeu uma das mãos.

— Não sei ao certo.

Quando ela se encolheu de dor ao tentar se levantar, Gareth a ergueu nos braços.

Gareth se sentou em uma cadeira de espaldar alto e a acomodou em seu colo. Rhian não resistiu muito e logo apoiou o rosto em seu peito, suspirando.

— Pensei que a flecha o tivesse atingido. — A voz era pouco mais que um sussurro.

— Não, era destinada ao condutor da carroça.

— Ela foi disparada acima deste quarto. Eu ouvi quando os homens desceram as escadas. Foi quando eu me escondi.

— Eles entraram aqui? Ela assentiu.

— Sim, acho que procuravam pelo dragão de ametista. Gareth vasculhou a túnica.

— Veja, encontrei seu pendente.

Rhian o segurou pela fita e ergueu a jóia no ar. A pedra brilhava na luz.

— Não é bonito?

— Não é exatamente o termo que eu usaria.

— Por que não?

Ele se sentiu um pouco embaraçado pelo o que iria admitir.

— Juro que esta coisa está amaldiçoada.

Gareth sentiu cada músculo do corpo de Rhian se retesar.

— Você também sente?

— Sinto o quê?

Ela o fez segurar a ametista. —Não sente o calor?

Mesmo que quisesse mentir, não poderia. Sentia o calor da pedra em sua mão.

— Sim. Rhian sorriu.

— Que bom! Pensei que era só minha imaginação.

— Pois eu preferia que fosse. Ficarei com a jóia por enquanto.

Dizendo isso, passou a fita pela cabeça e escondeu o pendente dentro da túnica.

## Capítulo Oito

— De novo não!

Rhian estava na estreita janela do quarto de Gareth — que agora lhe pertencia.

Dois dias atrás um arqueiro quase atacara Gareth, agora outro pretendia terminar o feito?

Não se ela pudesse evitar!

Com um guarda a segui-la, ela cruzou a fortaleza e alcançou o caminho para a muralha.

Rhian andava lentamente pelo passadiço, aproximando-se do homem vestido de preto que levava um arco ao ombro.

Gareth já tinha visto o visitante. Se Sir Melwyn achava que o pegaria desprevenido, ficaria bem desapontado.

Quando Edgar e David saíram do estábulo, Gareth acenou para o capitão.

Dispensando o garoto, Edgar se aproximou.

— Notícias de Faucon, milorde?

— Parece que sim. — Gareth indicou a escada que Sir Melwyn acabara de escalar. — O capitão de meu irmão veio nos fazer uma visita.

— O que ele está fazendo aqui?

— É o que pretendo descobrir.

Gareth viu Rhian na muralha e então olhou novamente para Melwyn. O capitão de Faucon estava abaixado atrás de alguns tonéis e puxava uma flecha de sua aljava.

Praguejando, Gareth correu na direção de Rhian. Ela não sabia que Melwyn não pretendia lhe ferir. E Melwyn tampouco sabia o que havia acontecido dias antes.

Rhian viu que ele se aproximava e gritou:

— Faucon! É um dos assassinos. Tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Melwyn baixou o arco, ficando parado no mesmo lugar, e foi agarrado pelos guardas de Browan. Edgar tentava não rir da confusão. Os homens de Gareth surgiram no pátio, ficando espantados com a cena.

Servos e aldeões de Browan começaram a aparecer exigindo vingança, carregando qualquer ferramenta que pudesse causar ferimentos.

Sir Hector, aos pés da escada, ordenava que jogassem o homem no calabouço.

Gareth abriu caminho entre a multidão, arrastando Edgar consigo.

— Parem! — A gritaria se reduziu a uns poucos murmúrios. — Ande, Edgar, desça o homem de lá.

Então Gareth subiu na ponta da escada e olhou para a multidão ali reunida.

— Este homem não é um assassino.

Rhian gritou:

— Ele...

— Basta! — O berro de Gareth a emudeceu imediatamente. — Este é o capitão da guarda do conde de Faucon.

Imediatamente todos recuaram. Ouvindo os sussurros de "demônio", Gareth achou graça da fama que o irmão conquistara e não se importou com o fato.

Mas não foi fácil ignorar o praguejar de Rhian, que agora marchava de volta para a fortaleza.

A multidão se dispersou e os guardas voltaram a seus postos sem esperar por qualquer ordem.

Melwyn chegou ao chão e lhe entregou uma carta do irmão.

Rhys devia estar mesmo ocupado com a nova esposa para ter dispensado um destacamento de vinte homens e enviado armas e suprimentos suficientes para um mês.

Guardou a carta e observou Melwyn. Por mais que os anos passassem, o capitão continuava com aquela aparência vil. Encaixava-se perfeitamente em seu papel como braço direito do demônio.

— É bom vê-lo novamente, Sir Melwyn. O que faz aqui?

— Eu já estava cansado de fazer companhia aos pombinhos. — Ele estudou Browan Keep, obviamente notando tudo o que havia de errado. — Não me diga que isso lhe pertence.

Gareth lhe deu um tapinha no ombro e sorriu.

— Não até eu entregar a dama à família.

— Talvez devesse desistir. Isso lhe custará uma fortuna.

— Eu sei, por isso Edgar e eu apreciaríamos qualquer conselho que possa nos oferecer. Quero começar a fortificação o mais rápido possível.

— Um incêndio seria um bom começo. — Ele olhou Gareth de soslaio. — E alguns guardas que conheçam suas devidas obrigações.

Edgar se adiantou.

— Os guardas no portão são de Faucon. Sabiam que estávamos esperando reforços do conde.

— Não estou vestido como um dos homens do conde. Edgar estava visivelmente indignado. Não era uma boa idéia juntar dois capitães. Gareth interveio.

— Sir Melwyn, você seria reconhecido de longe mesmo disfarçado de mulher.

Melwyn pareceu aceitar a observação.

— Quando pretende partir?

— Se nós três conseguirmos providenciar tudo, hoje à noite.

— Juntos somos 36 homens. Browan tem 15 bem saudáveis. Dez deles são muito bons, mas ainda preciso avaliar os outros cinco.

— Eles costumam andar sempre juntos? — Quando Edgar assentiu, os olhos de Melwyn brilharam de suspeita. — Separe-os. Dois ficam em Browan, três seguem conosco. Será mais fácil verificar a lealdade deles assim.

Gareth podia imaginar que tipo de artimanhas Melwyn usaria para testar aqueles homens. O capitão de Rhys era astucioso e não havia nada que não fosse capaz de fazer.

Gareth olhou para a fortaleza.

— Vocês decidem quem vai e quem fica. Edgar permanecerá aqui. — Quando o capitão se sobressaltou, Gareth acrescentou. —

As pessoas em Browan precisam se acostumar a seguir suas ordens. Será mais fácil ganhar controle se eu não estiver presente.

— E Hector?

— Ele não me serve para nada. Mas continue a vigiá-lo. Talvez você encontre alguma utilidade para ele.

— Se Sir Edgar permanecer aqui, é melhor que mais soldados de Faucon fiquem. Esse Sir Hector é perigoso?

Edgar encarou Melwyn.

— Posso cuidar dele. Porém, se algo acontecer a Lorde Gareth, arrancarei sua cabeça.

Melwyn riu de escárnio.

— Se algo acontecer ao seu senhor, o meu arrancará minha cabeça antes que você tenha a chance.

— Pois ele terá que me enfrentar primeiro.

— Isso não será um problema para o conde.

— Bom Deus, estou cercado por amas-secas de barbas.

— Gareth revirou os olhos. — Cuidem dos detalhes e preparem tudo. Verificarei os planos mais tarde.

— Sim, senhor. — Os dois responderam ao mesmo tempo. E voltaram a se provocar.

Gareth parou na entrada do quarto. Rhian se ergueu, fazendo uma mesura.

— Lorde Faucon. — O veneno em sua voz era óbvio.

— Você nos honra com sua visita.

Hawise, que fazia companhia a Rhian, simplesmente virou o rosto.

Gareth entrou no quarto e levou a mão de Rhian ao peito.

— Milorde! — Hawise se levantou.

Ele ignorou a mulher. Baixou a cabeça e sussurrou:

— Peço desculpas por ter gritado com você.

As emoções se misturavam no rosto de Rhian. A raiva se reverteu em espanto. Ela sorriu, mas estreitou os olhos ao dizer:

— Acha que poderá me desarmar com esse falso pedido de desculpas?

Gareth contraiu os lábios. Como ela era rápida!

— Não custa nada tentar, não é mesmo? — Ele lhe roubou um beijo.

Ela ainda estava zangada, mas tentava esconder o riso. Seria isso um bom sinal?

Rhian se afastou dele e colocou-se atrás de Hawise.

— Acha realmente necessário me humilhar na frente de todos?

Ele meneou a cabeça.

— Não percebi o que fazia no momento. Só queria impedir que você fosse morta.

Rhian cruzou os braços e inclinou a cabeça.

— E como uma coisa dessas poderia ter acontecido?

— Você estava prestes a atacar o capitão do conde de Faucon. Tenho certeza de que Melwyn revidaria o ataque.

— Ele mataria uma mulher?

— Rhian, ele é um homem treinado para lutar. Ele mata primeiro e faz perguntas depois.

Ela virou a cabeça.

— Seus homens recebem um treinamento bem estranho.

Gareth dispensou Hawise. Mesmo contra a vontade de Rhian, a criada saiu e fechou a porta.

Rhian deu as costas para Gareth e foi para a janela. Lutava consigo mesma. Deveria forçar uma discussão? Ou deveria deixar isso para outro dia?

— Não quero discutir com você.

— Então aceite minhas desculpas. Sou sincero ao dizer que não pretendia magoá-la.

Desta vez, o olhar dele não demonstrava sarcasmo, apenas desejo. Isso a reconfortava, afastando qualquer ressentimento.

— Aceito suas desculpas. Lamento ter sido tão afoita, mas pensei que o homem iria matá-lo.

Ele sorriu suavemente.

— Imaginei que fosse isso. Edgar explicará a Melwyn o que aconteceu nos últimos dias.

— Mas o que ele pretendia com aquilo?

— Só queria me pegar de surpresa. É a maneira dele de cumprimentar.

— Um "bom-dia" não seria suficiente?

— Você não conhece Melwyn. — Gareth a abraçou com força. — Mas no momento há coisas mais interessantes a fazer que falar sobre ele.

— Como o quê? — Ela ergueu o rosto e recebeu um beijo.

Um beijo que deixava suas pernas fracas e fazia seu sangue correr mais rápido.

Ele acariciava suas costas com uma das mãos, e usava a outra para afagar a lateral de seu seio. Rhian se pressionou contra ele, ansiando por mais do que beijos e carícias.

A porta do quarto se abriu.

— Basta! — Hawise cruzou o quarto, um tanto relutante em interromper a cena.

Gareth beijou Rhian na testa e se afastou.

— Eu vim para... avisar que partiremos esta noite.

— Esta noite? — Ambas o encararam.

— Sim, não quero perder mais tempo. A escuridão da noite pode nos oferecer certa proteção.

Rhian imaginou que ele provavelmente tinha razão.

— Cuidarei dos últimos detalhes. Desculpe a pressa, mas precisamos estar prontos ao anoitecer.

Hawise rumou para a porta.

— Vou guardar os pertences da dama. Comportem-se enquanto eu estiver fora. — Ela deixou a porta aberta ao sair.

Gareth tomou a mão de Rhian.

— Talvez esta seja a última vez em que ficaremos sozinhos. Só quero que saiba que farei tudo para protegê-la durante a viagem e depois.

Ela tocou o peito de Gareth, sentindo as batidas fortes de seu coração.

— Está preso a esta promessa, Faucon.

# Capítulo Nove

—LordeFaucon!

Ao chamado de Melwyn, Gareth refreou o cavalo e se virou na sela. Se Melwyn achava necessário chamá-lo, algo devia estar errado.

Era a primeira vez que Melwyn fazia contato pessoalmente naqueles dois dias de viagem.

Gareth e mais seis homens cavalgavam com Rhian, seguidos de perto pelas carroças. Melwyn e mais outros dez formavam um perímetro circular ao redor deles.

Entre os dois grupos, quatro homens levavam relatórios de um lado a outro. Estavam guardados por todos os lados e em constante comunicação,

Gareth se afastou do grupo para falar com Melwyn, parando ao longo da estrada que cortava a floresta.

— Milórde, estão faltando dois.

— O que quer dizer com *faltando*!

— Desapareceram. Homens e cavalos. Quando os relatórios começaram a demorar demais, eu mesmo fiz uma ronda e não os encontrei.

Como isso poderia ter acontecido?

— Você fez rodízios ao passá-los em revista? — Ele sabia que o irmão usava esse método quando estava entre pessoas que não confiava. Melwyn faria o mesmo. Sempre que a tropa era chamada em revista, cada homem deveria enviar uma resposta específica através do mensageiro.

— Sim.

Gareth começou a sentir uma agitação no estômago.

— Sabe quem é o espião? Melwyn assentiu.

Gareth praguejou, mas isso pouco serviu para aliviar o peso em seu peito. Os quatro mensageiros eram homens seus, não pertenciam a Browan.

— Traga-o aqui. Quero ouvir uma explicação antes que ele receba a punição que merece.

Melwyn se aproximou e o tocou no ombro.

— Se serve de consolo, eu também desconfiava dos homens de Browan.

Eles estavam em uma região que Gareth desconhecia. A fortaleza mais próxima poderia estar a quilômetros de distância.

A floresta servia para que viajassem despercebidos, mas impediria que os homens lutassem em sua melhor forma caso fossem atacados.

— Vamos parar na primeira clareira e aguardar pelo que vai acontecer.

Quando Melwyn se afastou, Gareth transmitiu a mesma mensagem aos homens.

Voltou a cavalgar ao lado de Rhian, corroído pela culpa, pois jurara protegê-la e agora a colocava em perigo porque um de seus próprios homens se tornara um traidor.

— Gareth. Algo está errado, não é?

Ele queria poder inventar uma mentira qualquer.

— Sim, mas não posso falar nada.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Não *pode* ou não *quer*?

Gareth olhou para trás. Os homens demonstravam sinais de cansaço e preocupação. A presença de Melwyn os alertara para algum tipo de perigo. E sua ordem para pararem na próxima clareira só servira para deixá-los ainda mais vigilantes.

Então falou para que todos escutassem.

— Dois homens desapareceram. Há um traidor entre nós.

Os homens atrás dele ficaram atônitos. Rhian retraiu-se.

Porém, foram as apostas que irritaram Gareth. Os soldados tentavam adivinhar se o traidor era um Browan ou um Faucon. Cada vez mais alvoroçados, os dois grupos começaram a trocar ofensas.

Rhian devia ter pressentido a irritação de Gareth, pois tocou seu braço e alertou aos que vinham mais atrás:

— Não é sensato aborrecer seu senhor.

A discussão terminou. Um ou dois pediram desculpas.

Gareth duvidava que fossem sinceras, mas isso não tinha importância. A questão agora era zelar pela segurança de Rhian.

Vendo uma clareira mais à frente, sabia que poderia cumprir sua missão.

Depois de desmontar, Gareth ordenou que uma tenda fosse erguida para Rhian e Hawise. Ao menos teriam um pouco mais de segurança que ao ar livre.

Ele guiou Rhian até um tronco na clareira para que se sentasse.

— Acha que eles nos atacam?

O receio na voz dela traía o semblante calmo.

Gareth olhou para o céu, depois para a floresta ao redor.

— Se quisessem nos pegar de surpresa, já o teriam feito. Ele acenou para Melwyn, que chegava ao acampamento.

— Só tenho certeza de que não desistirão do pendente. — Ele acariciou o rosto de Rhian, que segurou-lhe a mão e beijou-lhe a palma.

As batidas do coração de Gareth dispararam, a floresta agora parecia abafada. Como se estivesse num sonho, ouviu a aproximação de alguém.

Melwyn bufou de desgosto e murmurou:

— Você também?

Gareth se virou para Melwyn com um ar de profunda inocência. '

— Será que todos os Faucons contraíram a mesma doença?

— Talvez você tenha sido o transmissor. Afinal, você se casou bem jovem.

Melwyn revirou os olhos.

— Não tão jovem. Mas eu e minha esposa nunca ficamos por aí arruinando feito passarinhos.

O rosto de Rhian ficou levemente corado. Para diminuir o embaraço dela, Gareth dispensou Melwyn.

Surpreendentemente, o capitão não fez comentários. Apenas bufou novamente e saiu para cuidar das carroças.

Gareth acompanhou Rhian até a tenda que seus homens haviam erguido.

— Vocês ficarão protegidas por guardas o tempo todo. Mas não é seguro sair da tenda desacompanhada.

Os olhos de Rhian se arregalaram.

— Acha que eles estão por perto? — Ela levou as mãos ao peito dele. — Não seria melhor entregar o pendente para que fossem logo embora?

Ele queria tomá-la nos braços e afugentar todas as suas preocupações, mas não podia. Todos ali sabiam que ela estava para ser entregue à família e ao futuro marido. Não queria mexericos por causa de sua imprudência,

— Duvido que nos ataquem antes do anoitecer. Contudo, acho que não teremos problemas. Os guardas de Browan disseram que foram atacados por oito homens. Um foi morto em seu quarto. Mesmo que houvesse mais deles seria impossível terem ficado escondidos por tanto tempo. Teríamos encontrado evidências de sua passagem. Ela observou o acampamento.

— Então temos homens suficientes para derrotá-los?

— Estou certo disso.

— Fora nos atacar, o que mais poderiam fazer? Gareth não queria alarmá-la, mas era melhor que a deixasse preparada.

— Eles só querem você e o pendente. Seria mais fácil um homem entrar sorrateiramente no acampamento para raptá-la.

Rhian ficou assustada e levou a mão à garganta.

— Entregue o pendente.

— Não. — Gareth meneou a cabeça. — Pense, Rhian. Eles devem acreditar que este pendente tem algum tipo de poder. Se você o entregar, o que aconteceria então? Acha que não cometerão outros atos terríveis estando mais poderosos?

Rhian se voltou para a tenda, mas disse antes de entrar:

— Espero que mantenha a palavra de que me protegerá. Mas tome cuidado também, Faucon.

— Fique tranquila. Farei as duas coisas.

Uma comoção do outro lado do acampamento atraiu a atenção dele. Os homens traziam o traidor.

Gareth empurrou Rhian para dentro. Ignorando seu olhar de rebeldia, chamou Hawise e ordenou que as duas ficassem ali. Então

mandou que seis homens protegessem a tenda.

Alcançou o grupo no meio da clareira. Os soldados literalmente jogaram o traidor aos pés de Gareth.

Por mais que doesse saber que um de seus homens tinha feito algo tão desonroso, seu choque aumentou quando descobriu que o traidor era alguém que considerava um amigo.

Ele olhou para Richard, lembrando das ocasiões em que haviam lutado lado a lado. Gareth lamentava cumprir com seu dever.

Puxando a espada, parou diante do homem com a garganta apertada de raiva, o peito pesado pela traição.

— Explique-se.

De joelhos no chão, Richard o encarou. Era óbvio que os homens não haviam sido nada gentis.

Sangue escorria do nariz quebrado e do lábio cortado. A túnica rasgada mal se sustentava sobre a armadura coberta de sujeira. As cordas que prendiam suas mãos já haviam, cortado sua pele.

— Você sempre teve tudo, Faucon. Os melhores cavalos, as melhores espadas. As mulheres o bajulam, os homens tremem perante suas ordens.

— Nunca lhe faltou nada — Gareth retrucou. Richard cuspiu no pé de Gareth.

— Pois cansei de depender de seus restos.

Inveja e ambição. Duas emoções que levavam qualquer homem à perdição.

— Quanto lhe ofereceram para me trair, Richard?

— Mais riquezas que um homem seria capaz de carregar, Uma posição de honra em sua corte. Uma vida que se rivalizaria à sua.

Gareth queria urrar de raiva.

— Quantos eram? Como era a aparência deles?

— Não contarei nada. — Richard ria perversamente. Alguns homens recuaram, receosos.

Gareth ergueu a espada.

— Então morrerá feito um cão.

— Espere. — Richard pareceu recobrar um pouco da sanidade. — E se eu contar?

— Terá a chance de se defender em uma luta.

— Sou capaz de vencê-lo, Faucon.

A risada de Gareth deixou alguns dos guardas assustados.

— Eu daria tudo para ver isso.

Richard respirou fundo antes de começar a falar.

— Um homem. Estava sempre encapuzado. Não sei seu nome. — Ele parou para respirar novamente. — Foi depois que a dama escapou. Ele se aproximou de mim quando eu estava de vigia durante a noite.

— E você os guiou até Browan?

— Eu apenas disse que estávamos indo para lá.

Os homens ao redor começaram a praguejar. Gareth foi capaz de silenciá-los apenas com o olhar.

— Então sacrificou nossa amizade, sua honra, seu nome e sua vida por promessas de um desconhecido?

Como Richard não respondesse, Gareth cortou as cordas que prendiam seus braços.

O homem se ergueu lentamente, olhando com ódio para Gareth.

— Não posso lutar sem armas, Gareth.

Gareth tomou a espada de Melwyn e a jogou para Richard, que a apanhou no ar.

Os dois começaram a se enfrentar e os soldados se juntaram num círculo ao redor deles. Pelo canto do olho, Gareth viu Rhian entre eles. Melwyn estava atrás dela, uma das mãos sobre seu ombro, a outra segurando uma adaga.

Se qualquer coisa acontecesse, sabia que Rhian estaria protegida.

Gareth sorriu com amargura. Aquele traidor não o venceria, mas ao menos morreria lutando.

Então ouviu o silvo de uma flecha, que zuniu próximo ao seu rosto e se alojou entre os olhos de Richard.

— Protejam-se!

# Capítulo Dez

Rhian assistia a tudo como se estivesse sonhando acordada.

Estava presenciando a luta acirrada entre Gareth e traidor quando, no instante seguinte, uma flecha surgiu do nada.

Melwyn a empurrou para a tenda. Os homens de Gareth; se dispersaram, buscando proteção atrás de árvores, barris e carroças enquanto tentavam localizar o inimigo invisível.

— Está louca? — Hawise agarrou o braço de Rhian, puxando-a para longe da entrada. — Fique aqui dentro.

Rhian tentava se soltar.

— Deixe-me ir. Preciso ver...

— Não! Aqueles homens não precisam de sua ajuda. Só acabaria atrapalhando.

Rhian percebeu que Hawise tinha razão. Com um suspiro exasperado, sentou-se em um banquinho.

— Ficar sem saber o que está acontecendo me deixa ainda mais preocupada.

Os gritos dos homens se infiltravam na tenda, mas não havia sinais de que uma luta estivesse acontecendo.

Rhian imaginava que o inimigo tinha fugido. Quem seriam eles? Seriam demônios? Não, demônios não atiravam flechas nem furavam gargantas.

Ela começou a sentir calafrios. Enquanto os inimigos estivessem à solta, todos estariam em perigo. Principalmente Gareth. Céus, não podia deixar que nada acontecesse a ele.

Ela se ergueu num pulo.

— Não suporto ficar sem saber de nada.

Hawise a deteve e começou a vasculhar seus próprios pertences. Despejou o conteúdo de um odre em uma caneca e a ofereceu a Rhian.

— Beba isso. Vai ajudá-la a se acalmar. Rhian cheirou a bebida. Parecia algo adocicado.

— Beba. É apenas vinho misturado com água, mel, polpa de frutas e ervas calmantes. A parteira me prepara esse remédio especial. Ajuda a acalmar os nervos.

Rhian devolveu a caneca a Hawise.

— Acho que ficarei bem sem isso, mas agradeço. Mais gritos foram ouvidos à direita. Alguém tropeçou na lateral da tenda, fazendo o coração de Rhian parar na garganta. Ela cheirou o líquido novamente e o bebeu. Hawise riu e lhe ofereceu outra caneca.

— Beba, *milady*. Antes que você perceba, tudo estará, acabado.

Quando Rhian bebeu a segunda dose, Gareth enfiou a cabeça na tenda.

— Está tudo bem aqui? Hawise ergueu o odre e piscou.

Gareth franziu a testa. Antes de se juntar aos homens novamente, pediu que Rhian tomasse cuidado.

*Tomar cuidado com o quê?* Rhian riu, mas o som parecia vir de um lugar muito distante. Ela olhou para Hawise, que agora estava girando.

Rhian sacudiu a cabeça. Não. Era ela mesma quem girava... Ou seria a tenda?

A criada tomou a caneca das mãos dela.

— Pronto, *milady*, tudo ficará bem agora. — Ela ajudou Rhian a se deitar no fundo da tenda.

Depois de acomodá-la, Hawise puxou o cobertor sobre a cabeça de Rhian, que sorriu, sentindo-se aquecida.

Logo tornou-se difícil respirar naquele verdadeiro casulo de cobertores, mas Rhian não encontrava forças para afastá-los. Quando tentou chamar Hawise, as palavras soaram feito um murmúrio desconexo.

Algo estava errado.

Ouviu Hawise rir e chamar os homens de Faucon.

Rhian tentou compreender o que diziam, mas sentiu que era arrastada pelo chão em seu ninho de cobertores, que evitavam que ela se arranhasse nas pedras.

Subitamente, alguém a jogou, ainda nos cobertores, sobre o lombo de um animal. Pelo cheiro, provavelmente um cavalo.

O som de cascos e as vozes trocando palavras estranhas foram as últimas coisas que notou antes que seus pensamentos perdessem a coerência e a escuridão a engolfasse.

Gareth praguejou quando o último grupo voltou ao acampamento.

Como não quisesse enviar todos os homens para uma busca, enviara pequenos grupos por vez. E todos voltaram de mãos vazias. Ninguém encontrara o inimigo.

Ordenou que os homens comessem e descansassem em turnos, certificando-se que todo o perímetro do acampamento estivesse sempre vigiado. Partiriam ao amanhecer.

Ele e Melwyn também fariam turnos para vigiar os guardas. Já tinha aprendido uma difícil lição naquele dia. Quantas vezes brigara com Rhys por não confiar em ninguém — nem mesmo na família?

Lamentava descobrir que o irmão tinha razão.

Depois de revisar com Melwyn os planos para o dia seguinte, Gareth se preparou mentalmente para enfrentar as perguntas de Rhian ao entrar na tenda.

Mas o que viu fez com que qualquer lógica fosse suprimida pela raiva.

Rhian não estava na tenda. Hawise estava amarrada e amordaçada.

O pendente parecia queimar seu peito.

Sem sair da tenda, chamou Melwyn, que convocou os guardas de Faucon e ordenou que dois procurassem por rastros ou pistas do que poderia ter acontecido.

Gareth se obrigou a raciocinar calmamente. Tirou a mordaca da boca de Hawise e a livrou das cordas.

— Onde está Rhian? O que aconteceu aqui? Por que não chamou os guardas?

Hawise torcia a barra da saia.

— Não sei o que aconteceu. — Ela apontou para os guardas restantes. — Eu estava conversando com eles e quando entrei, fui amordaçada.

— E Rhian? — Uma parte de Gareth temia pelo pior, mesmo que o pendente em seu peito lhe desse certa esperança.

— Sinto muito, milorde... — Hawise soluçava. — Não sei. Ela já tinha sumido.

Gareth sentiu o estômago se contrair.

Melwyn rosnou antes de se intrometer na conversa.

— Você deve ter ouvido alguma coisa — o capitão comentou. — Ela não seria levada sem lutar ou discutir.

A criada insistia em dizer que não ouvira nada.

Gareth franziu a testa. Não acreditava na mulher, que agora evitava encará-lo.

Hawise estava mentindo.

Por mais que quisesse descobrir a razão daquelas mentiras, não podia perder tempo.

Arrumou sua armadura e esbarrou em Melwyn ao saia da tenda.

— Não quero essa mulher aqui. Levem-na de volta a Browan. — O inimigo estava atrás do pendente, não se interessaria por uma criada e uns poucos homens voltando para a fortaleza. — Digam a Sir Edgar que eu a quero presa. Cuidarei dela quando voltar.

As ordens bruscas fizeram Hawise exclamar:

— Milorde, eu não fiz nada!

— Lorde Faucon! — Os guardas que Melwyn escolhera para buscar pistas acenavam para ele e o capitão. — Encontramos rastros.

Melwyn ergueu a tocha e eles puderam ver sinais de que algo fora arrastado pelo fundo da tenda.

Gareth lembrou que Hawise exibira um odre quando fora verificar se elas estavam bem. Será que Hawise a drogara? Ou suas suspeitas eram infundadas? A traição de Richard o deixara sugestionado?

Gareth não tinha tempo a perder com especulações. Deixaria para investigar o assunto quando Rhian estivesse a salvo. Agora precisava seguir os rastros que desapareciam dentro da floresta.

Dispensando os dois guardas, Gareth arrancou o pendente do pescoço e o entregou a Melwyn.

— Eles estão procurando por isso. Guarde-o e não deixe que ninguém saiba que está com você. Melwyn examinou a jóia sob a luz.

— Isso não parece valioso.

Gareth tomou a tocha, do capitão.

— Eu pensava o mesmo. Mas é óbvio que isso deve ter algum valor para alguém.

Melwyn guardou o pendente na pequena algibeira que levava na cintura.

— O que pretende fazer?

— Encontrar Rhian.

— Sozinho?

— Não tenho muita escolha. Não confio em ninguém aqui além de você. Preciso que fique com os homens e cuide para que a criada seja mandada para Browan.

Melwyn ia retrucar, mas mudou de idéia ao ver o olhar de Gareth. Os lábios retesados demonstravam sua desaprovação.

Por fim, ele assentiu.

— Vá, Lorde Faucon. Vá procurar sua dama.

— Ela não é...

Melwyn bufou, impedindo Gareth de continuar.

— Cuidarei de tudo e o seguirei dentro de algumas horas.

Gareth não duvidava que ele faria isso. Quando ia partir,

Melwyn o tocou no braço. Olhando para o capitão, viu que o homem sorria maliciosamente.

— Faça um favor a si mesmo. Reclame-a ou deixe-a em paz.

Gareth ficou estupefato. Como recuperaria sua honra se fizesse o que Melwyn sugeria?

— O rei não se interessa por essa mulher. — Era como se Melwyn pudesse ler seus pensamentos. — Stephen só quer que, em uma eventual batalha, você não o abandone novamente. Essa missão não passa de uma pequena punição pelo o que aconteceu em Lincoln, nada mais.

Aquelas palavras o feriam, pois Gareth ainda sentia culpa pelo que acontecera. Obedecera aos superiores ao invés de atender às ordens do rei. Um erro que permitira que Stephen fosse capturado.

— Deite-se com a mulher, Gareth. Stephen não irá se importar. Ou então case com ela. Se oferecer a herança da moça a Stephen, por menor que seja, tudo será esquecido.

Gareth guardou as palavras de Melwyn. Pensaria nisso depois. Ele sorriu, erguendo uma sobrancelha.

— Para alguém que alega que as mulheres são inúteis você parece interessado em me ver preso a uma delas.

Melwyn lhe deu um tapa nada gentil na cabeça.

— Apresse-se, rapazinho.

Com uma gargalhada, Gareth rumou para a floresta, seguindo os rastros entre a vegetação.

Não se ouvia qualquer som noturno rompendo o silêncio da noite. Só o som de seus passos sobre folhas e galho secos ecoava na escuridão. Seguir os rastros estava sendo fácil demais. Algo estava errado.

Ele abandonou a trilha e embrenhou-se na escuridão da floresta.

Rhian piscou os olhos para se acostumar à luz da fogueira. Quando tinha se livrado dos cobertores? Há quanto tempo estava inconsciente? Ela olhou para cima. A lua estava no topo do céu, já era tarde da noite.

O som de pés batendo ao ritmo de um tambor se infiltrava no torpor de sua mente.

Ela ergueu o corpo, assustando-se com a rigidez de seus músculos.

Ficou atônita ao presenciar a cena estranha e assustadora: criaturas da floresta — um cervo, um urso, um gato selvagem, uma raposa e um lobo, dançavam sobre duas patas ao redor da crepitante fogueira.

Rhian percebeu que eram apenas homens vestindo a pele de animais sobre a cabeça. Ao redor da fogueira, outros observavam os dançarinos, trajando o capuz negro que ela aprendera a temer.

Então lembrou-se de algo: Hawise a drogara.

*Por quê?* Por que Hawise a entregaria aos inimigos?

Rhian não se lembrava bem do que tinha acontecido. Só sabia que tinha começado a acordar, mas fora forçada a tomar novamente aquela bebida.

Ela remexeu os ombros, tentando se livrar das câibras no pescoço e nas costas. Devia estar dormindo há muitas horas. Contudo, a dor

nos músculos indicava que ainda estava viva. E sentia-se agradecida por isso.

Sentiu alguém tocar seus cabelos. Rhian se sobressaltou. Estivera tão perdida em pensamentos que não vira a aproximação de ninguém.

— Ah, a princesa acordou. — O homem ergueu os cabelos dela, acariciando suavemente a longa trança.

O coração de Rhian estava disparado no peito. O medo a dominava.

Ele apertou os cabelos de Rhian e começou a puxá-los, causando uma dor insuportável em seu couro cabeludo.

Por causa da escuridão e do capuz, mal podia distinguir as feições do homem. As chamas da fogueira se refletiam nos olhos dele, intensificando ainda mais seu medo. O próprio Satã parecia estar presente naquele olhar.

Ele se abaixou, murmurando:

— Agora seu destino está em *minhas* mãos.

Ele passou a mão por dentro da gola do vestido, e começou a vasculhar entre os seios.

Rhian se encolhia de repugnância.

O homem puxou o cabelo dela novamente, fazendo-a ter quase certeza de que sua cabeça logo seria arrancada dos ombros.

— Sabe o que estou procurando. Onde o escondeu? O olhar sombrio prometia terrores inimagináveis.

— Está a salvo.

Ele a soltou e permaneceu de pé, diante dela. Estava vestido inteiramente de preto, desde o capuz até as botas, mesclando-se à escuridão da noite.

Rhian estremeceu. As chamas que brilhavam as costas dele lhe davam uma aparência ainda mais demoníaca.

— A mulher disse que você sempre carrega o pendente no pescoço.

Rhian mal pôde engolir um gemido de desgosto. Será que Hawise a odiava tanto assim?

— Ah, vejo que sabe de quem estou falando, princesa. Foi fácil convencer sua criada de que você estava atraindo o mal para

Browan. Umass poucas moedas ajudaram.

— O responsável por todo o mal é você.

Quando ele torceu seus cabelos, Rhian pensou que seriam arrancados de sua cabeça. Seus olhos lacrimejavam de dor.

— Mas você... você era a estranha que tinha mentido para todos. Foi simples semear a dúvida na mente dela. Umass poucas palavras insinuando bruxaria fizeram-na se virar contra você.

A risada maligna gelou o sangue de Rhian. Ele usou a mão livre para erguê-la para perto dele.

— Nenhuma mulher teme a Deus quer uma adoradora do demônio por perto.

De tão próximos que estavam, Rhian sentia o crescente volume na virilha do homem. Ela se apoiou no peito dele, fazendo-o sorrir maliciosamente.

— Não tente este truque comigo. Não funcionará. Promessas da carne não me desviarão de meus objetivos.

Rezando para que suas pernas a obedecessem, ela acertou o joelho na virilha do homem com toda a força que conseguiu reunir.

O grito de dor e raiva ecoou em seus ouvidos.

Rhian disparou para a floresta, tropeçando nas próprias pernas. A bebida ainda parecia agir sobre ela e confundia sua visão.

— Detenham-na! — O som da dança parou e todos correram atrás dela.

Sob a tênue luz da fogueira, ela imaginou ver Gareth entre as árvores próximas à clareira.

— Gareth! — ela gritou, a voz se transformando num soluço. Quando ela piscou novamente, não havia ninguém ali.

Um corpo se atirou sobre Rhian, lançando-a no chão.

— Eu a peguei!

Rhian gritou e esperneou, tentando se livrar do homem que a segurava. Logo foi erguida do chão. Nem precisava abrir os olhos para saber quem a arrastava.

O homem cravou os dedos em seus braços e começou a sacudi-la furiosamente. Ele falava numa língua que ela não entendia, mas não havia como se enganar quanto ao tom de cólera.

Quando o homem ergueu a mão, como se pretendesse estapeá-la, Rhian se manteve firme. Não lhe daria a satisfação de demonstrar o quanto estava amedrontada. Então travou os dentes na esperança de não gritar.

# Capítulo Onze

Antes que o homem pudesse atingi-la, Rhian foi arrancada de suas mãos.

Ela não imaginara coisas. Pelo toque, pelos movimentos precisos, ela sabia que era Gareth quem a puxava pelo pulso e a incitava a correr.

A presença dele fez a esperança aquecer seu coração. Antes que qualquer um pudesse reagir à fuga, eles se embrenharam na floresta.

O inimigo não tardou em segui-los. Corriam aos gritos, quebrando galhos, tropeçando em raízes. Rhian se aventurou olhar para trás e ficou alarmada ao ver tochas brilhando bem próximo a eles.

Se fossem capturados, morreriam.

Percebendo sua aflição, Gareth a puxou para seu lado.

— Não olhe para trás. Confie em mim. Aquelas palavras afastaram um pouco do medo.

— Eu confio.

O caminho que eles seguiam parecia ficar cada vez mais inclinado.

Gareth sabia que só conseguira arrancar Rhian das mãos do inimigo graças ao elemento surpresa. Eles haviam deixado rastros visíveis, na expectativa de que um destacamento viesse em seu encalço. Como aguardavam muitos, os vigias não notaram que um único homem havia se infiltrado no acampamento.

Contudo, esqueceram de considerar as condições físicas de Rhian. A respiração entrecortada e os passos vacilantes provavam que estava debilitada por ter sido drogada e seqüestrada.

Por mais que desejasse parar para que Rhian descansasse, precisavam alcançar a caverna que descobrira do outro lado da montanha. Não havia vegetação que encobrisse a entrada estreita, mas a escuridão da noite os favoreceria.

Continuavam sendo perseguidos, como ele esperava, mas não se ouviam mais os gritos. Os homens guardavam forças para subir a

encosta da montanha. Sempre que Gareth olhava para trás, seus perseguidores pareciam estar um pouco mais distantes.

Logo o caminho se abriria numa área íngreme e rochosa; Rhian precisaria descansar um pouco para continuar a subida.

Conseguiu convencê-la a ser carregada em suas costas. Precisou ajustar seus passos ao peso extra, mas logo estava caminhando rápido novamente.

Rhian repousou a cabeça em seu ombro.

— Será que desistirão de nos perseguir?

Notando o quanto estava trêmula, ele apertou as pernas dela com mais força, tentando oferecer segurança.

— Não se aflija. Não conseguirão nos apanhar.

— Está preso a esta promessa, Faucon. — Os lábios roçaram seu ouvido, causando alvoroço em seu coração.

Gareth engoliu em seco ao sentir aquela estranha emoção em seu peito.

Imaginou como seria segurá-la naquela posição, mas de frente — os braços em seu pescoço, as pernas ao redor de sua cintura, os seios contra seu peito.

*Por todos os santos! Será que estou perdendo a razão?* Estava cumprindo uma missão para recuperar sua honra. Se não se concentrasse na tarefa, ambos terminariam mortos.

Sentia-se enfeitiçado por um simples sussurro. Sim, tinha perdido a cabeça. E corria o risco de perder seu coração também. Mas agora precisava se concentrar na trilha acidentada. A subida ficava cada vez mais íngreme e pedregosa. Logo não conseguiria continuar carregando Rhian.

Gareth escorregou em uma pedra, mas manteve o equilíbrio e parou para descansar. Rhian decidiu descer das costas dele.

Depois de sentir-se tão aquecida junto ao corpo de Gareth, o ar frio lhe causava arrepios.

Gareth lhe acariciou o rosto.

— Há uma caverna logo adiante, depois do topo desta montanha. Estamos bem perto.

Aliviada, Rhian comentou:

— Não vejo mais as tochas.

— Sim, acho que conseguimos colocar uma boa distância entre nós.

Enquanto retomavam a caminhada, ela rezou para que ele estivesse certo.

O caminho agora era coberto de rochas e pedregulhos. Ela seguia Gareth bem de perto, tomando cuidado para não escorregar. Mesmo assim, pisou em falso e caiu de joelhos no chão, contendo um grito de dor.

Gareth se abaixou ao lado dela.

— Machucou-se?

— Estou bem.

Gareth sabia que ela mentia. A dor era evidente em sua voz.

Fora um erro imaginar que uma mulher seria capaz de acompanhá-lo. Mas não tivera outra escolha.

Ele a amparou pela cintura e continuou a guiá-la lentamente, até não ser mais possível continuar a subida em pé. Então, apoiados nas mãos e nos joelhos, eles começaram a rastejar. Gareth foi tateando um caminho que oferecesse menos perigo para ambos.

Finalmente, depois do que pareceu ser uma eternidade, alcançaram o pico. Gareth puxou Rhian para cima e ficaram sentados por uns instantes.

A lua, já seguindo seu trajeto de descida, estava cercada por miríades de estrelas que brilhavam na escuridão do céu.

— Uma bela vista, não?

O tom maravilhado da voz dela fazia Gareth desejar coisas além de seu alcance.

Paz e tranquilidade. Uma casa segura e confortável com uma esposa e crianças que carregassem seu nome.

— Precisamos ir agora.

Rhian o seguiu até um rochedo que se projetava ao lado da montanha.

Gareth olhou da beirada e apontou para a esquerda.

— A caverna é ali embaixo.

O grito de um homem e o som de pedras rolando chegou ao topo da montanha. O coração de Rhian disparou. Se não corressem, o luar os denunciaria.

Gareth a guiou pela mão. Descendo até a estreita abertura na rocha, ele a empurrou para dentro antes de dar uma última olhada ao redor.

Então se sentaram lado a lado no fundo da caverna. A única coisa que quebrava o silêncio na escuridão da caverna eram as batidas de seus corações.

Ficaram tensos quando o som de homens passando sobre as pedras ressoou na caverna. Se descobrissem aquele esconderijo, não viveriam para ver o sol nascer.

Depois de certo tempo, Gareth se arrastou até a entrada da caverna, mas não demorou a voltar.

— Acho que estamos salvos — ele sussurrou. — Está com fome?

— Sim. — Como se para confirmar suas palavras, seu estômago roncou. — Mas onde encontraremos...

A pergunta dela foi interrompida quando algo que parecia ser um pedaço de pão foi colocado em sua boca.

Rhian o tirou da boca e o partiu em pedaços menores. Entre uma mordida e outra, perguntou:

— Onde conseguiu isso?

— No mesmo lugar onde consegui isto. — Gareth puxou sua mão e lhe entregou um pedaço de queijo. — Trouxe água e algumas maçãs também.

Ela estava agradecida pela comida, mas insistiu em perguntar onde ele a conseguira.

— Eu encontrei esta caverna quando seguia o rastro de seus perseguidores. Como parecia um bom esconderijo até Melwyn e os outros chegarem, deixei comida e armas aqui.

Por alguma razão que ela não sabia explicar, seu coração descompassou.

— Você veio por mim.

Gareth bufou.

— É óbvio, não? Eu jurei entregá-la a salvo para sua família. E honrarei esse juramento.

Rhian não sabia por que sentia aquele aperto na garganta.

Os dedos de Gareth tocaram seu rosto.

— Rhian, eu teria vindo mesmo que não tivesse qualquer obrigação com o rei.

Ela sentiu o hálito quente e ficou parada, querendo descobrir o que aconteceria em seguida — esperando que fosse um beijo.

Rhian suspirou quando os lábios de Gareth encontraram os seus, e correspondeu com ardor.

Gareth gemeu e puxou-a para o colo.

— Isso é loucura, Rhian.

Ela sabia que ele dizia a verdade, mas não se importava.

— Então vamos deixar que ela nos guie.

# Capítulo Doze

Gareth lhe afagava os cabelos.

— Não, Rhian. Não seria certo. É a sensação de vitória depois de uma fuga tão arriscada que faz nosso sangue ferver e nos incita a agir assim.

Parte do que ele dizia era verdade.

— É mais do que isso, Faucon, você sabe muito bem.

— Sim, é mais do que isso. Você está prometida a outro.

Gareth se encolheu ao ouvir tantas pragas.

— O que eu preciso fazer para convencê-lo de que não honrarei esse compromisso?

*Case-se comigo.* Aquelas palavras surgiram em sua mente, pedindo para serem declaradas em voz alta. Gareth mordeu a língua com força.

— Não me casarei com esse pagão que escolheram para mim. Prefiro morrer.

*Case-se comigo.* Seus irmãos ririam até chorar se pudessem ouvir o que se pensava no momento. Justo ele, que nunca considerou seriamente unir-se a uma mulher, não conseguia pensar em outra coisa.

Rhian colocou a mão em seu peito.

— Faucon, se não me ajudar a fugir deste destino, encontrarei outro que o faça.

O suor corria por sua testa, Ele já sentia gosto de sangue em sua boca.

— Case-se comigo.

O silêncio reinou na caverna.

— O que... o que disse?

— Case-se comigo. — Pronunciada em voz alta, a idéia não parecia tão ruim.

— Casar com você?

Gareth queria ver o rosto dela. Estaria demonstrando tanta surpresa quanto sua voz?

— Sim, você busca um futuro diferente daquele que lhe foi imposto. Tornar-se minha esposa não seria uma solução?

Ela praticamente pulou do colo dele.

— Oh, sim, isso seria realmente diferente.

Gareth notou que a voz dela se afastava.

— Rhian, não...

Ela praguejou ao bater a cabeça no teto da caverna. Era óbvio que ele quis avisá-la. Mas mesmo que não pudesse se mover livremente, ficaria de joelhos. Só não podia ficar perto daquele homem.

Estranhamente, pela primeira vez desde a morte do pai, Rhian sentia que algo entrava novamente nos eixos. Mas por que Gareth tinha que fazer uma proposta tão insana?

— Não posso me casar com você.

— Por que não? Ela notou o ar de riso na voz dele.

— Por que eu deveria?

— Seria uma excelente desculpa para não se casar com outro.

Ela se afastou até atingir a parede úmida e fria da caverna.

— Deixe-me ver se entendi direito. Você pretende desobedecer ao rei, destruir o que lhe resta de honra, e arriscar seu futuro por mim?

— Resumidamente? Sim. Ela meneou a cabeça.

— Está louco?

— Não, só estou lhe oferecendo uma chance.

O que ele esperava receber em troca?

— Minha herança não é grande.

— Não preciso de sua herança.

— Como pode ter dinheiro se não é o primogênito?

Ele riu antes de responder.

— Meu pai acumulou ouro suficiente para dividir entre todos os filhos. E minha espada já me permitiu muitas vitórias.

— O rei já deu as terras de meu pai para outro.

— Tenho minhas próprias terras.

Rhian retesou os lábios. Talvez fosse mais fácil ir direto ao ponto.

— O que quer de mim?

— Companhia na vida e na cama. Filhos.

As palavras, ditas em tom rouco, fizeram a pele dela se arrepiar.

— Eu só lhe trouxe problemas até agora. Por que quer me ajudar? Por que desejaria uma esposa como eu?

Ele tinha se aproximado e agora brincava com sua trança.

— Como você? — Agora podia sentir a respiração de Gareth em seu pescoço. — Talvez porque você seja interessante.

Ela engoliu em seco.

— Interessante? — A caverna parecia girar. Quando ela achou que iria desmaiar, ele a segurou pela cintura.

— Tentadora.

— Tentadora?

— Provocante — ele sussurrou em sua orelha.

Rhian umedeceu os lábios.

— Provocante? Gareth lhe afagava as costas, descendo os dedos até os quadris. Mordiscando-lhe a orelha, sussurrou:

— Excitante.

Tudo estava acontecendo rápido demais. Rhian resistia à tentação de se agarrar a ele e, por fim, ela o empurrou.

— Pare, Faucon. Ele cessou o ataque imediatamente, mas não a soltou.

— Prefere arriscar suas chances com esse desconhecido do que comigo?

— Prefiro não arriscar coisa alguma. Acha que sua oferta é algum gesto de heroísmo? — Ela franziu a testa, tentando compreender toda a situação. — Está tentando fugir de algum compromisso que assumiu anteriormente?

Gareth apoiou a testa na cabeça dela e beijou-lhe o rosto.

— Não posso ver seu rosto. Como posso responder suas perguntas de uma maneira que a faça acreditar em mim?

— Apenas responda, Faucon. Perceberei a mentira em sua voz.

Ele riu suavemente.

— E a verdade? Ouvirá a verdade também? Ela encolheu os ombros.

— Imagino que sim.

— Eu nunca fui um herói, Lady Gervaise. E duvido que minha oferta de casamento me qualifique como tal.

Ele a beijou novamente.

— Tampouco estou noivo de alguém.

Rhian balançava a cabeça.

— Isso não faz sentido, Faucon. Você não terá vantagens com esse casamento.

A risada dele ecoou nas paredes frias da caverna, como se zombasse de seus temores.

— Nunca viu ninguém fazer algo apenas por querer? Simplesmente por que parecia a coisa certa a se fazer no momento?

— Isso pode parecer certo agora, mas e amanhã? E no próximo ano?

Ele deu de ombros.

— Faucon... Gareth, tudo o que eu queria dias atrás era uma chance de escapar de você e de meu destino.

— Ainda quer escapar de seu destino?

— Sim. — Ela não queria conhecer a família materna. Nem mesmo queria por os olhos no marido escolhido para ela.

— E de mim? Ainda quer fugir de mim?

Rhian estremeceu com as carícias que ele fazia em seu tosto.

— Sim. Não.

Ele agora trocara os dedos pelos lábios.

— Sim ou não?

Sabia que Rhian estava tão confusa quanto ele. E mesmo sem poder vê-la, sabia que suas bocas estavam bem próximas. Inclinando a cabeça, Gareth venceu a pequena distância que os separava.

A boca de Rhian era cálida e submissa. Eles se exploravam mutuamente, as línguas avançando e recuando, absorvendo-os numa promessa de plena satisfação.

Gareth queria mais do que um beijo, mais do que uma promessa. Rhian estava tão perdida em sonhos que não protestou quando ele se deitou no chão, levando-a consigo.

Rhian se apoiou sobre o peito dele, acomodando as pernas ao redor de sua cintura. Gareth não pôde conter um gemido.

Vendo que ela se divertia com sua frustração, decidiu deixá-la tão ávida por satisfação quanto ele.

Gareth enterrou os dedos em seus cabelos e deixou que a outra mão acariciasse toda a extensão de suas costas, fazendo-a estremecer quando a carícia alcançou o seio.

A respiração de Rhian estava entrecortada, o coração palpitante.

Traçou o caminho de volta, passando pelos quadris até alcançar a coxa, erguendo o vestido em lentos movimentos. E se seu sangue já corria quente nas veias, agora sentia o corpo arder ao acariciar-lhe as nádegas.

Ela era extremamente excitante. E estava praticamente pronta para receber as mais íntimas carícias de um amante.

Lembrou a si mesmo que Rhian não era uma prostituta. Por mais que quisesse possuí-la imediatamente, isso não o tornaria interessante aos olhos dela.

E este era seu objetivo.

Em movimentos delicados, Gareth abriu caminho pelas coxas até alcançar o ponto que finalmente arrancou alguma reação mais exaltada.

Rhian não poderia ter contido o gemido, mistura de surpresa e prazer, mesmo que sua vida dependesse disso. Suas pernas se retesaram; ao mesmo tempo, ela perdia as forças. Felizmente, o corpo forte de Gareth a sustentou.

Ele a enlouqueceria com aquela estranha mágica produzida por suas mãos. Tentou erguer a cabeça, mas ele mordiscou seu lábio, arrastando-a novamente num beijo interminável.

Sentiu que seu corpo flutuava em direção às estrelas. Era como se todas as sensações do mundo se concentrassem, entre suas pernas e implorassem para serem liberadas.

Ela arqueou ligeiramente o corpo e se agarrou aos ombros dele.

— Por favor... faça isso parar.

Rindo daquele apelo, Gareth a manteve de joelhos e deslizou para baixo de seu corpo. Rhian conteve um grito de espanto quando lábios e língua cobriram o ponto pulsante entre suas pernas.

Mas o espanto evaporou-se rapidamente. Rhian flutuava, sentindo que estrelas explodiam ao seu redor. Um grito escapou de

seus lábios e, lentamente, ela voltou ao chão.

E Gareth estava lá para ampará-la antes que caísse no chão duro da caverna.

Rhian apoiou o corpo sobre o dele, sentindo sua ereção.

— E você? — ela perguntou, traçando os contornos dos lábios de Gareth.

Ele a abraçou antes de responder:

— Estou satisfeito. Ela riu suavemente.

— Como você é mentiroso.

— Estou quase certo de que homem algum já morreu por causa disso.

Rhian franziu a testa. O que poderia fazer? Começou a deslizar pelo corpo dele, até ficar novamente sentada sobre seus quadris.

— Tem certeza de que não podemos fazer nada a respeito?

Ele a puxou pelos braços, trazendo-a novamente para seu abraço.

— Poderíamos fazer várias coisas. Mas ainda estou esperando por uma resposta. Sim ou não?

Rhian suspirou.

— A resposta é não, Gareth. Não quero mais fugir de você.

— Isso é bom, porque eu não a deixaria partir. — Ele beijou seus cabelos e a abraçou com mais força. — Ainda temos muitas questões a resolver.

Rhian esfregou a perna contra a virilha dele.

— Está esperando por hora e local determinados?

Ele agarrou a perna dela, impedindo-a de continuar. —Acho que a noite de nosso casamento seria bem oportuna.

Ela prendeu a respiração.

— Quem disse que nos casaremos?

— Quem disse que não?

Poderia existir alguém mais teimoso que aquele homem?

— Você não respondeu minha pergunta. Por quê?

Inesperadamente, Gareth rolou e postou-se por cima dela.

— Por quê?

— Sim, por quê? — ela sussurrou.

Ele lhe acariciou o seio, fazendo sua pele se incendiar. Estava espantada por ver como seu corpo reagia contra sua vontade.

Gareth começou a enredar a mão por baixo de seu vestido e, antes que ela pudesse detê-lo, os dedos alcançaram o local úmido entre suas pernas.

Rhian ofegou, ansiando por mais.

— Porque, Rhian de Gervaise, nenhum outro homem a tocará assim.

— *Você os deixou escapar. Aquilo não era uma pergunta, então o homem encapuzado continuou ajoelhado no chão, em silêncio. Sabia que qualquer palavra que dissesse aumentaria a raiva de seu irmão.*

— *Justo quando estávamos tão perto de alcançar o que tanto desejamos.*

*As pedras no chão machucavam seus joelhos, mas ele não se mexeu, apesar da dor. De certa forma isso aliviava a dor da culpa.*

— *Não sente culpa? Não lamenta o que sua estupidez nos custou?*

— *Lamento muito, irmão. Eu me arrependo amargamente de meu fracasso. — Ele ergueu os braços em súplica antes de continuar, — Mas nossos sucessos serão ainda maiores depois de tantos fracassos sofridos.*

*Ele se encolheu quando o homem à sua frente urrou. Mas, como sempre, sabia que isso significava que fora poupado de receber uma punição.*

*Sentiu-se aliviado. O irmão tocou sua cabeça com gentileza, revelando que o perdoara. Agradecido, ele ergueu os olhos.*

*O grito de medo cessou quando o sangue invadiu sua garganta. Ele caiu no chão, a mão do irmão ainda em sua cabeça. A outra segurava a pequena foice que arrancara sua vida.*

— *Você jamais falhará novamente.*

# Capítulo Treze

Rhian acordou aos poucos. Alongou-se preguiçosamente, saboreando os últimos resquícios de sono.

O frio e a umidade do chão se infiltravam pela capa de lã que Gareth esticara no chão para dormirem — quando foram dormir. Um sorriso curvou seus lábios quando esticou a mão para tocar o homem que dormia a seu lado.

Mas seus dedos nada encontraram. Rhian abriu os olhos. Uma pequena faixa de sol iluminava a caverna.

Manteve os olhos meio fechados por causa da claridade. Gareth não estava ali. Seu coração disparou; o medo a fez seguir para a entrada estreita.

Ele não a deixaria sozinha. Olhando ao redor, viu que a espada não estava junto aos suprimentos.

E se ele tivesse sido capturado? Não, se aqueles homens estranhos tivessem capturado Gareth, teriam vindo atrás dela.

Parou na entrada da caverna. E se estivessem esperando que ela saísse? Respirou fundo e colocou a cabeça para fora.

O calor do sol fez com que se aventurasse sair um pouco mais.

— Finalmente. Pensei que dormiria o dia inteiro.

Rhian galgou o rochedo, mas seus músculos reclamaram do esforço. Ela esfregou as costas e resmungou:

— É como se eu sempre tivesse dependido das mãos e dos joelhos para me locomover!

Gareth riu.

— Tem certeza que a dor é por ter rastejado pela montanha?

O calor que ela sentiu no rosto seria capaz de causar um incêndio. Olhou para o sopé da montanha, ignorando o comentário.

— É seguro ficar aqui fora?

— Se seus gritos não os trouxeram até aqui na noite passada, nada o fará.

O rubor no rosto dela aumentou.

— Tenho certeza de que seus roncoss foram muito mais altos.

— E por uma boa razão. — Ele fingiu inocência. — Eu fiquei exausto depois de...

—Faucon!

Ele deu de ombros.

— Se algum ronco a acordou, não foi o meu. Eu fiquei de guarda enquanto você dormia.

Rhian se esforçou para encará-lo de maneira reprovadora. Mas ele correspondeu com um olhar tão faminto que ela ficou desarmada.

Será que os olhos dele estavam assim na noite passada? Ela sentira o calor de suas mãos e seus lábios, mas a escuridão não lhe permitira ver seus olhos.

Seu coração palpitava. Sua pele se arrepiava como se tivesse recebido um afago. Quase podia sentir as mãos acariciando seu braço, envolvendo seus seios, descrevendo um caminho até seu ventre.

Rhian desviou o olhar, sentindo uma mistura de vergonha e confusão.

Gareth clareou a garganta:

— Está com fome?

Estava se referindo à comida ou a ele mesmo? Rhian engoliu em seco antes de responder que sim.

Ele se aproximou e tocou seu rosto.

— Cuidarei de nosso desjejum.

Ela observou aquela figura alta se afastar. O sol da manhã lançava seu brilho sobre Gareth, fazendo-o parecer algum tipo de herói invencível saído das canções de algum trovador.

Rhian sacudiu a cabeça. O que estava pensando? Pior, o que tinha feito?

Gareth se abaixou para entrar na caverna que tão bem servira a seus propósitos.

Além de se ocultarem do inimigo, eles tinham despertado a paixão que sentiam um pelo outro.

A lembrança daquela noite lhe despertava o desejo, a vontade de obter mais. Só pretendia abraçar Rhian e roubar um beijo ou dois.

Mas ao notar a rendição dela, fora impossível resistir à urgência daquele apelo silencioso.

Um sorriso surgiu em seus lábios. Talvez não tão silencioso assim. Se os gritos frenéticos serviam para indicar o que o futuro reservava, Gareth teria que manter certa distância. Pelo menos por enquanto,

Fizera de tudo para não consumir definitivamente aquela paixão. Por mais que quisesse possuí-la, tinha que manter sua honra e entregá-la à família.

E ao futuro marido.

Gareth franziu a testa ao pegar o que ainda havia de comida em sua sacola. Não havia outra escolha: teria que encontrar uma maneira de casar-se com ela.

Mesmo que fosse preciso lutar, Rhian de Gervaise seria sua esposa.

Quando Rhian entrou na caverna, Gareth tentou controlar seu coração e seus pensamentos.

— Sua refeição a aguarda, *milady*. — Ele lhe ofereceu uma maçã.

Ela pegou a fruta e se sentou na ponta mais afastada da capa.

Um rápido olhar foi o suficiente para saber que não seria difícil manter distância entre eles.

Ele lhe ofereceu um pedaço de pão, mas Rhian recusou.

Gareth se recostou na parede úmida. Às vezes um ataque frontal não vencia a batalha. Nessas situações, a vitória exigia muitos avanços e retiradas estratégicas.

— Perdoe minha falta de modos esta manhã. Como está se sentindo?

Ela arregalou um pouco os olhos, mas logo franziu a testa.

— Por que pergunta? — O tom era tão desconfiado quanto sua postura.

Ele bebeu um longo gole de água e ofereceu-lhe o odre. Quando os dedos de ambos se tocaram, Rhian puxou a mão, como se tivesse sido queimada.

Gareth deixou a água próxima a ela, sobre a capa. Percebeu que ela ainda aguardava uma resposta.

— Por duas razões. Primeira: eu só estava tentando ser educado. E segunda: considerando suas quedas durante a escalada e nossas "atividades" posteriores, estava preocupado com seu bem-estar.

Ela bufou, parecendo pouco convencida. Gareth sustentou o olhar de Rhian, recusando-se a fugir daquele silencioso desafio até ela baixar o rosto.

— Estou muito bem — ela resmungou. — Estou um pouco machucada, mas não quebrei nada.

*Recuar.*

Ele ergueu os joelhos, como se colocasse um muro entre eles. Talvez assim ela se sentisse mais segura.

— Talvez devêssemos ficar aqui um dia ou dois para que se recupere.

— Não! — ela ergueu a cabeça. — Posso continuar a viagem sem problemas. — Ficando de joelhos, ela rumou para a entrada da caverna. — Podemos partir agora mesmo.

*Avançar.*

Gareth agarrou seu braço.

— Pare.

— Por quê? — Ela tentou se soltar. — Não quer completar a missão para seu rei?

A raiva e a confusão se mesclavam na voz dela.

— Só iremos atrasar ainda mais a viagem se continuarmos aqui.

Ele tentou puxá-la contra si, mas Rhian ficou tão tensa que ele a deixou.

— O que há de errado?

Ela apenas balançou a cabeça.

— Rhian, fale comigo.

— Não há nada a ser dito.

Ele riu, sem acreditar.

— Está envergonhada ou zangada por causa da noite passada?

— Seu idiota — ela resmungou, disparando novamente para a entrada da caverna.

Gareth a agarrou pela cintura, ignorando seus protestos. Puxou-a para seu colo e a abraçou com força.

— Rhian, pare com isso. — Sabia que ela estava confusa, mas não entendia o motivo da raiva.

Começou a acariciar os cabelos sedosos.

— Por favor, não. — Ela fechou os olhos. Ignorando-a, encheu-a de beijos, sussurrando: — Calma, está tudo bem.

Por fim, ela relaxou e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Não, está tudo errado. — Ela envolveu seu pescoço com um dos braços.

Ele massageava suas costas, tentando aliviá-la da tensão.

— O que está errado?

Rhian permaneceu em silêncio por algum tempo.

— O que fizemos na noite passada. — Ela pressionou os seios contra seu peito, levou o outro braço ao seu pescoço e sussurrou em seu ouvido. — O que quero que faça agora.

Gareth não pôde evitar o sorriso.

— E o que há de errado nisso?

— Estou prometida a outro homem.

Ele se esforçou para ignorar a sensação dos lábios de Rhian em seu pescoço. Seria mais fácil ignorar uma espada cortando sua pele.

— Pensei que não quisesse se casar com esse homem.

— E não quero. Talvez agora nem precise mais. — Ela brincava com seus cabelos, fazendo uma onda de prazer envolver seu corpo.

Gareth engoliu em seco. Se ela aceitasse logo sua proposta, poderia colocar um fim naquele jogo. Só assim voltaria a pensar racionalmente.

— Por que não?

— Depois do que aconteceu, você ainda pergunta?

A idéia de seduzi-la já não parecia tão boa. Na verdade, agora lhe parecia muito arriscada.

— Pode me chamar de idiota, mas quero saber o motivo. Os olhos azuis como sátiras o encararam. Um sorriso curvou a boca de Rhian, atraindo seu olhar.

— Estávamos sozinhos. Sabe que eu teria me entregado a você. Mais uma noite ou duas como esta e estarei completamente arruinada.

O desejo desapareceu num piscar de olhos. Gareth podia jurar que seu coração gritava "Recuar!". Ao mesmo tempo, as palavras de Melwyn ecoavam em sua cabeça. *Deite-se com ela.*

Ele estreitou os olhos. Um intenso rubor cobria as faces de Rhian, que apoiou as mãos no colo.

— Que jogo está fazendo, Lady Gervaise?

Rhian fechou os olhos. Não imaginava que ele fosse perceber sua manobra assim tão rápido.

E agora?

Mesmo que a proposta de Gareth a salvasse de um estranho, estaria oferecendo total domínio sobre seu coração. Como poderia ter certeza de que Gareth não a faria sofrer?

Ela engoliu a aflição que sentia e forçou um sorriso nos lábios.

— Jogo? Não há jogo nenhum.

Ela beijou o queixo de Gareth, que afastou a cabeça.

— Não era exatamente isso o que eu queria? Não pedi a você que me arruinasse? — ela perguntou.

— Sim, mas...

— Mas o quê, Faucon? — Ela estreitou os olhos. — Pensou que alguns beijos me fariam mudar de idéia?

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Rhian se viu deitada no chão da caverna novamente. Tinha ido longe demais. Ficou aterrorizada quando viu a fúria nos olhos de Gareth.

— Alguns beijos? — Ele cuspiu as palavras.

Rhian tentou se soltar, mas ele a prendeu pelos pulsos ao chão.

— Acha melhor se oferecer feito uma prostituta para fugir do casamento? — Ele baixou a cabeça e capturou seus lábios.

Ela esperava ser castigada com aquele beijo, mas ficou surpresa ao perceber paixão e tristeza entremeadas.

O que havia de errado com ela? Queria esse homem, mas sentia medo. Lágrimas começaram a escapar por seus olhos fechados.

Gareth se afastou, praguejando, e deixou a caverna. Incapaz de conter as lágrimas, Rhian escondeu o rosto com os braços.

— Senhor, não quero amar esse homem. Ajude-me.

Gareth, cuja raiva desaparecera tão rápido quanto surgira, mal tinha ultrapassado a entrada da caverna quando decidiu voltar.

Ficou paralisado quando ouviu aquela prece desesperada.

Precisava organizar as emoções que tumultuavam sua mente e seu coração.

Gareth voltou para seu posto no topo da montanha. O calor do sol serviu para dissipar qualquer raiva remanescente.

Rhian não queria amá-lo? Isso significava que já o amava? Ou isso já estava perto de acontecer para que quisesse evitar o sentimento?

Resistiu à vontade de forçá-la a admitir o que sentia. Como poderia? Nem ao menos entendia o que acontecia em sua própria cabeça.

Não podia descrever o que sentia como amor.

Mesmo que fosse mais intenso e profundo que o desejo que experimentara por outras mulheres, não podia ser amor.

Gareth atirou uma pedra para longe. Ela voou no ar e então desapareceu além da montanha. Nenhum ruído marcou sua queda.

Com um meio sorriso, ele concluiu que sua situação era semelhante à da pedra — estava perdido.

— Não tem nada melhor para fazer que jogar pedras naqueles que vêm lhe ajudar? — Melwyn surgiu no topo da montanha, com a pedra nas mãos.

Gareth riu do absurdo de seus pensamentos e da oportuna aparição de Melwyn.

O capitão olhou ao redor e o encarou, como se estivesse diante de alguém insano.

— Milorde? Por acaso está vendo algo engraçado? Gareth apenas indicou o céu.

— Quem não sorriria num dia maravilhoso como esse? Melwyn ergueu as sobrancelhas.

— Decidiu seguir meu conselho? — ele perguntou maliciosamente.

Gareth não queria discutir seu relacionamento com Rhian.

— Não teve dificuldades em seguir meus rastros?

— Não, suas marcas estavam bem visíveis. Nós os alcançamos assim que dispararam para a montanha.

— E os homens que nos seguiam?

Melwyn apontou para o que, à luz do dia, parecia ser uma trilha.

— Os que sobraram já se foram há muito tempo.

— Os que sobraram?

— Há um homem encapuzado caído logo do outro lado da montanha. O pescoço dele foi perfurado.

— Então ele não era o líder. Descobriu mais alguma coisa?

— Descobri algo bem interessante, na verdade. — Melwyn meneou a cabeça. — O homem é quase idêntico ao que você matou.

Gareth fechou os olhos por um instante.

— Encontrar uma pessoa com traços semelhantes aos de Rhian é aceitável. Mas duas?

— Talvez sejam parentes. Acho que logo saberemos a resposta.

— Logo?

— Sim, eles abandonaram a trilha e seguiram rumo à casa da dama.

Gareth sentiu uma pontada de dor na cabeça.

— Temos que descobrir o segredo deste pendente antes de entregar Rhian à família.

— Concordo. Conseguiu descobrir mais alguma coisa com ela?

Gareth rezou para que seu rosto não estivesse vermelho.

— Não perguntei nada.

— Perdoe-me por dizer isso, mas seria melhor concentrar-se em sua missão e deixar outras... "atividades" para mais tarde.

Gareth sabia que ele tinha razão.

— Lady Rhian está numa caverna ali adiante. Espere aqui. Irei buscá-la.

Gareth deixou o capitão. Não costumava ser covarde, mas rezou para que Rhian já estivesse recomposta. Se ela ainda estivesse em lágrimas, ficaria com o coração despedaçado.

Parou na entrada da caverna e suspirou aliviado ao ver que Rhian estava sentada, recostada na parede.

Os olhos estavam fechados, parecia estar dormindo. Aproximou-se em silêncio e sentou-se ao lado dela.

Assustada, Rhian pulou quando sentiu que sua mão era beijada. Na verdade, Gareth beijava seus dedos um por um, fazendo-a estremecer.

Lamentando tudo o que dissera e fizera, Rhian ia se desculpar quando ele meneou a cabeça.

— Se pensar em se desculpar, eu a deixarei aqui sozinha.

Rhian queria descobrir como ele descobria exatamente o que estava pensando ou sentindo.

— Sou eu quem deve desculpas — Ele a abraçou. — Lamento ter agido feito um garoto que não consegue controlar o próprio gênio. Isso não acontecerá novamente.

— Não foi sua culpa. Eu...

Gareth pousou um dedo sobre seus lábios. — Ouça bem, Rhian. Eu a quero como esposa. Nunca faria nada para magoá-la ou amedrontá-la. Mas não a deixarei em paz enquanto não estiver carregando meu nome. Entendeu?

Sem fala, Rhian apenas assentiu.

— Pode tentar impedir meus avanços, mas não vencerá.— Ele buscou seus lábios, varrendo qualquer sensação de medo que pudesse surgir dentro dela.

— O que eu sinto por você é mais do que desejo. Mas não posso dizer que seja amor. — Ele roçava os lábios dela. — Só sei que é um sentimento genuíno. Se isso não lhe serve, diga antes que seja tarde demais.

Ela não podia rejeitar Gareth já que sentia o mesmo. Por mais assustador que fosse, tinha que admitir que aquele sentimento incendiava seu sangue e enchia seu coração de alegria.

# Capítulo Catorze

Por que descer era mais difícil que subir? Rhian jurou que não daria mais um passo caso tropeçasse outra vez. Eles que seguissem sem ela.

— Maldição! — Rhian praguejou ao cair novamente. As mãos de Gareth imediatamente surgiram para recolocá-la de pé, mas ela o repeliu.

— Deixe-me em paz.

Ele se inclinou para examinar seus tornozelos.

— Machucou-se?

— Não, só estou cansada dessa viagem. Acabarei encontrando minha morte antes que ela chegue ao fim.

Melwyn se voltou para trás.

— Seguindo nesse ritmo, não há dúvidas.

— Melwyn, basta!

Diante da reprimenda de Gareth, ele simplesmente respondeu:

— Estarei esperando junto ao corpo. — E continuou caminho abaixo.

— Corpo? — O coração de Rhian disparou. — Quem morreu?

— Os assassinos executaram um dos seus.

— O quê? Mas... — Ela mordeu o lábio. — Foi porque eu fugi?

— Imagino que sim.

Rhian se agarrou à perna dele.

— Não podemos ficar aqui até ter certeza de que eles se foram? Não seria mais seguro? — Faria qualquer coisa para evitá-los.

Gareth se ajoelhou ao lado dela.

— Rhian, meus homens não estão longe. Estaremos mais seguros ao lado deles.

Ela assentiu, mas apontou para o vestido.

— Mesmo que seja perto, eu não consigo evitar tropeçar a todo instante.

Gareth pensou por um instante e puxou uma faca da cintura.

— Levante-se.

Rhian obedeceu, mas estreitou os olhos.

— O que pretende?

Gareth se ajoelhou novamente e, antes que ela pudesse se afastar, segurou-a pelo vestido.

— O que está...

— Não se mexa.

Ele cortou as laterais da saia desde a coxa até o chão. Então, puxando as duas faixas para frente, cortou-as um pouco abaixo do joelho.

— Experimente agora.

Ela olhou para baixo e viu que seu vestido se transformara em uma espécie de túnica. Dando alguns passos, concluiu que aquela roupa estranha facilitaria a caminhada.

Mas havia um problema. Suas pernas ficavam expostas aos olhares de todos.

— Encontraremos algo mais apropriado quando chegarmos ao acampamento — Gareth murmurou, acariciando sua perna.

— Gareth!

Ignorando-a, ele a conduziu pela trilha.

Rhian não teve escolha senão acompanhá-lo.

Felizmente, a caminhada agora era mais fácil. Depois de uma breve descida, alcançaram um vale.

Melwyn, que estava recostado numa árvore, olhou para ela. A eterna expressão de desagrado foi substituída por genuíno espanto.

Rhian corou, mas sua atenção se voltou para o corpo.

— Você o conhece? — Gareth perguntou. Ela se inclinou um pouco para vê-lo melhor.

— Não.

— Não lhe parece familiar? — Melwyn perguntou. Rhian estudou o homem. Cabelos escuros e anelados.

Olhos intensamente azuis.

O coração dela disparou. Apalpando o próprio rosto, notando a semelhança das feições, sentiu falta de ar.

— Eu juro que não o conheço.

Gareth a abraçou.

— Acredito em você.

— Como pode existir alguém tão parecido comigo?

— Ele não era o único. — Melwyn respondeu. — O que a atacou em Browan também era.

Rhian fechou os olhos e se apoiou em Gareth. Melwyn tirou o pendente de dentro da túnica.

— Mas os olhos eram da cor desta pedra.

Melwyn jogou o pendente e Gareth o pegou no ar, examinando-o antes de entregá-lo a Rhian.

Segurando-o na palma da mão, Rhian sentiu o calor do dragão de ametista se intensificar. Rhian o recolocou no pescoço.

— Será que isso é mesmo valioso?

Gareth cutucou a perna do morto com o pé.

— Acho que mais do que imaginamos.

Ela escondeu o pendente dentro do vestido, sentindo a jóia pulsar entre seus seios.

— Ainda deseja completar esta missão? Gareth a fitou, entrelaçando seus dedos aos dela.

— Não quero começar uma nova etapa de minha vida com assuntos pendentes.

Sorrindo, ele beijou Rhian.

— Mais um falcão que abandona o ninho.

Rhian riu do comentário de Melwyn. Gareth mordiscou seu lábio, envolvendo-a num novo beijo, repleto de promessas.

Melwyn bufou novamente.

— Quando terminarem, fiquem à vontade para se juntarem a nós.

Com um suspiro de lamento, Gareth interrompeu o beijo.

— Teremos tempo para isso depois. —Acariciando-lhe o rosto, Gareth seguiu Melwyn.

Rhian o acompanhou. Quando entraram na pequena clareira onde os homens de Gareth estavam reunidos, o assombro de todos fez Rhian lembrar que suas pernas estavam à mostra.

Gareth ordenou rispidamente que os homens retomassem suas tarefas e levou Rhian para a única tenda erguida..

Lá, desenrolou um pacote e ofereceu-lhe roupas novas.

— Pode usá-las. Eram para minha irmã.

— Não posso usar as roupas de sua irmã.

Gareth a tranqüilizou.

— Marianne tem muitos vestidos. Não sentirá falta deste. Dirigindo-se à entrada da tenda, parou para admirar as pernas dela.

— Talvez devesse guardar este vestido. Tenho certeza d que será útil no futuro.

Rindo, saiu da tenda antes que Rhian pudesse retrucar.

Emmeio às brumas, eles avistaram o que parecia se uma fortaleza no topo de uma colina.

— Acha que é Dougal's Keep? — Melwyn perguntou.

— Só há uma maneira de saber. — Gareth continuou a cavalgar.

— Espere. — Melwyn incitou o cavalo, parando à frente de Gareth. — Deixe-me ir na frente, milorde.

Gareth contornou o cavalo do capitão.

— Não é por você que Sir Dougal está esperando.

Os dois ficaram nessa troca de posições até Gareth ficar impaciente.

— Pare com isso. Melwyn, por fim, manteve-se ao lado de Gareth.

— Eu pediria desculpas, milorde, mas só estou cumprindo meus deveres.

— Desculpas? — Gareth perguntou, surpreso. — Se isso acontecesse, eu morreria de susto.

Rhian se interpôs entre os dois.

— Tenho uma idéia: vamos os três juntos. — Tentando ignorar a proximidade de Gareth, ela concluiu. — Assim não haverá discussões e poderemos sair logo dessa umidade.

— Não! — Os dois homens gritaram ao mesmo tempo.

— Ótimo! Fiquem aqui discutindo. Procurarei abrigo com Sir Dougal. — Sacudindo as rédeas, Rhian atçou o cavalo e disparou para a fortaleza.

Então começou a contar. *Um, dois, três...*

— Não vai a lugar algum. — Gareth lhe tomou as rédeas.

— Ora, ora, você foi bem rápido. — Ela sorriu. Mais atrás, Melwyn ironizou:

— O conde ficará muito satisfeito se formos mortos.

Gareth riu.

— Se morrermos, o que ele poderá fazer? — Jogar meu corpo aos abutres.

— É uma possibilidade, certamente. — Gareth se virou para Melwyn. — Isso seria algum problema?

— Minha esposa acabaria me encontrando no inferno.

Curiosa, Rhian perguntou: — E isso o aborrece?

— Claro que sim. Nenhum homem quer ouvir as reclamações da mulher por toda a eternidade. Já não basta ouvi-las por uma vida inteira?

Gareth irrompeu em gargalhadas.

— Melwyn quer que todos acreditem que sua esposa é uma megera — ele confidenciou a Rhian. Melwyn ficou muito vermelho e evitou o olhar de ambos.

— Na verdade, ele perseguiu a moça por anos até finalmente aceitar ser sua esposa — ele acrescentou.

— Sir Melwyn?

— Sim, ele mesmo. Foi insuportável conviver com este homem enquanto esteve doente de amor.

Rhian não conseguiu conter a gargalhada.

— Sinto muito, mas é difícil acreditar nisso.

— É incrível as coisas que o coração faz com as pessoas. — Melwyn os ultrapassou com o cavalo. — Vocês são prova disso.

Então Melwyn disparou para a fortaleza.

Apesar da chuva, Gareth olhava para as ondas se chocando contra a costa rochosa.

Seu anfitrião, Sir Dougal, parecia apreciar a vida naquele distante posto fronteiriço, sempre exposto ao rigor dos elementos.

Gareth se recostou na muralha, cuja estrutura de madeira nada mais era do que uma velha paliçada.

O som de alguém subindo a escada atraiu sua atenção. Era Rhian.

Ele a ajudou a terminar de subir.

— O que faz aqui fora?

Ela olhou para as águas revoltas.

— Acha que minha escolta chegará logo?

— Ansiosa para partir?

— Não, só não quero ficar esperando.

Gareth estava atrás dela, as mãos sobre seus ombros. Apesar da roupa, podia sentir a tensão de seus músculos.

— Como pode ter tanta certeza de que não gostará de sua nova vida? — Ele não deixou que ela se afastasse. — Você condena sua família sem nem mesmo conhecê-la.

— Não preciso ver o demônio para saber de suas maldades.

— Isso é absurdo, Rhian. É uma comparação infundada.

— Já discutimos isso antes.

Ele assentiu.

— Sim, mas pensei que tinha concordado em lhes dar uma chance antes de tomar qualquer decisão.

— E eu pensei que tivesse me pedido em casamento.

— Mesmo que você já tivesse aceitado, iríamos completar essa missão.

Rhian cruzou os braços, empinou a cabeça e deu as costas para ele.

Achando graça, Gareth rumou para a escada.

— Deixarei que fique à vontade para ruminar sua raiva.

— Espere. — Ela o alcançou e começou a brincar com o pendente em seu pescoço. — Acha que aqueles homens pertencem à minha família?

— Não. — Gareth meneou a cabeça. — Seria mais prático esperar por sua chegada para reclamar o pendente.

Ela franziu a testa, refletindo sobre a resposta.

— Acho que tem razão. Mas aquele homem era muito parecido comigo.

Gareth a puxou para seus braços.

— Não se preocupe. Não prometi protegê-la?

Ela se protegeu na capa dele, escondendo o rosto em seu peito.

— Irá me acompanhar até Ynys Môn?

— Claro que sim. Fiz uma promessa.

— E se você não for bem-vindo?

Ele apenas sorriu.

— Não seria a primeira vez. E nem a última, garanto.

— Acha que o homem que procura o pendente estará lá?

— Tenho certeza. — Ela estremeceu, então ele a abraçou com força.

— Eu queria nunca ter recebido esse dragão de ametista.

— Com um puxão, Rhian arrancou a jóia do pescoço e ergueu o braço. — Ele merece ficar perdido no mar.

Sem pensar, Gareth a deteve antes que jogasse o pendente.

— O que está fazendo? — Ela lutou para libertar a mão.

— Não pode me impedir. É meu para fazer o que eu quiser.

— Pense, Rhian. Se é tão importante para esses homens, deve ser importante para você também.

— Como? — Ela baixou o braço.

— Não sei... ainda. Mas será interessante desvendar este mistério. — Gareth sorriu.

Rhian ficou corada quando ele lhe acariciou o rosto.

— Gareth, eu...

— Milorde! — O grito de Melwyn quebrou o encanto do momento.

Gareth revirou os olhos antes de olhar para baixo. O capitão apontou para o lado oposto da fortaleza.

— Um grupo se aproxima. Acho que deveria vê-lo.

— Serão eles? — Rhian parecia assustada. Gareth decidiu guiá-la pelo frágil passadiço até a torre de vigia.

Rezava para que os visitantes fossem mercadores ou viajantes procurando abrigo. Mas olhando para além da muralha, perdeu todas as esperanças.

## Capítulo Quinze

Rhian se sentiu tonta e buscou apoio no braço de Gareth. " *Isso só podia ser alguma brincadeira do destino.*

Uma tropa de homens se aproximava da fortaleza a pé. Pareciam ser liderados por dois homens trajando longos mantos negros e túnicas brancas.

Ornando cada túnica havia o esboço de um dragão — semelhante ao de seu pendente. Um dos homens exibia um dragão em tom ametista, o outro, safira.

Rhian agarrou o pendente. Olhava para a jóia e para os homens.

— O que isso significa?

— Acho que descobriremos logo — Gareth respondeu.

Quando eles alcançaram a base da muralha, um dos líderes baixou o capuz de seu manto, expondo os longos cabelos prateados, e olhou para Rhian. Ele se ajoelhou e os outros fizeram o mesmo.

Rhian recuou um pouco. Gareth se pôs atrás dela.

— Parece que seus súditos a aguardam, princesa. — A voz dele tinha um toque de humor.

Ela olhou por cima do ombro.

— Isso não é engraçado.

Dougal chamou Gareth da outra torre.

— Milorde, devemos abrir os portões?

Gareth encarava Rhian, como se esperando por uma decisão. *O que ela deveria fazer?*

— Consegue controlar esses oito homens? — ela perguntou a Gareth.

Melwyn parecia ter ficado insultado. Rhian sentiu-se envergonhada pela pergunta idiota.

— Prometo que não lhe farão mal algum. — Então apoiou a mão sobre seu ombro. — Tire-os da lama e da chuva, Rhian.

Aqueles homens achavam realmente que ela era uma princesa? Ainda temerosa, ela exclamou:

— Levantem-se e digam por que estão aqui.

Todos os homens se ergueram. O que usava o dragão de ametista disse:

— Estamos aqui para escoltá-la de volta à família de sua mãe.

Ela gesticulou para que Sir Dougal abrisse os portões. Então, todos desceram para encontrarem os visitantes no pátio.

Rhian sentia muito medo. Sem pensar, agarrou a mão de Gareth, procurando um pouco de segurança.

Uma vez dentro da fortaleza, os servos de Dougal ajudaram os recém-chegados a tirar as capas molhadas e a limpar a lama. Já estariam mais confortáveis quando fosse a hora da refeição.

Gareth finalmente soltou a mão de Rhian, olhando ao redor do salão.

— Preciso conversar com Melwyn. Quer vir comigo ou prefere ficar aqui?

Ela olhou para a fogueira acesa no meio do salão, onde criados e guardas andavam de um lado a outro.

— Prefiro ficar junto ao fogo.

— Voltarei logo. Não saia daqui.

Ela se sentou junto à fogueira. As labaredas aqueciam: seu corpo, mas não seu coração. Não queria ir para Ynys Môn, ou qualquer que fosse o nome do lugar.

Por que não aceitara logo a oferta de Faucon? Gareth não era o tipo de homem que assumiria um compromisso levemente. Ao menos chegaria ao seio de sua família casada; não poderia ser entregue a outro.

— Já é hora.

Assustada com a voz às suas costas, Rhian levantou-se num pulo. Afastou-se do homem e procurou por alguém que pudesse ajudá-la.

Exceto por ela e aquele senhor vindo de Anglesey, não havia mais ninguém ali.

— Hora de quê?

Ele sorriu, como se quisesse banir seus medos.

— De escoltá-la até o lar de sua família. Eles aguardam por esse dia há muito tempo. Estão ansiosos por seu retorno.

Os modos calmos do homem não serviram para tranquilizá-la.

— Logo escurecerá, não quero viajar à noite. Se esperaram tanto tempo, não se importarão em esperar mais um dia.

— Chegaremos à ilha antes do pôr-do-sol. — Ele estendeu as mãos, como se suplicasse. — Minha senhora, sua família deseja muito lhe dar as boas-vindas.

Rhian olhava para o dragão em sua túnica. Cada vez que o homem mexia os braços, era como se o dragão de ametista batesse as asas.

— Lady Rhian? — Ele tocou seu braço, arrancando-a daquele estranho transe. — Sente-se bem?

Ela se afastou.

— Estou bem.

— Não é o que parece. — Ele a tocou na testa. — Se estiver com febre, os herboristas poderão ajudá-la.

Rhian repeliu sua mão.

— Não me toque.

O homem cruzou os braços e afastou-se. Parando junto ao fogo, ofereceu:

— Por favor, sente-se. Vamos tentar começar novamente.

— Prefiro ficar de pé.

— Lady Rhian, eu sou Aelthed. Vim escoltá-la até sua família.

— Bem, Sir Aelthed...

— Sir não. — Ele meneou a cabeça. — Apenas Aelthed.

Rhian recomeçou.

— Bem, Aelthed, aprecio sua oferta, mas já tenho uma escolta.

Os olhos do homem se arregalaram, mas logo se tornaram reprovadores.

— Uma escolta muito inadequada, pelo visto.

— Inadequada?

— Vi como este homem toma intimidades com você. Será melhor se afastar logo deste patife.

— Ele não é um patife. — Ela estava surpresa por se sentir ofendida. — Tenho sentimentos por ele.

— O que este homem fez com você? — Como Rhian não o olhasse nos olhos, ele bufou. — Se sua aia tivesse sido mais atenta, nada disso teria acontecido.

— Aia? Não sobrou ninguém em Gervaise que pudesse me acompanhar. E a aia que Gareth arranhou tentou me matar. — Rhian levou a mão a boca. 1

— Matá-la? Explique-se.

Ela deu de ombros, como se isso fosse algo sem importância.

— Não há nada a ser explicado.

— Lady Rhian. — O tom era o de um pai que repreende uma criança. — Sou seu tutor e, querendo ou não, eu a levarei daqui. Nem que seja amarrada.

— Não ousaria.

— Eu faria qualquer coisa para completar minha tarefa.

Rhian ficou em silêncio. Ele falava feito Gareth. Será que todos os homens eram iguais? Sempre havia uma missão, uma tarefa a ser cumprida?

Ela observou Aelthed por um momento. Mesmo que fosse parecido com o homem que tentara pegar o pendente, não parecia ameaçador.

Mesmo que ficasse por pouco tempo com sua família, ela deveria começar a confiar em alguém. Talvez devesse começar por Aelthed. *Senhor, que eu não esteja cometendo um erro.*

Rhian apontou para o peito do homem.

— Este dragão é o timbre da família?

— Sim, desde épocas ancestrais.

— Tenho um pendente...

— Sim, o ametista. Rhian parecia surpresa.

— Existem outros? Aelthed sorriu e assentiu.

— Alguns homens tem feito de tudo para obter o pendente. Até matar.

Aelthed empalideceu. Rhian o amparou pelo braço, cuja magreza revelava que ele era muito mais velho do que aparentava. Depois de ajudá-lo a sentar no banquinho, Rhian foi buscar água em uma das mesas.

Depois de bebê-la, o homem disse:

— Estes homens, você os viu?

— Sim. Um foi morto por Gareth quando fui atacada no meu quarto em Browan. O outro me seqüestrou, mas Gareth me salvou

também. Nós o encontramos morto na trilha da montanha.

A mão de Aelthed tremia visivelmente.

— Criança, eles precisam de seu pendente para propósitos sombrios. Agora irão vingar-se do homem que a protegia. — Ele franziu a testa. — Este Gareth é um bom guerreiro?

Gareth cruzou o salão e se juntou a eles.

— Depende de sua definição de bom.

Parando ao lado de Gareth, Rhian disse:

— Este é Aelthed. Minha família o enviou como escolta.

— Sir...

Rhian o puxou pela orelha.

— É apenas Aelthed.

Gareth se afastou dela, esfregando a orelha.

— Aelthed, eu sou Gareth de Faucon.

Aelthed parecia zangado.

— Precisamos conversar. Onde poderíamos ter mais privacidade?

Gareth apontou para um cômodo no fim do salão.

— Isso servirá, desde que alguém fique de guarda.

Gareth chamou David, então guiou Aelthed até o local.

Rhian os seguiu, mas quando chegaram ao cômodo, Aelthed a deteve.

— Não, *milady*. Isso é conversa para homens.

— O quê? — Sobre que assunto falariam para que ela não pudesse ouvir?

— Não discuta, criança.

— Pare de me chamar de criança.

— Então não comece a agir feito uma — Gareth retrucou.

Ao invés de dizer qualquer coisa, Rhian o encarou com fúria nos olhos.

— Afinal, qual de vocês está no comando?

— Eu! — os dois responderam em uníssono.

Rhian nem tentou esconder o riso enquanto se afastava, lira melhor deixar que eles discutissem sozinhos.

Gareth olhava para o pequeno canal que os separava de Anglesey. Em algum lugar naquela densa neblina estava o novo lar de Rhian.

Ele cerrou os punhos, lutando contra a vontade de liberar sua raiva.

Mas ele estava proibido de revelar seus sentimentos. Fizera essa promessa para ter mais um dia na companhia de Rhian.

*Deixe-a em paz, Faucon. Se ela é tão importante para você, como diz, deixe-a livre para seguir seu destino.*

As palavras de Aelthed tinham feito sentido então.

Mas agora, sentindo o vento frio em seus cabelos, ouvindo o barulho das ondas, nada fazia sentido.

— Milorde? — Melwyn colocou uma das mãos em seu ombro. — Gareth, qual o problema?

Gareth meneou a cabeça, afastando os cabelos do rosto.

Melwyn bufou, impaciente.

— Você não cavalgou ao lado de Lady Rhian. Já brigaram?

Seria impossível cavalgar ao lado dela sem poder tocá-la, admirá-la com desejo.

— Seria estranho se brigássemos?

— Não, mas a dama não parece zangada, apenas magoada.

A dor se infiltrou novamente no coração de Gareth. Não queria magoá-la. Como poderia evitá-la sem revelar o que estava acontecendo?

Melwyn continuava com seu interrogatório.

— Já se cansou dela?

Cansar dela? Nunca.

— Talvez. Isso seria estranho? — A mentira ardia a sua língua.

O capitão estreitou os olhos.

— Estranho é responder perguntas com perguntas.

Gareth deu de ombros, voltando-se para o canal.

— A barcaça chegará logo.

Melwyn o agarrou pelo braço.

— Por que está evitando minhas perguntas?

Num piscar de olhos, Gareth o ergueu pela túnica, fazendo com que ficassem cara-a-cara.

— Deixe-me em paz.

Para sua surpresa, sua atitude surtiu efeito contrário Melwyn sorria.

— O que foi, rapazinho? Tomaram a dama de você?

Gareth largou Melwyn, que se reequilibrou no chão desferiu um soco em seu ombro.

Sem pensar, Gareth revidou. Em segundos, todos os soldados se juntaram para ver a briga.

O capitão o incitava:

— Vamos, rapazinho, mostre o que sabe fazer.

*Rapazinho.* Gareth percebeu que Melwyn estava usando uma antiga tática de seu pai. Com suas zombarias, o capitão o incitava a brigar para que pudesse esvair a raiva que sentia.

Gareth deixou a luta de lado. Esperou que os homens se dispersassem antes de revelar:

— Eles a levarão de mim. E não posso fazer nada para impedi-los.

Melwyn apontou para umas árvores próximas.

— Venha, vamos descobrir uma solução para seu problema.

Gareth o seguiu.

— Não existe solução alguma.

A gargalhada de Melwyn ecoou na neblina.

— É assim que se considera um Faucon?

# Capítulo Dezesseis

Sem deixar de ouvir a chata descrição que Aelthed fazia de seu novo lar, Rhian procurou por Gareth assim que chegou ao acampamento. Logo o avistou junto a Melwyn, à beira do canal.

Por mais que quisesse ficar perto dele, era claro que Gareth não compartilhava do mesmo desejo. Não lhe dirigia a palavra desde DougaFs Keep.

Aquilo era tão estranho!

Tudo estava bem até Aelthed e Gareth conversarem. Sobre o que tinham discutido?

Ela desmontou do cavalo e entregou as rédeas a David.

— Diga a seu mestre que quero falar com ele.

Aelthed discordou imediatamente.

— Acho que isso não seria prudente.

Rhian ergueu as sobrancelhas.

— Você tem algum tipo de controle sobre mim? É o meu pai? Meu marido? — Ela estalou os dedos. — Talvez *you* seja meu noivo!

Ele a fitou com reprovação.

— Sou seu tutor. Sou irmão de sua mãe.

Rhian riu.

— Já fugi de tutores mais ágeis que você, querido tio.

Aelthed parecia aturdido.

— Entenda, *milady...*

— Eu quero conversar com Gareth. — Vendo que ele e Melwyn se aproximavam, ela acrescentou. — E se tentar me deter, o capitão de Faucon será meu campeão. — Rhian sorriu. — Não seria, capitão?

Melwyn fez uma profunda reverência.

— Seria um honra, Lady Rhian.

Aelthed assentiu, mas não deixou de lançar um olhar significativo a Gareth.

Rhian marchou para o toldo que fora erguido sob algumas árvores. Gareth parou diante dela, ficando com as mãos nas costas.

— Poderia me explicar o que está acontecendo?

Ele não a encarava.

— Estamos esperando a barcaça para cruzar o canal.

Rhian se aproximou, mas Gareth deu um passo para trás.

Ela engoliu uma imprecisão.

— O que ele lhe disse?

— Quem?

— Faucon, quer me deixar histérica?

— Ele não disse nada que eu já não soubesse.

Rhian percebia sua agitação. Tentou se aproximar novamente.

Quando ele fez menção de recuar outra vez, ela o alertou:

— Se der mais um passo, rasgarei suas roupas e mostrarei o quanto o desejo na frente de todos.

Ele não saiu do lugar, mas Rhian notou que ele mal podia conter uma gargalhada.

Ela baixou a mão e começou a brincar com o cinto de Gareth.

— Não me deseja mais, Gareth?

Ele permaneceu em silêncio. Rhian começou a baixar ainda mais os dedos.

— Sim, eu ainda a desejo. Precisa me atormentar para descobrir isso?

Apesar da raiva, Rhian manteve a calma. Ela observou os olhos de Gareth, notando o desejo contido. E a dor. A raiva dela desapareceu imediatamente.

— Gareth, o que está acontecendo? — Ela levou as mãos ao rosto dele, para que continuasse olhando para ela. — Não entendo a razão de tanta frieza.

Quando ela ia começar a traçar o contorno de seus lábios, Gareth prendeu seu dedo entre os dentes. Rhian ofegou ligeiramente com a sensação da língua em sua pele, lembrando da noite na caverna.

— Todos os homens são capazes de fazer amor apenas com a boca?

Ele riu e então soltou seu dedo.

— Não, é uma arte que só eu conheço.

— Acho que está mentindo.

Gareth ergueu uma sobrancelha.

— E como pretende descobrir se estou mesmo mentindo?

— Isso depende de você. — Ela se apoiou em seu peito.

— Esta escolha não está em minhas mãos.

— Ah, a verdade enfim aparece. — Rhian se afastou. — Faucon, não me casarei com o homem que escolheram para mim. Meu coração pertence a outro.

— E se...

— Não vou ouvir nada disso. Só preciso saber que não vai me abandonar, Faucon.

— Feche os olhos, Rhian. Ela obedeceu.

— Meus braços sempre a manterão segura. Meus lábios sempre irão cobri-la de beijos. Você estará eternamente em meu coração, sempre receberá meu amor. Nunca a abandonarei, Rhian. Nunca. Eu jurei entregá-la à sua família e honrarei este juramento.

O coração de Rhian pesava no peito. Era como se fosse morrer.

— E depois, Gareth? Ele meneou a cabeça.

— Não sei, Rhian.

Ela ficou assustada com a resposta. — Mas... pensei que fôssemos casar.

Ele fechou os olhos.

— Se isso não acontecer, saiba que será a esposa que sempre levarei em meu coração. A única que honrarei nesta vida e além.

As lágrimas marejavam os olhos de Rhian.

— Lorde Faucon, a barça chegou — Aelthed avisou.

Gareth lhe deu as costas abruptamente.

— Gareth, não vá!

O grito dela não o deteve. Rhian queria correr atrás dele, mas suas pernas não obedeciam.

Gareth gritava ordens aos seus homens. A voz áspera ecoava na neblina. A dor chegava claramente aos ouvidos de Rhian.

Como poderia partir? Onde encontraria forças para viver conhecendo a angústia de seu amado?

Aelthed a puxou gentilmente pelo braço.

— Venha, criança.

— Não. — Ela meneou a cabeça. Aquilo não podia estar acontecendo. — Não, ele me pediu em casamento.

—Você já tem um marido à sua espera. Para que precisa de dois?  
— Não quero este homem que escolheram para mim. Minha vida depende de Gareth.

Ela emudeceu; não queria chorar. Se permitisse que uma lágrima caísse, não conseguiria parar mais.

Aelthed a sacudiu pelo braço.

— Pare com isso. Não conhece esse homem há tanto tempo, logo o esquecerá. Será apenas uma lembrança de sua juventude.

Rhian se soltou. — Nunca!

— Lady Rhian. — Sir Melwyn tocou seu ombro gentilmente. — Por favor, *milady*, só está piorando as coisas.

Ela olhou para Gareth, que estava tenso e pálido. Então se forçou a olhar Melwyn, cuja simpatia quase a fez perder o pouco controle que tinha.

— Há coisas mais importantes na vida que o amor.

— Como o quê?

— Como a honra.

— Então a honra pode substituir o amor?

Ele ignorou a pergunta.

— Tenha fé de que tudo ficará bem no final.

Rhian franziu a testa. Era óbvio que aquele homem, que antes mal lhe dirigia a palavra, estava tentando dizer algo. Antes que ela pudesse formular qualquer pergunta, ele a beijou na testa.

— O amor e a fé sempre vencem — ele sussurrou.

Então ele se curvou.

— Foi um prazer servi-la.

Após beijar sua mão, Melwyn se afastou, deixando Rhian boquiaberta.

— Onde Sir Melwyn está indo?

Aelthed a conduziu à barcaça.

— Lorde Faucon e eu decidimos que não seria necessário levar tantos homens.

Rhian permaneceu em silêncio. Antes de entrar na barcaça, viu que Gareth a observava. Ela mordeu o lábio. *Por favor, meu amor, seja feliz. E não se esqueça de mim.*

Uma pequena tenda, adornada com os dragões gêmeos, fora erguida na barça. Rhian não ficou surpresa que um fosse de ametista e o outro, de safira.

Tocou o bordado antes de entrar na tenda. Um dia descobriria a história por trás daquele emblema.

Aelthed também entrou na tenda e ergueu a tampa de um baú.

— Isso lhe pertence. — Ele exibiu um vestido tão verde quanto os olhos de Gareth. Então lhe entregou uma bolsinha de couro. — Pertenciam à sua mãe. Agora são seus.

Rhian examinou o conteúdo. Belíssimas peças de ouro brilhavam sob a luz das velas. Havia um torque, um bracelete e várias pulseiras e anéis, todos ornados com esmeraldas.

— Eu teria esperado ametistas, não esmeraldas.

— Não gostou das jóias? — Aelthed parecia surpreso.

— Não, elas são lindas. Só pensei que minha mãe preferisse ametistas.

Aelthed sorriu tristemente.

— Ametista era apenas uma de suas preferências.

— E as outras?

— Safiras e esmeraldas. — Ele rumou para a entrada da tenda. — Se quiser se trocar, seja rápida. A viagem é bem curta.

Rhian examinou as roupas no baú. Tudo ali era digno de uma rainha: cinto, sapatos, meias e mesmo uma rede de ouro e esmeraldas para prender os cabelos.

Rhian teve certo trabalho para se trocar sozinha. As roupas lhe caíam perfeitamente, como se tivessem sido feitas especialmente para ela — o que era impossível.

Enfeitou-se com algumas jóias, sentindo-se fria e vazia. Com roupas assim, deveria estar se sentindo tão bela quanto uma princesa ou uma noiva. *Uma noiva?*

Será que seguiria daquela barça direto para o casamento? Ela tentou tirar as roupas, mas não teve tempo.

A barça alcançou a terra com uma guinada, e oscilou novamente quando Gareth e seus homens desembarcaram. Ela conteve um grito de desespero.

— Lady Rhian, venha. Já é hora. — O chamado de Aelthed a deixou ainda mais apavorada;

Rhian fechou os olhos e respirou fundo. *Por favor, mãe, ajude-me. Não conheci seu carinho, nem seu amor. Mas eu amo Faucon e sei que sou correspondida. Não me deixe viver sem o carinho e o amor deste homem também.*

Uma brisa quente invadiu a tenda, acalmando seu coração. Uma estranha melodia invadia sua mente, afastando seus temores.

Rhian abriu os olhos, empertigou-se e saiu.

Uma vez em terra, Aelthed se ajoelhou na areia.

— Alteza, permita que eu seja o primeiro a lhe dar as boas-vindas.

Rhian ficou atônita. Todos os homens reunidos na praia se ajoelharam ao mesmo tempo.

Ela procurou por Gareth. Seus homens flanqueavam uma trilha que levava à floresta. Ele estava ajoelhado no começo da fila.

— Levante-se. — Ela sussurrou para Aelthed. Quando ele a obedeceu, ela perguntou. — O que isso significa?

— Tudo será explicado em breve.

Ela o acompanhou pela trilha. Mas antes mesmo que chegasse ao fim do caminho, outro grupo surgiu da floresta. Todos se ajoelharam diante dela, menos uma pessoa.

Seu olhar assimilou apenas o vestido verde e as jóias de ouro e esmeralda. Por fim, Rhian ergueu os olhos.

— Gareth!

Gareth percebeu o medo na voz de Rhian. Apesar do protocolo e da promessa que fizera, levantou-se e correu a tempo de ampará-la em seus braços.

Sabendo que Rhian apenas desmaiara, ele ergueu a cabeça para ver o que lhe causara tanto medo.

Gareth piscou, imaginando que sua visão estivesse lhe pregando uma peça.

Olhou para a mulher em seus braços e depois para a outra que se aproximava com olhar espantado.

Elas eram idênticas. Feição, altura, roupas, até a maneira de andar. Eram cópias perfeitas, exceto pelos olhos.

Os de Rhian pareciam safiras, os daquela mulher tinham tonalidade ametista.

## Capítulo Dezessete

*Um homem observava da torre quando a comitiva entrou em Mirabilus Keep. As gêmeas estavam enfim juntas. Nem mesmo em seus sonhos imaginara ter tanta sorte.*

*Agora que a família estava novamente reunida em seu "lar", seria fácil destruí-la.*

*Por que não pensara nisso antes? Poderia simplesmente ter esperado que os dragões viessem até ele. Mas não importava que alguns homens tivessem morrido. A vida deles fora perdida em nome da busca pelo poder eterno.*

*Pela centésima vez, esfregou as mãos nas vestes. Será que o sangue jamais abandonaria sua pele? Lamentava ter saído de Mirabilus só para mandar um daqueles simplórios para o túmulo.*

*Voltou a examinar os recém-chegados. Sim, o sangue desapareceria assim que os dragões estivessem em seu poder.*

*Afastando-se da janela da torre, ele endireitou a roupa e os cabelos. Deveria estar impecável quando fosse prestar as honras à família recém-reunida.*

Rhian se remexeu na cama.

Gareth e a mulher que alegava ser irmã de Rhian se aproximaram da cama ao mesmo tempo.

Ambos se encararam, travando uma batalha silenciosa. Gareth sustentou o olhar da mulher enquanto afagava os cabelos negros de Rhian, que voltou a se acalmar.

A mulher se afastou.

Andando como se fosse a dona do mundo, ela se acomodou do outro lado do quarto.

Gareth se sentou na beira da cama. — Rhian, acorde.

Gareth sabia que os planos que ele e Melwyn tinham feito para roubá-la na escuridão da noite não poderiam ser levados adiante. Quando os fizera, não imaginava que Rhian fosse realmente uma princesa.

Dinheiro nenhum no mundo faria com que o rei o perdoasse do crime de seqüestrar aquela mulher.

Aceitara aquela missão com o intuito de recuperar sua honra, mas deixara que o desejo colocasse tudo a perder.

Desejo? Não. Aquela emoção angustiante era mais que simplesmente desejo.

Rhian finalmente abriu os olhos e sorriu ao vê-lo. Então começou a observar o quarto.

— Onde estou?

Gareth segurou sua mão.

— Rhian, você está em Mirabilus Keep, seu lar. — Ele apontou para o canto do quarto, fazendo com que a mulher se aproximasse.

— E esta é sua irmã, a princesa Evonne.

Rhian se sentou imediatamente.

— *Minha o quê?*

— Olhe para ela. É óbvio que são irmãs.

— Isso é impossível. Por que eu não sabia disso?

Evonne se sentou do outro lado da cama. — Pela mesma razão que eu não sabia de nada até pouco tempo,— Ela encolheu os ombros. — Nossos pais acreditavam que não devíamos saber da existência uma da outra.

— O que mais esconderam de nós?

Gareth se levantou.

— Vocês duas precisam conversar. — Ele apertou os dedos de Rhian, relutante em deixá-la.

— Gareth, não vá.

Ele precisava deter Melwyn antes que fosse tarde demais.

— Não tente me impedir de cumprir meus deveres. — Sentindo-se culpado por magoá-la com suas palavras, suavizou o tom. — Virei me despedir antes de partir.

Antes que ela pudesse dizer algo que o fizesse mudar de idéia, Gareth fez uma reverência e saiu.

Com a saída dele, as duas mulheres começaram a se observar.

— Irmãs? — Rhian quebrou o silêncio.

— Gêmeas — Evonne a corrigiu.

Rhian puxou o pendente de dentro do vestido.

— Imagino que o seu seja de safira.

Evonne riu e puxou o dragão escondido em seu próprio vestido.

— Claro.

— Existe um de esmeralda?

— Sim. — Evonne parecia pensativa. — Qual a cor dos olhos de nosso pai?

Rhian levou a mão à testa.

— Mas é claro! Eram verdes.

— Que maneira excêntrica minha mãe encontrou para manter a família unida.

Rhian ergueu os joelhos e os abraçou.

— Está tão nervosa quanto eu?

Evonne sentou-se na mesma posição.

— Sim. E um pouco zangada também.

— Como acha que teria sido nossa vida se...

—... se tivéssemos crescido juntas? — Evonne concluiu a pergunta.

Ambas se fitaram antes de caírem na gargalhada. Quando conseguiram se recompor novamente, Rhian perguntou:

— Então você é uma princesa?

Evonne a chutou.

— Você também é uma princesa.

— Ah, sim, perdão. Ainda não me acostumei com isso.

— Mas é melhor se acostumar logo.

Rhian ergueu os olhos para o céu.

— Sempre quis uma irmã tão atrevida! Obrigada!

— Ah, imagino que *você* não seja nem um pouco sarcástica.

Rhian sentiu o rosto corar.

— O que faremos agora?

Evonne se ergueu da cama.

— Vamos descobrir o que fazer com estes pendentos.

Rhian se ergueu também.

— Eles tem alguma utilidade?

Evonne abriu uma pequena caixa incrustada de jóias.

— Mamãe nos deixou uma carta. — Ela desfez o laço do pergaminho. — Recebi ordens de não abri-la antes de sua chegada.

Evonne entregou a carta a Rhian e sugeriu que a lesse juntas.

Quando se sentaram junto à lareira, Rhian desenrolou o pergaminho com mãos trêmulas. Ao esticar a folha, sentiu um súbito calor se infiltrar por seus dedos.

Clareando a garganta, começou a ler.

"Minhasqueridas filhas, rezo para que estejam juntas neste momento. Serei o mais breve possível..."

A risada de Evonne fez Rhian parar.

— Mamãe não conseguia recepcionar ninguém sem fazer um discurso que levava quase metade do dia. Nunca soube ser breve.

Rhian sorriu.

— Papai não era um homem de muitas palavras. Seus cumprimentos não passavam de uns resmungos.

— Um belo par, eu diria.

Rhian concordou antes de retomar a leitura.

"Tratemos do mais importante. Cada uma possui um dragão, feito especialmente para cada uma de vocês. Como já devem ter descoberto, combinam com as cores de seus olhos. Dei a cada uma a cor oposta para que, de certa forma, estivessem unidas. Espero que tenha funcionado. Estes pendentos, na verdade, são duas chaves que mantêm em segurança um poder que este mundo jamais poderia imaginar."

O coração de Rhian estava acelerado.

"Rhian,estou certa de que já teve ter ouvido os rumores. Saiba que são verdadeiros. Não quero com isso assustá-la, nem afastá-la de sua família. Na verdade, sou uma sacerdotisa druida, guardiã de uma relíquia sagrada. Uma relíquia que entrego a Evonne, que decidirá o melhor a ser feito com ela."

"Nossa linhagem está chegando ao fim, minhas adoradas. Já é tempo de deixar que algumas tradições morram. Nosso mundo tem sofrido com mortes e destruição, por isso espero que o futuro de vocês seja repleto de esperança, luz e amor. Mas o primeiro passo para alcançar esse objetivo é destruir aquilo que certos homens desejam acima de tudo, o poder."

Rhian sentiu o dragão esquentar contra sua pele. Ela ergueu o pendente e olhou para a irmã, que também segurava seu próprio

pendente.

Evonne tomou a carta e continuou a ler.

"Usem os dragões para que o fundo do baú se abra. Lá encontrarão um livro. É o registro de antigos encantamentos que poderiam significar o fim deste mundo nas mãos de alguém ambicioso."

"Minhas filhas, saibam que seu pai e eu as amávamos de todo o coração. E continuaremos a amá-las por toda a eternidade. Não tenho dúvida de que ele viveu o resto de seus dias como eu — sozinho e solitário. Essa é uma prova única de amor por vocês."

Quando Evonne não conseguiu mais ler, Rhian colocou o braço sobre o ombro da irmã e continuou a leitura.

"Rhian, você está aqui porque seu pai já partiu deste mundo. Não me odeie por dizer que estou feliz. Se estão lendo esta carta é porque eu também não estou mais aqui. Agora estou novamente nos braços de meu amado. Estou em paz e desejo o mesmo a vocês. Não sofram por nós. Alguns anos não são nada diante da eternidade. Estaremos todos juntos novamente um dia."

Rhian engoliu em seco. Seus pais conheciam o amor. Por que não poderia ter o mesmo?

As lágrimas embaralhavam sua visão, mas ela continuou.

"Seu pai e eu tivemos vidas distintas neste mundo. Eu não podia deixar meu povo sozinho. Ele não podia abandonar o juramento feito ao rei. Ele estava ao meu lado no dia em que vocês vieram ao mundo. E sabendo que logo nos separaríamos, deixou cair muitas lágrimas de tristeza. Naquele momento, eu soube que vocês também teriam vidas separadas."

Evonne começou a ler junto com ela.

"Não há como fugir dos desígnios do destino. Evonne, você estava destinada a seguir meus passos em Mirabilus. Só você possui o dom de nossos antepassados. Seu destino era permanecer a meu lado, aprendendo o que era necessário para que me substituísse um dia."

As duas pararam para retomar o fôlego.

"Rhian, meu coração se despedaçou ao ver você e seu pai partirem de minha vida para sempre. Seu dom, minha criança, é o

amor. Sua capacidade de amar supera qualquer outro poder que exista. É o poder de um amor tão puro assim que mantém este mundo vivo. Desfrute tudo o que seu dom tem a oferecer, sabendo que receberá em troca três vezes mais."

Rhian fechou os olhos. Ela podia ver Gareth partindo de sua vida. Era isso que o amor lhe reservava. Evonne terminava de ler a carta.

"Minhas filhas, aproveitem esta oportunidade para se conhecerem melhor e aprenderem a se amar. E quando começarem a trilhar o caminho que o destino lhes reservou, levem este amor consigo. Lembrem-se de seus pais com carinho, sabendo que nosso amor sempre zelará por vocês. E assim me despeço, por enquanto."

Evonne enrolou e amarrou o pergaminho, enxugando as lágrimas antes de se dirigir a Rhian. — Vamos ser boas filhas e fazer o que ela nos pede?

Rhian ergueu o pendente.

— A decisão é sua.

— Não, faremos isso juntas. — Evonne arrastou um baú para junto do banco onde estavam sentadas. — Onde estará a fechadura?

Rhian abriu o baú. Estava vazio, mas parecia bem menor por dentro do que aparentava ser por fora.

Evonne cutucou o fundo do baú, mas apenas conseguiu quebrar o revestimento.

Rhian franziu a testa, puxando uma das alças laterais que pareceu se mexer. As irmãs se entreolharam.

Evonne examinou a alça ligeiramente frouxa e puxou-a com força. A lateral do baú se descolou, expondo uma segunda superfície.

E Rhian fez o mesmo do outro lado. Novamente, o revestimento falso se soltou. Uma figura esculpida em formato arredondado se sobressaía nas laterais do baú. Rhian a observou por um instante antes de sorrir.

— Que cor tem o seu lado? Evonne riu.

— Safira. E o seu?

— Ametista.

Ao mesmo tempo, elas encaixaram os dragões nos locais vazados.

— Pronta? — Evonne perguntou.

Elas giraram os dragões, mas nada aconteceu. Ambas ficaram pensativas. Então decidiram trocar os pendentos.

Desta vez, elas sorriram ao ouvir um ruído. Uma pequena alça surgia no fundo do baú. Evonne ergueu o painel com facilidade.

— Obrigado, minhas queridas.

Rhian pulou de susto quando viu um homem encapuzado atirar Evonne para longe. A irmã se chocou contra a parede de pedra e caiu no chão.

Sem pensar, Rhian pegou o livro no baú e correu para a janela, gritando por Gareth.

— Não levará o que é meu.

Antes que chegasse à janela, o homem se atirou sobre ela. Rhian ficou sem ar, mas tentava manter a consciência apesar de ver tudo girar ao redor.

Estava sobre o livro, segurando-o com toda força. O homem agarrou a longa trança de Rhian.

— Ora, ora, querida, entregue o livro ao seu tio.

— Tio? Aelthed jamais faria isso.

— Aelthed? — O homem riu. — Meu irmão não teria coragem para tanto. — Ele tentava erguê-la a qualquer custo. — Há muito tempo planejo colocar as mãos nesse livro. Você não me deterá agora.

Aquele assassino era seu parente? Com uma força que Rhian desconhecia possuir, ela o chutou e saiu rastejando pelo chão para proteger o livro.

— Meus homens falharam, mas isso não acontecerá comigo.

Ele a agarrou pelo vestido no exato momento em que Evonne atirou um jarro vazio sobre ele.

— Deixe-a em paz, filho de Satã.

— Filho de Satã? — Ele tirou o capuz da cabeça. — Se isso é verdade, viemos todos do mesmo berço. E provarei isso assim que o livro estiver em minhas mãos.

Ambas ficaram espantadas. Ninguém poderia negar que ele pertencia à família. A semelhança entre os três era inacreditável.

O homem se voltou para Rhian, gritando:

— Entregue-me o livro!

Rhian tentou se esquivar do ataque, mas sentiu uma dor horrível em seu ombro. Sabia que ele usara uma foice. Reunindo forças, ela rolou para longe, ignorando a dor que agora alcançava suas costas.

Evonne, que conseguira se esgueirar até porta, gritava por ajuda.

O homem correu na direção de Evonne, com a arma erguida, mas Rhian conseguiu agarrar suas pernas.

Ele caiu no chão, berrando:

— Vocês duas morrerão!

A porta se abriu no exato instante em que ele tentava avançar sobre Evonne novamente.

Gareth e um homem louro entraram juntos. O homem louro nem pensou antes de transpassar o inimigo com sua espada e tomar Evonne em seus braços.

Gareth correu até Rhian. Ele a abraçou com força, o coração aos saltos. Vendo a mão ficar ensangüentada, rasgou o vestido dela na altura do ombro.

Ela viu o quanto Gareth estava apavorado.

— Gareth, estou bem.

— Claro que não está! — O berro dele chamou a atenção de todos que entravam no quarto. Aelthed se aproximou, acompanhado por Melwyn.

— Melwyn? — Rhian estava surpresa

Ele ergueu o queixo, em óbvio desafio às ordens de Aelthed.

— Nada me impediria de cumprir minhas obrigações com os Faucons. — Ele apontou para o velho. — Nem ele.

Aelthed ignorou os comentários do capitão.

— Deixe-me vê-la.

— Estou bem.

— Não está não! — Gareth discordou novamente. Ele ergueu a mão. — Não está vendo que isso é sangue.

— É só um arranhão.

Aelthed bufou e apontou para a cama.

— Sabia que seu pai negligenciaria sua educação. Nem sabe diferenciar grande de pequeno. — Ele apontava para a cama. — Levem-na para lá.

Evonne saiu dos braços de seu protetor e correu até a irmã.

— Oh, Rhian, precisa cuidar logo disso.

— Não é nada tão grave.

— Dê-me isso. — Gareth tomou o livro de suas mãos, e o entregou a Evonne. Então, sem qualquer cerimônia, atirou Rhian sobre o ombro e a levou para a cama. Mas ao invés de colocá-la sobre o colchão, ele mesmo se sentou e a manteve em seu colo.

— Milorde, acho que isso não é apropriado. — Aelthed comentou.

— Acho melhor cuidar logo deste ferimento, pois não sairei daqui.

Melwyn se aproximou, a espada ainda na mão.

— É melhor se apressar. Vai deixar a dama sangrar até a morte?

Evonne postou-se ao lado de Melwyn.

— Ande logo!

Rhian se encolheu quando Aelthed começou a cuidar de seu ombro.

Gareth beijou sua testa.

— O que ele queria? O dragão? — ele perguntou.

— Não, os dragões só serviam para abrir o baú. Ele queria o livro que estava lá dentro.

— Dragões?

Enquanto Evonne recolhia os pendentos, Rhian explicou.

— Existem dois: um de ametista e um de safira. Evonne estendeu os pendentos para a irmã.

— Qual deles você quer, Rhian?

— O que eu ganhei, o ametista.

A irmã puxou a mão de Gareth e entregou-lhe a jóia.

— Guarde-o para ela. Ele assentiu, fechando os dedos sobre o dragão.

— Mas isso não explica por que o livro é tão importante.

— Ele pode explicar melhor que eu. — Evonne apontou para Aelthed. Aelthed continuou a cuidar do ferimento de Rhian enquanto explicava. — Há muitos anos, quando Mirabilus foi... habitada pela primeira vez, o povo se dividiu em dois grupos. Um

trabalhava pelo bem destas terras. O outro só queria conquistar poder para controlar tudo o que existia.

Ele olhou para o corpo caído no chão e suspirou.

— Ironicamente, os que procuravam o bem se tornaram; ricos e poderosos. Deixaram suas esperanças e lições registradas neste livro. — Ele indicou o livro que Evonne segurava. — O outro grupo ficou convencido de que o livro guardava segredos que lhes daria o tão desejado poder.

Gareth olhou para o livro.

— Isso é verdade?

— Não. — Aelthed riu. — Ele só guarda magias, poções e encantamentos.

Melwyn bufou, quebrando a seriedade do momento.

— O problema não é o livro, mas o que as pessoas imaginam sobre seu conteúdo. — Aelthed apontou para o corpo. — Meu irmão, por exemplo, acreditava que poderia dominar o mundo.

Evonne parecia confusa.

— Não sabia que você e mamãe tinham um irmão.

— Ele preferiu a escuridão e foi expulso de Mirabilus muitos anos antes de seu nascimento.

— E os homens que morreram em Browan e na montanha? — Gareth perguntou.

— Pela descrição, imagino que fossem seus filhos. Eles provavelmente queriam o poder que Evonne e Rhian detêm sobre Mirabilus. Mas isso nunca seria possível sem o livro.

— Por que não?

— Na nossa família, só as mulheres tem o direito de governar. Só o conhecimento dos segredos contidos no livro permitiria que eles obtivessem este direito também.

Gareth parecia refletir sobre algo.

— Por que só as mulheres?

— Esta não é uma pergunta fácil de ser respondida. Talvez seja porque as mulheres não buscam a guerra. Em seiscentos anos, nosso povo nunca pereceu numa batalha e nossas terras nunca foram ameaçadas.

Examinando a foice que o homem usara para atacar, Melwyn perguntou:

— Por que usariam uma arma assim? — Ele a exibiu a Aelthed.

— Que engenhoso. A foice é o mesmo que uma espada para um druida. O espinheiro representa punição. Imagino que as feridas causadas por esta arma sejam bem assustadoras.

Ninguém discordou dele. Melwyn lançou a arma no fogo.

— E quanto aos outros?

Aelthed não parecia preocupado.

— Não irão nos importunar novamente. Estou certo disso.

O homem que entrara junto com Gareth se aproximou.

— Lady Evonne, se não precisa mais de mim, devo me retirar.

Evonne o puxou pela mão.

— Venha conhecer minha irmã, mesmo que as circunstâncias não sejam das mais comuns. — Ela sorria.

— E isso seria alguma novidade? — Ele parecia realmente perplexo.

Rhian notou o olhar que trocaram, um olhar que falava de amor sem necessidade de palavras.

— Rhian, quero lhe apresentar Lorde Braedon. — Evonne se voltou para ele. — Lorde Braedon, está é minha irmã, Lady Rhian. E este é Gareth de Faucon.

Braedon se curvou.

— É uma honra conhecê-la, *milady*.

— Fico feliz por ter vindo tão rápido em nosso socorro. Obrigada.

Ele assentiu e então dirigiu-se a Gareth.

— Faucon? Conde de Faucon?

Melwyn deu uma risadinha.

— Não, ele é meu irmão mais velho, Rhys.

— Desculpe o engano. Eu e toda Mirabüus estamos em débito por ter nos trazido Rhian em segurança.

Então ele pediu permissão a Evonne para que os guardas removessem o corpo e saiu.

— Isso vai doer — Aelthed avisou a Rhian.

Ela deu um pulo, sentindo uma agulha atravessar sua carne para fechar o ferimento.

— Sinto muito, mas precisa ficar quieta.

Gareth a puxou contra seu peito, segurando-a com firmeza.

— Isso acabará logo — ele prometeu. — Segure-se em mim.

Rhian enterrou o rosto em seu peito, recusando-se a gritar. Ainda se encolheu mais uma vez, mas mordeu o lábio e cravou as unhas nas costas de Gareth.

Felizmente, tudo acabou rápido.

— Pronto, *milady*. — Ele tirou um pequeno embrulho e o entregou a Evonne. — Misture isso com vinho e lhe dê para beber. — Então saiu.

Rhian estava molhada de suor. Gareth secou seu rosto, afastando seus cabelos para trás.

— Precisa descansar.

— Não vá embora.

— Eu cuidarei de você — disse Evonne. — Prometo que ele não ficará longe daqui.

Gareth lhe beijou a testa e tirou-a do colo.

— Estarei por perto. Agora, durma.

Quando ele saiu, Evonne deixou o livro de lado e ajudou Rhian a trocar-se. Não esqueceu de lhe dar a bebida recomendada por Aelthed. Por fim, acomodou Rhian na cama para descansar.

Rhian viu quando Evonne foi buscar o livro novamente.

— O que fará com ele?

Evonne o atirou no fogo da lareira.

— Se o mal quer tanto se apoderar dele, é melhor que desapareça deste mundo.

Rhian concordou com a decisão da irmã.

— Posso fazer uma pergunta?

Evonne se sentou na beirada da cama.

— Claro que sim.

— Quem é Braedon?

O sorriso nos lábios de Evonne desapareceu.

— Ele é o capitão de nossa guarda, o protetor de nosso povo. Ele é o seu noivo.

## Capítulo Dezoito

Rhian acordou com o rosto no travesseiro úmido. Derramara muitas lágrimas depois que Evonne deixara o quarto.

Tudo estava errado. Evonne é quem deveria casar com Braedon, não ela. Subitamente, começou a ouvir gritos vindos do lado de fora.

— Não há razão para que essa cerimônia não aconteça hoje.

O estômago de Rhian se revirou. Estavam discutindo seu casamento?

— Estão enganados. Mas quem sou eu para decidir? Deixe-me falar com ela primeiro. — A voz de Evonne se sobrepunha às demais.

Sua irmã entrou no quarto, seguida por seis homens.

— Rhian, está acordada?

— Sim. — Com esforço, ela se sentou. — O que está acontecendo? — Estes são os anciãos de Mirabilus. — Evonne apontou para Aelthed e mais cinco homens idosos. — Eles insistem que o casamento deve ser realizado hoje. — Vendo o susto de Rhian, ela acrescentou rapidamente. — Tentei convencê-los de que está ferida, que talvez fosse melhor esperar um pouco mais.

Rhian sorriu.

— E eles aceitaram?

— Não. — Evonne torceu os lábios. — Contudo, eles concordaram com uma busca onírica.

— O quê? — A voz de Rhian se ergueu.

Gareth surgiu no quarto.

— O que está acontecendo aqui?

Evonne fechou os olhos e esfregou as têmporas. Então perguntou a Gareth:

— Viu Lorde Braedon?

Gareth olhou para trás.

— Ele estava bem atrás de mim.

Evonne foi até a porta e ordenou que Braedon entrasse. Contrito, ele a obedeceu.

— Não sabia se desejava minha presença.

O olhar que Evonne dirigiu a ele fez Rhian rir. Os dois, Evonne e Braedon, já agiam feito marido e mulher. Mas lembrar que ele seria seu marido não era nada engraçado.

Evonne se colocou no centro do quarto, aos pés da cama de Rhian, e pediu para que todos se aproximassem.

— Rhian enfrentará uma busca onírica hoje.

— Uma o quê? — Gareth a interrompeu. Evonne revirou os olhos.

— Parece que os sábios homens de Mirabilus — o sarcasmo era evidente em sua voz —, decidiram que Rhian e Braedon devem se casar ainda esta noite.

Braedon e Gareth deram um passo para trás, como se tivessem sido golpeados por um atacante.

Gareth tentou dizer algo, mas simplesmente não tinha palavras.

Braedon não estava em situação muito diferente.

— Esta noite? Por que tanta pressa?

— Silêncio! — O grito de Evonne interrompeu suas perguntas frenéticas. — Talvez uma busca por respostas seja; favorável.

— Quem interpretará esses sonhos? — Um ancião perguntou.

— Quem seria mais qualificada do que eu? Os anciãos riram da resposta de Evonne. Só Aelthed continuava sério.

— Eu a ajudarei. — Ele se ofereceu.

— Não confia em minhas habilidades? — Evonne ergueu a voz.

— Confio em vocês duas, individualmente. — Aelthed sorriu. — Mas juntas? Não. Em minha curta convivência com Rhian, percebi o quanto são parecidas. Não há como saber o que tramariam se fossem deixadas a sós.

Os outros anciãos concordaram com a sugestão de, Aelthed.

— Ninguém perguntará minha opinião? — Rhian perguntou.

— Não! — Oito vozes se ergueram ao mesmo tempo. Apenas Gareth perguntou:

— O que você sugere Rhian?

— Isso não nos importa. — Aelthed se voltou para Rhian. — Seus desejos são irrelevantes. Este é seu novo lar e você tem uma responsabilidade para com sua família e seu povo.

Ele permitiu que Rhian digerisse os fatos por alguns instantes.

— Este homem não poderá salvá-la. Nem o capitão. Seriam considerados criminosos e traidores da coroa.

Um dos anciãos se adiantou.

— Só permitiremos que esta cerimônia aconteça se Aelthed estiver presente desde o começo. — Ele lançou um olhar de advertência a Evonne. — As duas irmãs não devem ficar sozinhas até que a decisão tenha sido feita.

Evonne olhou para Braedon antes de concordar.

Um grito se assomava na garganta de Rhian. Ela tentava se controlar, o que se tornou ainda mais difícil quando Gareth seguiu os outros homens e saiu do quarto.

Apenas ela, Evonne e Aelthed permaneceram. O velho se sentou em um banquinho junto ao fogo.

— Comece logo, Evonne. Quanto mais você demorar, mais nervosa ela ficará.

Depois do que parecia ser uma eternidade, Evonne finalmente se moveu. Rhian compreendia a dor que a irmã sentia naquele momento. Evonne não queria perder o homem que amava, muito menos para a própria irmã.

Rhian não podia aceitar aquela cerimônia. Não fora criada em Mirabilus. Como esperavam que ela aceitasse que aquele ritual pagão decidisse seu futuro?

Evonne se ajoelhou diante de um baú de ouro ricamente ornado. Entoou algumas palavras antes de abri-lo e tirou de lá duas bolsinhas de couro. Depois retirou um cálice que parecia muito simples se comparado ao baú.

Rhian tentou se erguer da cama.

— Ele morrerá. — A voz de Aelthed a impediu de colocar um pé sequer no chão. Ele nem a olhava ao dizer isso. Apenas atirava ervas nas labaredas ao lado. — Lorde Braedon matará Gareth se você não for conduzida à cabana.

Rhian respirou fundo, certa de que ele apenas queria amedrontá-la.

— Ele não ousaria.

— Sir Melwyn já foi afastado da fortaleza. Faucon está sendo vigiado. Braedon não hesitaria em fazer tudo que estivesse ao seu alcance para proteger Mirabilus.

— Faucon não é uma ameaça para ninguém.

— Ele é uma ameaça para seu destino; portanto, uma ameaça para o reino. — Ele apontou para a janela. — Veja por si mesma.

Rhian correu para a janela e viu que, no centro do pátio, Braedon e mais seis homens vigiavam Gareth. Todos empunhavam espadas. Seria impossível Gareth lutar, pois estava de mãos atadas, amarrado a um poste.

— Soltem-no imediatamente. Não há razão para que o tratem assim. Aelthed e Evonne a ignoraram. Estavam muito ocupados com a consagração do cálice para se preocuparem com suas exigências.

Rhian correu e abriu a porta, deparando-se com guardas armados.

Ela gritou novamente:

— Não podem fazer isso. Não têm o direito de me manter prisioneira. Pensei que este fosse meu lar, não meu cárcere!

Aelthed se levantou quando Rhian recuou, mas os guardas impediram que saísse do quarto. Eles a seguraram pelos braços e arrastaram-na até; Aelthed e Evonne.

Rhian olhou para a irmã, sussurrando:

— Pelo amor de nossos pais, não faça isso comigo.

Evonne ignorou o pedido.

— Beba. Logo tudo estará terminado. Rhian meneou a cabeça e tentou fugir de seus captores mas sua força não se comparava à deles. Ela tentou rogar novamente:

— Evonne, não faça isso. Vai deixar que nosso destino seja decidido por um ritual do demônio? Aelthed fez um gesto aos guardas. Um dos homens fez Rhian cair de joelhos e o outro puxou sua cabeça para trás. *Eles a obrigariam a beber aquilo?*

Evonne hesitou.

— Não consigo fazer isso.

Aelthed tomou o cálice de Evonne e levou-o aos lábios de Rhian.

Ela se recusava a beber. Um guarda apertou suas bochechas, fazendo com que sua boca se abrisse e o líquido adocicado descesse por sua garganta.

Quando o cálice se esvaziou, eles a soltaram. Enjoada e extremamente assustada, Rhian se encolheu no chão.

Praguejando, Evonne se sentou ao lado da irmã. Abraçando-a, começou a acalenta-la:

— Calma, calma. Nada de mal lhe acontecerá. Eu prometo.

— Seus malditos pagãos, são assim tão covardes? Lorde Braedon riu do insulto.

— Covardes? Eu prefiro chamar isso de movimento estratégico.

— Não lutar é covardia.

— Olhe ao redor, Faucon. Não lutar é o que mantém você vivo.

Considerando-se apenas as pessoas que cuidavam de seus afazeres naquele pátio, havia homens suficientes para conquistar um pequeno país. Um fato que não passara despercebido a Gareth.

Só um cego não notaria as riquezas que Rhian teria ali. Mirabilus era um verdadeiro castelo, estruturado para suportar qualquer cerco. Estava rodeado por campos férteis e florestas apinhadas de animais selvagens, e ninguém sentiria fome. A água fluía de diversas fontes, o que assegurava que os habitantes nunca teriam sede.

Segurança. Riqueza. Família. Título. O que ele poderia oferecer a ela? Alguma mulher em sã consciência desistiria de tudo isso por amor?

Se realmente se importava com Rhian, devia seguir o conselho de Aelthed e deixá-la em paz. Braedon apontou para o grupo que deixava a fortaleza.

— Eu o soltarei assim que Rhian estiver na cabana.

Doía saber que nunca mais a teria em seus braços. Não conseguia despregar os olhos de Rhian, por isso notou que ela cambaleava. Algo estava errado.

Os músculos dos braços de Gareth se retesavam com força que ele fazia para se livrar das amarras.

— O que fizeram com ela?

— Acha que eles simplesmente pediriam que ela dor misse e sonhasse?

Gareth praguejou.

— Deixem-na. Eu irei embora.

— A cerimônia já foi aprovada e acontecerá de qualquer forma.

Braedon o estudou com calma.

— Você ama esta mulher.

Não era uma pergunta, então Gareth não disse nada.

— Ela não se machucará. — Braedon colocou uma das mãos em seu ombro. — As ervas servem apenas para que ela durma profundamente e, com sorte, fale durante o sono.

— E então?

Braedon apertou o ombro de Gareth.

— Então, meu amigo, ela se casará.

Gareth engoliu em seco.

— Com você?

O homem tirou a mão de seu ombro, demorando a responder.

— Não mentirei. Sim.

— Então isso não passa de um engodo para acalmar as mulheres?

Braedon assentiu.

Sob a fraca luz do pôr-do-sol, Gareth observou Rhian desaparecer.

— Cuide dela. Se algo acontecer com Rhian, saberei em minha alma e virei matá-lo.

Braedon o encarou.

— Ela é irmã de Evonne. Nunca lhe faria qualquer mal.

Gareth refletiu que ele colocara mais sentimento no nome de Evonne do que na promessa feita por Rhian.

— Você se importa bastante com Evonne.

— Sim.

— Então o que está fazendo? Solte-me. Não precisamos permitir que isso aconteça.

— Não posso trair Mirabilus. — Braedon sorriu pesaroso. — Lamento, isso foi decretado quando Rhian nasceu. Sendo a irmã

mais velha, é com ela que devo me casar. Meu dever e minha honra estão em jogo.

Gareth entendia bem de questões de dever e honra. Era por isso que viera até ali.

Braedon cortou as cordas com uma faca.

— Eu lhe desejo uma boa viagem.

Gareth rumava para os portões quando Braedon acrescentou:

— Eu cuidarei dela, honrarei meus votos. Ela estará segura, Faucon. Sempre.

As palavras de Braedon ainda ecoavam na cabeça de Gareth, mas não serviam para confortá-lo.

Se Braedon fosse gentil e paciente, talvez Rhian viesse a nutrir sentimentos pelo marido. Então um dia ela esqueceria do homem que a escoltara até seu lar.

Era, isso o que ele queria? Não, não queria que ela o esquecesse. Mas seria melhor para ela se isso acontecesse.

— Milorde? — Melwyn o encontrou à beira da floresta. O capitão lhe deu uma rápida olhada e começou a praguejar incessantemente.

Seguiram para a praia. Gareth não queria partir, mas também não poderia ficar. Contudo, ficou surpreso com a violência do mar. Como as águas de um canal poderia-ficar tão revoltas?

A fúria das ondas ecoava a tempestade em seu coração tornando a dor da perda ainda pior.

Seria impossível cruzar o canal naquela noite.

— Preparem o acampamento. — Então se virou para Melwyn. — Traga vinho ou cerveja para que eu esqueça que estou aqui.

Rhian olhou ao redor da cabana. A idéia de dormir ali e sonhar com seu destino parecia ridícula. Sem Gareth, seu futuro era como aquela cabana: pobre e vazio.

Ela tentava conter o choro.

— Rhian.

A voz de Evonne parecia vir de um lugar muito distante.

— O que está acontecendo comigo?

Evonne acariciou seus cabelos.

— Está tudo bem. São os efeitos da bebida. Não lute contra o sono.

— Não quero dormir.

Evonne se deitou no catre e puxou a irmã para seu lado.

— Mas precisa. Feche os olhos e durma.

Incapaz de ignorar o pedido, Rhian fechou os olhos. Mas ao ouvir um ruído, abriu-os novamente. Alguém estava sentado nas sombras.

— É apenas Aelthed. Ele cuidará de nós enquanto descansamos. Agora durma, Rhian.

Sem forças para discutir, Rhian fechou os olhos.

Rhian queria ficar sozinha com suas lembranças e sua dor. Não era ingênua. Sabia que teria que casar com Lorde Braedon. Aquele reino era muito rico e poderoso para permitir que os sentimentos se sobrepusessem ao dever.

Só nos sonhos poderia encontrar Gareth. Rhian sentiu uma lágrima correr por seu rosto.

Aquela bebida havia destruído sua força de vontade. Cada emoção, cada pensamento ganhava vida. E todos eles estavam destituídos de qualquer esperança.

Rhian tentava controlar as lágrimas. Nunca perdoaria Evonne por lhe fazer sentir tanta angústia.

— *Rhian, acalme-se. Tudo passará se você dormir. Lembre-se: seu dom é o amor. Acalme-se.*

Sua mente estava tão repleta de pensamentos e emoções que ela não sabia discernir quem falava.

— *Sonhe.*

A ordem se perdeu no retumbar de um trovão. Sim, uma tempestade seria o cenário perfeito para a tormenta que sentia no coração.

Ela ouvia a chuva e o vento açoitarem a cabana enquanto se perdia no mundo dos sonhos.

Gareth observava a tempestade.

Já tinha perdido a conta de quanta cerveja bebera, mas até a bebida parecia estar contra ele. Continuava sóbrio.

Fechando a entrada da tenda, ele se jogou no catre.

Queria esquecer o que estava acontecendo, mas o rosto de Rhian dançava diante de seus olhos.

De repente, teve medo dos sonhos que teria caso dormisse.

Ouvia a chuva batendo na tenda, o vento uivando. Os trovões sacudiam o chão. Ele ainda resistiu, mas por fim cedeu ao cansaço e caiu no sono.

# Capítulo Dezenove

Rhian sabia que estava sonhando.

Ao mesmo tempo em que vivenciava tudo aquilo, podia observar os acontecimentos a distância.

A estranha claridade a deixou um tanto amedrontada, mas logo Rhian se deixou envolver pelo sonho.

— Rhian. — Gareth sussurrou em seu ouvido, os lábios encontrando a curva de seu pescoço.

Rhian o abraçou com força. Como ansiara por aquele momento!

Seu toque a deixava arrepiada. Seu beijo derretia seu coração.

Ele afagava cada parte de seu corpo, fazendo-a estremecer de ansiedade.

— Você acabará me levando à loucura, — Ela estava ofegante.

Gareth pousou a cabeça em seu ventre e sorriu.

— Seria ruim se eu a acompanhasse até lá?

Ela meneou a cabeça. Não se importaria se eles enlouquecem juntos.

O rosto de Rhian ardeu de vergonha diante da cena que presenciava. As mãos de Gareth deslizavam por suas coxas como se memorizassem cada detalhe, antes de alcançarem a junção de suas pernas. Ele baixou a cabeça, os cabelos escuros contrastando com sua pele clara.

A Rhian que estava sobre a cama gemia e entreabria as pernas. A que observava fechou os olhos ao sentir o calor crescer em seu próprio corpo.

Ambas se fundiram em uma só. E juntas gritaram seu nome.

— Gareth!

Uma mão a sacudia.

— Rhian, acorde — Aelthed pediu.

— Rhian! — Evonne quase gritava em seu ouvido. Rhian abriu os olhos. Sonho ou não, seu corpo estava em chamas. Ela respirou fundo e cruzou as pernas, tentando conter os tremores em seu corpo.

— Evonne, eu a matarei por causa disso.

Evonne riu.

— Existe cura para o seu mal, mas precisa escutar Aelthed primeiro.

Rhian se sentou. Aelthed lhe ofereceu um cálice, dizendo que a bebida dissiparia os efeitos do sonho.

Ela bebeu e logo sentiu sua cabeça clarear e o coração readquirir seu ritmo normal.

Sabendo que agora estava pensando coerentemente, Rhian perguntou:

— E então? Qual é a decisão? Que segredos este maldito ritual revelou?

Aelthed começou a caminhar pela cabana, cocando a cabeça.

— Contra todo o bom senso, terei que discordar dos anciãos. Precisamos ir contra o decreto original.

Os olhos de Evonne se iluminaram de esperança e alegria.

Rhian, contudo, não sabia o que pensar.

— Do que está falando, Aelthed?

— Estou dizendo que Braedon não pode ser seu marido Mas como ele é considerado um príncipe em Mirabilus, deve se casar com uma das irmãs.

— Isso não seria problema, seria? Tenho certeza que uma de nós não se importaria em casar com ele

— Sim, mas...

Evonne parou diante dele, impedindo-o de continuar andando.

— Mas o quê?

Aelthed cruzou os braços e escondeu as mãos dentro das longas mangas de suas vestes. Então encolheu os ombros.

— Não sei se você estaria disposta a tanto.

Rhian e Evonne ficaram boquiabertas.

— Era só brincadeira, criança.

Rhian finalmente conseguiu falar.

—Que hora excelente para se fazer brincadeiras, não — Ela se postou diante dele também. — Então Evonne secasará com seu príncipe e eu me casarei com Gareth Faucon. Isso se ele ainda me quiser e eu conseguir encontrá-lo,

— Ele ainda está aqui.

Ela correu para a porta da cabana.

— Espere! — Evonne e Aelthed gritaram juntos.

Evonne se aproximou dela, parecendo tão ansiosa quanto a irmã.

— Eu só queria dizer que ficaria muito feliz se ficasse para meu casamento. Teríamos mais tempo para conversar. — Ela abraçou Rhian. — Precisamos encontrar uma maneira de recuperar os anos perdidos e impedir que o mesmo aconteça aos próximos.

Rhian abraçou a irmã.

— Eu adoraria, minha irmã. — Então empurrou Evonne para a porta. — Agora, vá. Braedon deve estar esperando pelo pior. Ele ficará feliz com a surpresa.

Evonne saiu correndo para a fortaleza, mas Rhian ainda esperou pelo que Aelthed tinha a dizer.

— Criança, lamento por ter sido forçada a isso, mas agora temos certeza do caminho que precisa trilhar.

— Eu já sabia o caminho que devia seguir. Ele meneou a cabeça.

— Você faz as coisas à sua maneira, nos fazemos da nossa.

— O que quer que eu diga, tio? Que eu o perdôo? Pois se considere perdoado. Agora posso ir?

— Não preciso de perdão, pois não cometi pecado algum. Mas precisa ser conduzida até seu cavaleiro de maneira condizente à princesa de Mirabilus. — Ele chamou seus homens.

— Se ele partir antes que eu chegue lá...

— Ele não pode partir com essa tempestade. — Aelthed olhou para o céu. — Tenho certeza de que não terminará enquanto você não chegar à praia.

Rhian olhou para o céu e franziu a testa.

— Como pode saber disso?

Ele riu gentilmente e passou um braço por seus ombros.

— Ainda não conhece bem sua família. Talvez algum dia, quando estiver mais aberta para as coisas do mundo invisível, comece a entender.

Ele a levou para fora e logo os guardas surgiram. Ele ordenou que lhe trouxessem vinho.

— Acho que já bebi o suficiente por uma noite. — Rhian sentia-se enjoada.

— Não é para você, é para o capitão de Faucon. Preciso aplacar seu humor. Talvez ele possa me ajudar a pensar em algo que impeça que seu amado desperte a fúria do rei Stephen.

Rhian sorriu.

— Isso será fácil. Se enchermos os cofres de Stephen com ouro, ele perdoará qualquer coisa.

Aelthed assentiu.

— Isso pode ser arranjado.

Ao atravessarem a densa floresta, a chuva já estava bem mais fraca. Alguns homens levavam tochas para iluminar a trilha, tornando a caminhada mais fácil.

Quando o grupo saiu da floresta, foi recebido por espadas. Melwyn deteve os homens e arregalou os olhos ao ver Rhian. Um sorriso suavizou sua expressão carrancuda e ele apontou para a tenda no centro do acampamento.

Rhian se ergueu na ponta dos pés para beijar o rosto do tio e saiu correndo. Ouvindo os roncos na tenda, sabia que entraria sem ser notada.

Seu amado dormia com um dos braços sobre o rosto. Ela despiu as roupas molhadas e se aproximou dele, olhando avidamente para seu peito, cuja pele brilhava sob a fraca luz do braseiro.

O mais silenciosamente possível, Rhian se ajoelhou ao lado dele. Gareth era um homem treinado para lutar. Será que acordaria se ela o tocasse?

Ansiosa, ela começou a desfazer o laço da calça, a única roupa que ele vestia. Ele parou de roncar, mas não se moveu. A respiração permanecia inalterada.

Ela pousou a mão em seu peito e sorriu quando ele tirou o braço do rosto. Mas Gareth não abriu os olhos, tampouco se moveu novamente.

Ela sentiu o cheiro da cerveja. Seria possível que tivesse desmaiado de tanto beber? Só havia uma maneira de descobrir.

Rhian introduziu a mão pela calça. Gareth enrijeceu ao seu toque. Sentir sua reação foi o suficiente para incendiá-la novamente.

Queria senti-lo dentro dela, satisfazer o desejo que corria em suas veias.

Antes que perdesse a coragem, ela puxou um pouco a calça. Rhian estava ofegante ao se acomodar sobre Gareth, imaginando se saberia fazer isso sozinha. Mas antes que pudesse se decidir sobre o próximo passo, descobriu-se deitada no chão, com Gareth olhando dentro de seus olhos. Tinha se esquecido do quanto ele era ágil.

— O que pensa estar fazendo?

Ela traçou o contorno de seus lábios.

— Não é óbvio?

— O que a fez pensar que sua atitude seria bem aceita?

— Perdoe-me, *milorde*. Não pretendia ofendê-lo.

Aquela mulher acabaria por enlouquecê-lo.

— Não me ofendo com você, só com esse tom de voz.

— Sinto muito. Só queria...

— Oferecer aquilo que eu não quis tomar?

Ela virou a cabeça, tentando esconder o rosto.

— Pelo amor de Deus, Rhian. — Será que ela não entendia o quanto o fazia sofrer? — Por maior que seja meu amor por você, não posso tomar o que pertence a outro.

Um raio riscou o céu, envolvendo a tenda num brilho sombrio.

— Evonne se casará com Braedon.

Ele sacudiu a cabeça, como se não estivesse escutando bem.

— O quê?

— Eu disse que Evonne se casará com Braedon.

Ele lia a verdade em seus olhos.

— Como isso aconteceu?

— Ele não apareceu em meus sonhos.

Gareth não queria saber daquele ritual ridículo.

— E por que você veio até aqui?

Rhian corria o dedo por seu peito.

— Bem, eu pensei que talvez... nós pudéssemos...

Gareth viu o rosto dela corar.

Rhian fechou os olhos antes de admitir. — Eu me sinto em chamas, Gareth. Preciso de você.

— Está assim por causa da bebida? — Por alguma razão, aquela idéia o incomodava.

Um longo silêncio dominou a tenda até ela responder afirmativamente.

— Qualquer homem serviria?

Outro raio cortou os céus.

Rhian sustentou seu olhar e então meneou a cabeça.

— Não, só você.

Ele suspirou aliviado. Então rolou para o lado, puxando-a para seus braços. Os seios estavam pressionados contra seu peito, as pernas entrelaçadas às dele.

Rhian se rendeu ao beijo. Sabia que as emoções que sentia eram por causa de Gareth, não de uma bebida qualquer. O toque de seus dedos em suas costas lhe roubava o ar.

Ela se pressionou ainda mais contra seu peito. Sabia que precisava daquele homem para preencher o vazio de sua vida.

Gareth beijava seu pescoço, deixando-a ofegante. Seu corpo precisava de mais. Rhian moveu os quadris contra ele.

— Gareth, por favor.

Ele sorriu e ficou por cima dela novamente.

— Temos todo o tempo do mundo, meu amor.

Ela tentou prendê-lo pelo pescoço, mas ele fugiu de seus braços e começou a encher seu corpo com beijos que a deixavam cada vez mais febril.

Rhian sentiu o rosto arder quando Gareth se acomodou entre suas pernas.

A fúria da tempestade, que ainda ameaçava arrancar a tenda do chão, não se comparava ao poder dos afagos de Gareth.

Gareth sabia que ela estava pronta. Poderia tê-la possuído no instante em que entrara na tenda. Mas ele queria mais do que apenas seu corpo. Queria que ela sentisse o mesmo desejo que o consumia. Queria que ela soubesse de seus sentimentos.

Como não encontrava palavras para se expressar, demonstraria com seu corpo tudo o que precisava dizer.

Rhian logo se entregou ao mais íntimo dos beijos. Em seguida, Gareth venceu com o dedo a barreira que em breve ultrapassariam

juntos.

Ela ficou surpresa com aquela intrusão, mas arqueou o corpo e agarrou-se aos cabelos dele.

— Gareth, por favor.

Ansioso por satisfazê-la, Gareth a tomou novamente nos braços e virou-se para que ela ficasse sobre ele. Rhian imediatamente se firmou sobre seus quadris.

Ele ergueu a cabeça e lhe deu um beijo que prometia coisas indecifráveis ainda, mas que estava aflita para conhecer.

— Quando quiser, meu amor — ele sussurrou.

Rhian estava mais do que pronta, por isso roçou os seios contra seu peito, arrancando um gemido dos lábios de seu amado.

Gareth colocou uma das mãos entre suas pernas, provocando-a até que ela implorasse novamente pelo fim daquele tormento.

Rhian sentiu quando ele penetrou seu corpo. Estava preparada para sentir uma dor horrível, pois ouvira que isso sempre acontecia. Mas depois de uma leve pontada, não esperava a magnífica sensação que era senti-lo pulsando dentro de si.

Ela ditou o ritmo, rápido ou lento, intenso ou suave, até não suportar mais aquela doce tortura. Desesperada para preencher aquela crescente tensão, ela cravou as unhas no peito dele.

— Gareth, não sei...

Ele tomou controle. Pondo as mãos sobre os quadris de Rhian, manteve-a no lugar enquanto oferecia aos seus corpos a satisfação que tanto ansiavam.

Quando conseguiram voltar a respirar novamente, Gareth lhe beijou a ponta do nariz.

— Satisfeita?

— Não sei ao certo. Podemos tentar novamente?

— Céus, eu criei um monstro!

Ela não pôde conter o riso.

— Não, meu amor, mas cometeu um crime muito grave. — Ela voltara a provocá-lo, acariciando-o com suas mãos e pernas. — Você me arruinou. Perdidamente.

Antes que ela pudesse rir, ele estava deitado sobre ela outra vez.

— O que estava dizendo?

Rhian o cingiu pelo pescoço.

— Precisa me tornar uma mulher honesta, Faucon. Sou uma princesa, não um brinquedo que pode ser facilmente ignorado.

— Minha mente está muito confusa. Você é mesmo uma princesa?

— Sou Rhian de Gervaise, princesa de Mirabilus, futura senhora de... de onde?

— Browan.

— Browan? Será preciso muito dinheiro para tornar aquela fortaleza um lar.

Gareth agora a atormentava com beijos e mordidinhas no pescoço.

— Tenho certeza de que você está à altura da tarefa.

— Que seja. Futura senhora de Browan então — Rhian resmungou.

— Diga-me, futura senhora de Browan, tem planos para amanhã?

— Não que eu lembre. Tem algo em mente?

Ele se sentou no catre e a puxou para seus braços.

— Talvez algum sacerdote daqui possa nos casar.

Ela se apoiou em seu peito, subitamente séria.

— Eu pensei que você iria retirar a oferta. Não sabia se...

Ele a beijou, arrancando um suspiro de seus lábios.

— Minha querida, não jurei que a carregaria sempre em meu coração? Que a honraria como minha esposa para sempre? Meu pedido seria eterno. Tudo o que possuo é seu: meu coração, minha alma e meu amor.

Rhian sentia o quanto o coração dele batia acelerado e percebeu que seus dias de tristeza haviam chegado ao fim.

— Eu te amo, Gareth de Faucon.

— E eu te amo, Rhian de Gervaise.

# Table of Contents

## A escolha honrada

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove